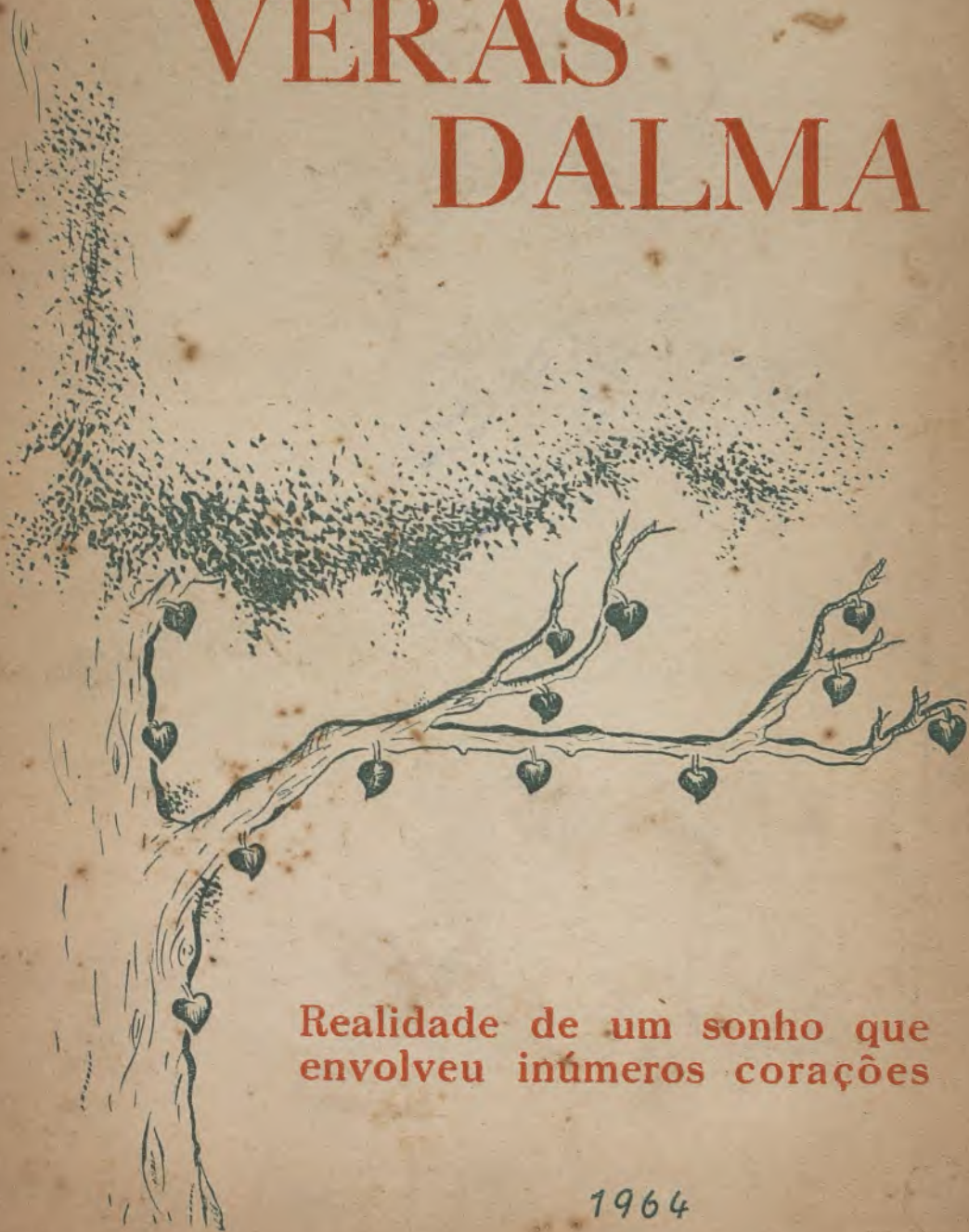


Deoclécio Dias Machado Filho

# VERAS DALMA



Realidade de um sonho que  
envolveu inúmeros corações

1964



---

ENCERRANDO as comemorações do 47.º aniversário do E. C. Iguaçu, realizou-se numa segunda-feira a anunciada conferência do árcade Dr. Deoclécio Machado Filho, intitulada: "Nova Iguaçu poética e seu último boêmio: Jarbas Cordeiro".

Vale notar que, após uma das últimas posses na Arcádia Iguaçuana de Letras, precisamente a do Dr. Raul de Figueiredo Meireles, comentou-se em uma roda o estarem ainda devendo a Jarbas Cordeiro uma publicação ou uma palestra em torno de sua figura.

Não se achava então presente o cronista de "A Sombra dos Laranjais", cabendo nada obstante a ele — grande admirador do poeta — a tarefa de reconstituir-lhe a vida e a obra para um auditório pequeno mas sobremodo atento e interessado.

Houve-se o conferencista com muito acerto, apresentando dados pittorescos sobre o vulto efetivamente singular do vate prematuramente desaparecido, sem que faltasse a suas palavras, todavia, a emoção de quem conhecera e estimara o homenageado, comparilhando de certo modo o sofrimento de que foi alvo, em sendo vitimado por insidiosa moléstia.

Na análise a que procedeu da obra de Jarbas, teve ensêjo Deo-

---

Deoclécio Dias Machado Filho

# VERAS DALMA

Realidade de um sonho que  
envolveu inúmeros corações



1 9 6 4  
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS  
Rua Riachuelo, 128 — Rio de Janeiro  
Estado da Guanabara



Livros de Deoclécio D. Machado Filho:

- A SOMBRA DOS LARANJAIS — 1953 — 1 milheiro — Esgotado. (Crônicas de sua mocidade em Nova Iguaçu).
- SOB O CÉU DE MINHA TERRA — 1956 — (Contos) — Esgotado.
- TRADIÇÃO DE UM NOME — 1956 — 1 milheiro — Esgotado. (Seus esforços pró-construção da sede do E. C. Iguaçu).
- IGUAÇU, TERRA DE GENTE ILUSTRE — 1957 — 1 milheiro — Esgotado. (Estudo sobre os grandes homens do passado iguaçuano).

Teatro:

- “O IGUAÇUANO” — (Peça sobre a vida e obra de Rangel Pestana), já exibida na Arcádia Iguaçuana de Letras e elogiada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio e Câmara de Vereadores, de Nova Iguaçu.
- “NO SOCIETY IGUAÇUANO” — Representativa da sociedade local, rica de tradições, a ser exibida, breve.



Relação de nomes iguaçuanos ou ligados a eles, em ordem alfabética, citados neste livro:

- A** — Armando Sales Teixeira; Aires Rôzo; Alceu Bittencourt; Aixa Soares; Anita Alarcão; Amélia Augusta de Aguiar; Antônio Chaves (Nico); Antônio Papaléu Montoura; Antônio Magalhães; Alcindo Rafael; Altair Pimenta de Moraes; Ataíde Pimenta de Moraes; Astor Tavares Allemand; Albertina Trigueiro Mendes; Alcides Pinheiro Marques Canário; Avelina Azeredo; Avelino Azeredo; Avelino de Andrade; Ari Barbosa da Silva; Asdrubal Braga; Adelaide de Carvalho; Agostinho de Carvalho e Alfredo Soares.
- B** — Berilo Neves; Braz Louro de Carvalho; Benjamim Costallat.
- C** — Cristolino Chaves; Caiuby Jambo; Cibele Cordeiro de Resende Carmen Torres Maldonado; Cial Brito; Celso Kelly; Carlos Vale e Carlos Maul.
- D** — Deoclides de Carvalho e Deoclécio Dias Machado Filho.
- E** — Elizabeth Perrone; Eros Volúcia e Eurico Costa.
- F** — Felipe de Lucca; Francisco Manuel Brandão e Faim Pedro.
- G** — Gilka Machado; Gastão Costa; Gastão Lamounier; Gil Santiago e Getúlio Moura.
- H** — Helena Moura e Herculano de Matos.
- I** — Ibicuí Tinoco de Magalhães e Irmãos Thersos.
- J** — João Müsch (Padre); José Jambo da Costa; João de Almeida Barbosa; José Lopes de Castro; João Sampaio Raunheitti; Jacira Borges; Juventino Borges; José Fróis Machado; João Guimarães e Juvenal Pereira dos Santos.
- L** — Leopoldo Machado Barbosa; Ladislau Façanha; Luiz de Carvalho; Laura de Assis; Léia Pinto Machado; Lauro Schramm; Luiz de Azeredo e Ladislau Santana.
- M** — Marieta Chaves; Margarida Lopes de Almeida; Maria Paula de Azevedo Lopes; Manoel Jacinto Cordeiro; Maria Salomé de Azeve-



do; Maria do Carmo Fróis Machado (mãe do autor); Manoel de Andrade; Maria de Lurdes Almeida e Mário de Andrade Jambo.

**N** — Newton Gonçalves de Barros; Nelson Moura; Noemia Chaves Cordeiro; Norival Chaves; Nelson Magalhães e Nilo Marcos Belém.

**O** — Orestes Correia; Otacilio Amorim e Oberland Farrula.

**P** — Paulino de Sousa Barbosa; Paulo Fróis Machado e Pascoal Testa.

**R** — Raul de Figueiredo Meireles; Raul de Canto e Melo; Rosalvo Cintra Vidal e Ricardo Xavier da Silveira.

**S** — Sebastiana Soares; Samuel Ramos; Sônia Marila Argenta; Silvino Hipólito de Azeredo; Sebastião de Arruça Negreiros; Sarmanho Arrais; Sara Nogueira Cordeiro de Sousa e Sonilton Campos.

**T** — Tobias Dantas Cavalcanti.

**V** — Venina Torres e Vicente Giffoni.

**W** — William Boardman e Wilton Garcia Ramos.

**Z** — Zilmar de Paula Barros.

"Por mais tumultuosos e ameaçadores que sejam os acontecimentos do mundo exterior; por dramáticos e toldados que se apresentem os cenários políticos, sempre haverá remanso de luz onde se encontrem homens de boa vontade voltados para a cultura e aquecidos ao calor do ideal." — Goethe.

— A meus pais agradeço o Amor, cuidados e esforços para que eu chegasse, quanto pudesse, até onde cheguei — O Autor.

— A Geraldo Fróis Machado, já falecido: Na estrada da vida por onde ando, eu te recordo, meu irmão, a cada instante.

— Aos críticos: Confesso que as mais das iguarias são alheias, para o aumento da cultura de quem lê; mas o guisamento delas é de minha casa.

## Introito

**O** QUE procuro fazer, ao longo de toda a minha vida — é imitar aquele velho personagem de certa lenda, contada nem me lembra mais por quem.

Relata a vida de um pintor de flores e pássaros, cujo maior sonho era retratar uma borboleta perfeita. Como sabeis, todos guardamos uma borboleta assim em nossos ideais.

E assim ele fez durante anos. Porém, nunca se dava por satisfeito, visto como é do temperamento dos artistas jamais encontrar o objetivo atingido, pelo menos em vida. A obra prima nunca é completada.

Quando os amigos lhe perguntavam o que era uma borboleta, ele respondia:

— São flores que se distraem e alçam vôo de seus caules.

— Doido! resmungavam.

Mas o pintor, por sua vez, não se importava com as críticas, procurando pintar cada vez melhor todas as pétalas, rosas, borboletas, asas — enfim, todas essas coisas bonitas de seu mundo de sonho.

Suas preces não pediam fortuna, fama, projeção ou mesmo paz de espírito que são as benesses mais desejadas deste mundo, senão o talento suficiente para reproduzir a borboleta de seus ideais, imortalmente perfeita.

\*  
\*   \*  
\*



*E passam-se os anos.*

*Certa ocasião, perto de morrer, alguém o viu de joelhos suplicando a um deus muito seu a sublime e eterna inspiração. E trôpego, então, principiou a lançar na tela as últimas côres da sua existência entre os seres. Foi-se contornando a pouco e pouco a flor distraída de que êle falava, o inseto azul quase vegetal. Era, sem dúvida, esta a mais linda tela que pintava nos seus últimos vestígios como ser atuante.*

*Mas, quando acabou o quadro, estava morto. O pincel jazia ainda úmido e mórno pendendo de seus dedos.*

*Na tela, entretanto, a borboleta azul, iluminada, resplandescente, foi-se desprendendo de tão perfeita, e voou.*

\*      \*

*E assim, enquanto pude, como êsse velho sonhador, procurei trabalhar pela Arcádia: foi o meu gabinete onde muita vez sozinho me detive.*

*Se algum dia daquelas paredes alçar vôo alguma borboleta azul, com certeza que foi a dos meus ideais.*

O A U T O R

## Dedicatória

**G**UARDO uma espécie de ternura quase filial pelo "Correio da Lavoura".

*Respeito a orientação que cada um imprime à vida e suas normas, assim como gosto que acatem a trajetória que me tracei ao longo dos ideais sonhados, embora alguns ainda não vividos.*

*Por isso, talvez que, quando revejo o "Lavoura", de revisão quase impecável, pelo que se tornou o órgão oficial da Arcádia Iguaçuana de Letras, sinta o desfilar contínuo de fatos e pessoas que perpassam por esta cidade, assim nas ruas como nos clubes, cinemas, hospitais ou casas de negócio. Lendo-o, rememoro logo os dias ídos em que, como descendente incorrigível desta gleba, cuidava eu de colhêr, aqui e ali, como quem busca uma rosa, os fastos principais da urbe, hoje estuante e desenvolvida.*

\*      \*

*E que lera eu, da última vez, para dizer tanto, no início dêste livro?*

*Apenas uma coisa preciosa: o aniversário de minha filhinha, ocorrido a 28 de outubro, embora sem os pormenores de que a manhã era azul e linda, os sinos a anunciassem o dia de São Judas Tadeu, por determinação do queridíssimo Padre João, misto de homem e de santo, hoje ausente.*



A partir dêste instante, aparentemente fugaz e literário, minha mente principiou a recordar os cinco anos que completara agora e que, antes de se dirigir ao "Jardim de Infância", do qual é legítima flor, fá-la dirigir-se a mim, beijando e despedindo-se nestes termos:

— Paizinho, até logo. Vou para o Grupo Escolar. A Helena Moura, minha professora, disse-me que conhece o senhor!

De pequenina que era, com sapatinhos guardados em permanente recordação, contemplo-a agora crescida e saudável, com a capa branca exuberante de bolas vermelhas.

— Bonita, paizinho?

E ouço e sinto com os olhos quase umedecidos seu abraço me apertar com o amor que Deus fez florescer no seu e no meu coração.

Ao fim da tarde de 28, um sábado por sinal esperadíssimo, se avolumou ainda mais êsse amplexo que nos ligará para sempre na esteira imperecível das estrêlas. Foi quando percebi o muito de sublime e veraz que existe em seu caráterzinho de criança! Que de atenções e esperanças guardadas de nossas conversas anteriores!

— Papai quando promete uma coisa, cumpre mesmo! Disse que me dava o que pedisse, e me deu!

E novamente trocamos o presente por outro abraço.

Seu coração batia tanto que cheguei a senti-lo, bem como seu rostinho colado ao meu, tão risonho e radioso quanto aquêle sol que passava pela fimbria de nossos morros!

A atitude, espontânea e duradoura, verificou-se como se as avós, tias, primos e amiguinhas não se encontrassem ali, presentes. Mas nós dois, apenas. Pelo que nada me valia mais naquele instante. Nem a lembrança de meus pés descalços pelas pedras úmidas de nossa principal cachoeira, na puerícia. Nem meus cursos, ao depois. Recordações da juventude ingênua e extravagante. Nem meus livros todos, enfim, se comparavam à fisionomia infantil que me fixava, o sorriso tão claro, o olhar tão terno e meigo.

Até no apagar da vela foi a mesma franqueza:

— Primeiro vou dar o bôlo à Iára, sim, papai!

Iára era uma prêtinha, sua colega no Grupo Escolar.

— Agora, êste outro é pro papai!

Deixa que o pai, meio sem graça pela preterição, também tivera uma escurinha assim, mais ou menos na mesma idade. Era a "Ana de vestido azul".

Entrelaçáramos os corações até nisso!

\*  
\*  
\*

A noite, quando já dormia, aproximei-me respeitoso dela, por tantas demonstrações reveladas. Parecia, no sono tranqüilo, como que a repetir:

— Papai é só meu. Iremos trabalhar juntos, amanhã!

E eu, como se estivesse a ouvi-la, respondi:

— Amanhã, queridinha, procurarei ser um paizinho mais chegado a você, como você o merece. Minhas horas de trabalho não nos separarão tanto como vinham fazendo ultimamente. Rirei quando você fizer graça ou rir. Chorarei quando você chorar.

Contemplando-a a respirar tranqüilamente, antes de encerrar a meia-noite de seu grande dia, convenço-me cada vez mais de que você é realmente uma criaturinha extraordinariamente boa e amiga.

Há um lustro exatadamente, na Casa de Saúde onde nascera, preocupava-me demasiado com os mosquitos que lhe feriam a pele, castigando igualmente sua mãe, exaurida pela dor e pela espera.

Enfim, você nasceu. Mas hoje, apesar de tudo, me sinto inteiramente satisfeito e recompensado.

\*  
\*  
\*



*E para mim, neste final, repito que somente o "Lavoura" me faria lembrar tais passagens, tão íntimas e saudosas. É que ele noticiara com igual carinho para a família iguaçuana, o nascimento da robusta menina, a quem homenagem neste pórtico.*

## Uma explicação

**R**ECEBI de pessoa amiga uma carta bem iguaçuana em seus termos. Porque profunda, animadora, atenciosa e incentivadora ao mesmo tempo. Dir-se-ia haver alguém subido ao céu para, nas dobras de uma nuvem, colher tanta ternura e poesia, beleza e elevação.

Relembrava as lutas e adversidades que enfrentara na juventude, achando agora, no sazonar de minha vida, que eu vencera todos os percalços, inclusive dentro de mim mesmo.

— Você renasceu pelo espírito! afirmou.

E acompanhando-me passo a passo, desde que comecei a laborar, há vários lustros, foi recompondo o meu passado, o rapazêlho tímido, o professor particular, o acadêmico batalhador, o adulto idealista, o profissional atuante, o homem que nunca se queixou da vida, mesmo em horas tempestuosas. E sempre amando a sua terra. Recordou o que já tive e já perdi. O que esperavam de mim e o que realcei, tudo revestido de um respeito e consideração de comover. Pelo que deduzi, antes do fêcho, tratar-se de pessoa realmente chegada, compondo com sua espontaneidade um poema de amizade, que não transcrevo por discricção justificável.

Falando francamente, tive até a impressão de já haver morrido, visto como somente a morte elimina tantos defeitos, fazendo fulgir apenas as qualidades, como um diamante. Vislumbrei nas entrelinhas a Verônica que se escondia a refrescar piedosamente o meu rosto. Esforçando-se prin-



principalmente por ocultar, por detrás do sudário limpo, a sua discreta amizade.

Respondendo-lhe emocionado, afirmo-lhe por meio destas que jamais me arrependi do que me tracei, pois ninguém foge ao que é. Trazemos uma herança. E eu já era assim. Repare como o ôvo, antes de ser crisálida, traz em seu bôjo até a côr da borboleta. O pó irisado de suas asas.

Desde menino, ali mesmo onde morava, nos canteiros de minha mãe, que adorava plantas, já colhia eu estas lições. Pela calçada, do lado de fora, perpassavam as criaturas. Cada qual com seu Destino.

E em mim tudo latente.

Uma coisa, porém me ficou. É que a vida modesta não faz mal a ninguém. Hoje, estou mais certo disso.

Repare como as violetas enchem de suave fragrância o ambiente, mas preferem permanecer discretas, à sombra de verdes fôlhas, em forma de coração.

E eu colhi essa solitude, embora não dispense, à volta, os corações benfazejos.

O ser humano é gregário também por excelência.

Quando posso, vou mais além um pouco, espalhando pela imprensa, livros, palco e profissionalmente, as meias-luzes de meu espírito. Dando de graça o que de graça recebo, para melhorar o meu carma, isto é, os meus caminhos no Infinito.

Observe só a lição da cruz, o que ela significa, como grande símbolo; — o ser e o agir. Quem age em horizontalidade, em favor do próximo, recebe bens em verticalidade. Do alto. Pode ser um Kruchev ou um João XXIII.

Exatamente no meio deve estar o nosso coração. Como o do Nazareno.

Quando nada posso fazer por limitação, deténho-me a contemplar o que outros fazem. Ou me inclino a apreciar a Natureza, filha de Deus, procurando entender como pôde aquêlê ioga fazer cair espinhos e mudar o colorido da rosa, pela persuasão, pois nada disso do que gosto me en-

fada. Antes me ensina e me melhora. E me recreia. Distrai. E eu já nasci assim.

Enfim, por quanto foi dito, o meu muito obrigado. Não mereço nem a metade.

Quanto ao mais, que nos aproximemos daquelas flôres discretas, à beira dos jardins, onde há mais beleza que mesmo na minha própria vida. Nelas é que viceja tudo quanto adorna a sua carta gentil, recebida numa manhã de sol, o céu azul, as aves indo e vindo como que a aguardar esta mensagem de volta, o coração batendo no peito da passarada.

Por causa desta carta é que resolvi publicar o presente livro, em que vai muito da Arcádia, minha outra filha.





## Do sonho à realidade

**E**M 24 de julho de 1955, disse meu amigo Luiz de Azevedo, o *Arauto*:

Em palestra nesta redação, onde há pouco se encontraram casualmente Francisco Manuel Brandão e Deoclécio Dias Machado Filho, disse-nos o poeta de Terra Pauxí, já de regresso de Manaus, que nos órgãos de imprensa de lá os intelectuais não têm vez... Entregues os originais de seus trabalhos na redação dos diários, ali ficam esquecidos, às vezes para sempre, no fundo das gavetas. Não há o estímulo indispensável aos que se dedicam às letras, aos que se empenham com amor e arte nos empreendimentos culturais. Mas neste jornal, em cujas colunas aquele apreciado folclorista publicou as suas primeiras letras, já demonstrando magníficos pendores literários, tal não acontece, embora dentro de suas possibilidades limitadas de semanário do interior. E foi precisamente isto o que



desejou acentuar o elegante cronista de "A Sombra dos Laranjais", pondo em relêvo, no último artigo que publicou, a colaboração incondicional desta fôlha a um dos mais belos e felizes movimentos a que já assistimos em Nova Iguaçu — o que tem o objetivo de fundar, em bases consolidadas pela inteligência e cultura, uma academia ou arcádia de letras.

Uma vez lançada a idéia, conjuntamente por Deoclécio Dias Machado Filho e Raul de Figueiredo Meireles, outra não poderia ter sido a acolhida que o jornal fundado por Silvino de Azeredo — ainda a manter em nossos dias os mesmos princípios e diretrizes com que surgira em público em 1917 — deu àquele movimento, que não tinha e não tem outro intuito senão o de concorrer, glorificando os nossos maiores vultos do passado, para o desenvolvimento literário, artístico e cultural de Nova Iguaçu, que hoje já se coloca, sem favor algum, entre os Municípios mais notáveis do Brasil. E, se tínhamos razão de sobra para recebê-lo com tôda a simpatia, transmitindo-lhe o calor de nosso entusiasmo, dando-lhe fôrça a fim de prosseguir na trajetória iniciada para atingir tão sublimes objetivos, logo se confirmou pela significativa e alentadora repercussão que êle tem alcançado em nosso meio social, não lhe negando aplausos nem apoio as pessoas de alta compreensão e, por isso mesmo, as mais conceituadas e ilustres de Nova Iguaçu.

Seria a nossa Arcádia organizada à semelhança das academias de letras, com seus patronos, sócios efetivos e correspondentes. Os primeiros, em número de vinte, deveriam ser iguaçuanos natos que, no passado, tivessem feito dignamente por onde nos legar um patrimônio moral e cultural. Os segundos, inicialmente em número de quinze, seriam escolhidos entre iguaçuanos natos ou adaptados que apresentassem trabalhos publicados ou fôsse considerados de indiscutível valor intelectual. Deveriam êles eleger, posteriormente, os cinco membros restantes, de comprovado merecimento, para que se completassem os vinte membros efe-

tivos, os ocupantes das cadeiras com os nomes de seus respectivos patronos. E os terceiros e últimos, possivelmente uns trinta ou quarenta, teriam que ser escolhidos em diversos Municípios dêste Estado, visando aproximar-se, através de maior entendimento e colaboração entre os intelectuais, de outros centros adiantados da terra fluminense, a fim de conhecer-lhes melhor as figuras eminentes e a contribuição que elas deram para o alevantamento do nível intelectual de seus conterrâneos.

Como a indicar a grandiosidade da idéia em marcha para se tornar uma realidade, logo surgiram uns poucos que lhe menosprezaram os propósitos, que lhe atribuíram de antemão exemplos de frases tôlas e sem nexos, que lhe fizeram, enfim, restrições sem cabimento algum, pois a sociedade que se cogitava fundar não impedia nem impede absolutamente que outros movimentos, com programas diferentes e mais amplos, se façam com êxito em Nova Iguaçu. Ademais, a Arcádia que se idealizou, sôbre ser de exaltação dos filhos ilustres de nossa terra, em virtude do muito que fizeram por sua valorização e grandeza, abre perspectivas a outras realizações culturais em Nova Iguaçu que, segundo os versos inspirados de Leopoldo Machado,

*Depois da Arcádia, espera que lhe dêem  
Teatro Moderno e Biblioteca Pública,  
Que são seus três mais justos ideais!*

De fato, ao concretizarmos essa idéia, teremos dado mais um passo para que Nova Iguaçu, além de centro econômico respeitável pelo trabalho de seus filhos no campo, no comércio e na indústria, seja também uma expressão de inteligência e cultura dentro do Estado do Rio.

\*  
\*   \*  
\*



E já em 24 de abril de 1960, escrevia eu, realizando:

E, sem dúvida alguma, que na Arcádia Iguaçuana de Letras se encontram os maiores de nossos poetas, senão os únicos. E não é difícil de comprovar-se o fato, visto como, da relação dos ocupantes de cadeiras, pelo menos 10, dos 20 membros efetivos, fazem versos. Afora os que, não se dedicando exclusivamente à rima, possuem seus sonetos e outras estrofes publicados.

Assim é que lá se encontram Zilmar de Paula Barros, com seu excelente livro "Painéis"; A. Pimenta de Moraes, com "A Vitória de Samotrácia"; Newton Gonçalves de Barros, com "Mansos como as pombas"; Sonilton Campos, com "20 trovas e sonetos"; Francisco Manoel Brandão, com "Terra Pauxi"; José Jambo da Costa, com "Poesias", além de outros que citarei mais adiante, cultores desta maravilhosa arte que consideram a raiz de todas as outras, ou a coroa, se assim o preferirem.

É preciso não esquecermos que na Arcádia pontificava também o Prof. Leopoldo Machado, misto de poeta, historiador, conferencista, escritor e jornalista, autor de inúmeros sonetos, inclusive do que se encontra emoldurado, comemorativo da fundação da nossa Arcádia. Nela se deparam, outros nomes, com quase uma centena de versos publicados em nossa imprensa dominical, considerados que são igualmente como amantes dessa florescência divina que é a Poesia, — flor radiosa da espiritualidade — todos com suas obras a imprimir em livro. Sem dúvida que eles mesmos pugnam ansiosos para que todos tomem conhecimento de sua linguagem mais alta, do fundo sentimental que lhes vai no coração.

Daí, meu respeito incondicional à Arcádia. Aos que nela atuam e fazem chegar até nós os eflúvios benéficos de suas atividades, de suas inspirações, de suas esperanças, enfim.

Quando, daqui a alguns anos, a esteira do progresso se estender ao longo de nosso grande Município, depois de coberta ou disfarçada a parcela de má-vontade de alguns, em

relação aos nossos poetas, ter-se-á aumentado o número dos verdadeiros amigos desta terra. Não se pode compreender desejo de progresso, interesse cultural e quejandas confissões, com as omissões e indiferentismos que ocorrem, sobretudo com respeito às letras iguaçuanas.

Neste instante em que escrevo com os olhos e coração voltados para o nosso imenso Brasil, em vésperas de inimaginável transformação, penso outro tanto no que foram os grandes poetas na formação de nossa nacionalidade. Sem Castro Alves, como se faria a libertação do cativo? Sem Gonçalves Dias, como o louvor de nosso indianismo? Sem Olavo Bilac, como ensinar aos jovens o amor à Pátria e à Bandeira? Sem Afonso Celso, como cantar a grandeza do nosso porvir? Todos com as suas estrofes simples e doces, como se feitas, no dizer de Humberto de Campos, em turbulos de prata e ouro.

Em Nova Iguaçu põe-me a pensar essa espécie de resistência aos que colhem suas rimas nos mais encantadores recantos onde se estendem as flôres de nossos laranjais; onde pausa e pia soturnamente a nossa bela e cinzenta rôla; de onde se evola, principalmente pela manhã, o cheiro forte de nossas campinas verdejantes, onde as vacas chegam a amassar os veículos descuidados que por elas ousam passar...

Talvez o iguaçuano ainda não saiba bem do valor do Poeta e de sua amante — a Poesia — para quem o mundo, como existe, não basta. E reclama e deseja mais, embora ambos sejam contemporâneos do primeiro dia da Criação, isto é, da infância do mundo.

Por isso, talvez, é que Manuel Brandão esteja sempre a rir, como quem está continuamente a surpreender, nesta terra, algo que outros não vêem.

Pimenta de Moraes também ri muito. Zilmar de Barros e Newton Gonçalves, idem. Deve ser pelo mesmo motivo. Andam permanentemente sintonizados com a Natureza, esta perpétuamente em festa, como um seio de mãe



a transbordar carinhos. Olhando a vida no chão. Vendo a vida nos ninhos, à sombra dos laranjais!

E, partindo do princípio de que a Poesia é que toca o coração do povo, sobretudo a popular, o melhor método político a ser adotado seria aquêle em que os poetas da Arcádia fôssem bem distinguidos e amados. Porque sòmente através dos versos, sobretudo regionais, se consegue empolgar e unificar a alma do povo em tôrno de uma questão, como aconteceu ao tempo de Homero, cuja Odisséia, divulgada pelos rapsodos, exaltava os feitos patrióticos do astucioso Ulisses. E, como ocorreu entre nós relativamente há pouco, quando tivemos as poesias dêsse mesmo Castro Alves cantadas pelos negros, ao fazerem a propaganda abolicionista a seu favor.

Aqui fica, portanto, a prova de como agir pela grandeza do que é nosso e dos nossos maiores, os poetas, as mais das vêzes mal colocados no lugar em que merecem, mal compreendido sobretudo o ninho, o grande ninho do qual alçam o vôo — a Arcádia Iguaçuana de Letras, — onde entre os seus pares, antes de virem a público, revelam suas emoções, exteriorizam o seu canto, recolhem suas alegrias antes mesmo de chegarem aos olhos alheios, sob a forma de lágrimas felizes.

Se tudo isto vale alguma coisa, que cantemos. Porque, se deixarmos passar tal período para que o futuro o consagre, que juízo triste farão de nós os pósteros, certos de que vivemos entre poetas e heróis, sem que entendêssemos, dêles, a linguagem e o coração? E quando, em Nova Iguaçu, tivermos outros assim? Em tal quantidade? De tais qualidades?

**E**M páginas atrás falei sôbre a Poesia. Agora, dentro de minhas deficiências, tentarei escrever sôbre a Oratória nesta importante Casa, uma vez que nela pontificam figuras ilustres que cultivam, entre nós, a chamada arte concionatória.

Aliás, Nova Iguaçu — embora o público ledor não o saiba — sempre foi uma terra de oradores mais ou menos atuantes. Pena é que sòmente a política os arraste para a arena ou praça pública. E todos percamos, nos períodos de interregno, as melhores oportunidade de ouvi-los. Sobre-tudo, o verbo elegante, terso e inspirado de alguns, como por exemplo o do Cap. Paulino Barbosa, agora a viver enclausurado como uma patativa, não em uma gaiola, mas em sua residência de madeira, a aguardar o bruxoleio de seu canto, antes tão mavioso e límpido!

Quanto o procuramos, para ouvi-lo!

Ainda me lembra bem de seu período áureo, cabelos negros, lisos, repartidos ao lado, a testa quadrangular em sua cabeça comprida, de dolicocefalo, a estatura de quase dois metros, a produzir imagens ousadas, senão encantadoras, tanto nas festas cívicas como nas de igreja. Possuidor de memória rica, sempre pronta para a citação de histórias literárias, ao longo de seus períodos, caprichosamente tecidos, — nada obstante o seu porte, foi uma espécie de D'Artagnan magro nessa arte fabulosa e invejada, a qual, consoante Vitor Hugo, "cultivada numa tribuna, cria sempre raízes em algumas parte". Doente, desistiu da confraria.

Pena é que poucos, da geração de hoje, hajam tido a ocasião de ouvi-lo, êle que dera tudo para chegar ao que realmente foi, principalmente falando, mais que escrevendo.



Aos poucos, os cultores do ofício em que os gregos chegaram ao máximo vão perdendo a oportunidade de escutar os bons oradores em nossa terra, cheios de ornatos e atavios, tecidos para o encanto eterno de alma de quem os ouve. Mesmo porque os tempos modernos estão a exigir períodos incisivos, curtos, mais objetivos. A arte chamada de concionar, essa vai ficando para trás, com seu manto de saudade. Como tudo nesta vida.

Com a criação e o desenvolvimento da Arcádia Iguaçuana de Letras, entretanto, a despertar o entusiasmo de muitos, entre os quais se deve incluir o das vocações, é provável venham a ressurgir, aqui, novos valores, pelas inúmeras oportunidades que lhes serão ensejadas, visto como seu auditório estará sempre aberto para conferências e cursos em tal sentido, como o recém-promovido pela Academia Brasileira de Oratória, tendo à frente o Arcade Luciano Pinto.

E a oratória como arte pura, sonora, em que até os gestos e voz devem ser cuidados, — como o provou a última conferência do Acadêmico João Neves da Fontoura — encontrará certamente na Arcádia a guarida e oportunidade necessárias.

Os temas, desde que elevados, poderão até ela ser conduzidos, uma vez que se ajustem aos estatutos da Casa, assim como também no estilo e na harmonia, para que possam servir a todos indistintamente.

Aliás, a oratória sempre interessou a muitos, desde remotos tempos. Ainda me recordo das perguntas feitas a vários mestres, embora em épocas diferentes, sobre qual a maior das artes.

Leonardo da Vinci manifestou-se pela pintura. Miguel Ângelo, pela escultura. Kant, pela poesia. Fechner, pela arquitetura. Schopenhauer pela música, cada qual procurando assegurar a primazia para a que lhe mereceu a preferência. Isto porque antes, o gênio de Quintiliano se revelara entusiasticamente a favor da eloquência — para ele, a

soberana das artes! E embora ficasse difícil saber-se qual o maior: se Homero ou o escultor Fídias; se o dramaturgo Shakespeare ou o músico Beethoven; se o pintor Rubens ou o romancista Tolstoi — o fato é que, se todos os indivíduos pudessem, tornar-se-iam, entre outras coisas, oradores, visto como a arte, qualquer que ela seja, um belo dia precisará de sua exposição, senão de sua defesa... Demais disso, é certo que Platão, o maior de todos os filósofos, amiudemente procurava mostrar a superioridade da palavra falada, como engenho humano. E tecia paralelos para provar que o orador é sempre um homem de seu tempo perfeitamente integrado nas aspirações coletivas. E que só depois da morte é que é vencido pelos adversários.

E aqui em Nova Iguaçu temos tido sobejas provas do que vai acima.

Além de políticos militantes como o Arcade Getúlio Moura, que pronunciou, inclusive, o discurso inaugural da A.I.L., quase todos os discursadores desembaraçados exercem influência sobre as massas. Lástima é que muitos dêles não procurem aperfeiçoar-se. Nada lêem senão jornais e revistas ao alcance de todos, de modo que as imagens, quando não surradas, são quase sempre importadas. Principalmente de autores modestos. Não possuem o gosto da boa leitura. Por isso, só serão líderes, enquanto não aparecerem outros, só residindo a sorte dêles no fato de ser realmente longo, difícil, moroso, o processo de formação de outros bons competidores, na arena da Praça da Liberdade...

Como quer que seja, Nova Iguaçu os tem, e já os possuiu, e muitos. Não tão rebuscados, meio varonis, sibilinos alguns, ditatoriais nas pretensões, idealistas enrustidos, a olhar as massas como algo feito para se encantar e ao mesmo tempo enganar, coisa que infelizmente os bons oradores aprendem a fazer, desde os tempos mais recuados. Nem mesmo o povo grego e romano disso se livrou. O que os fez matar os dois maiores gênios, nessa arte: Demóstenes e Cícero. Mas, como dizia, Nova Iguaçu os possuía não tão va-



ronis, meio tenores. Porém sóbrios, como o Sr. Ladislau Façanha, redator de "A Comarca", jornal que se imprimia numa oficina situada na Rua Marechal Floriano, no trecho compreendido entre a Otávio Tarquínio e a Igreja de Santo Antônio. Como o Sr. Samuel Ramos, também poeta, possuidor de bom vocabulário e imagens. Discursava com facilidade, principalmente inspirado nas musas que por aqui andavam por volta de 1908, consoante relato de Paulino Barbosa.

Mais ou menos na mesma época, havia o Sr. Raul de Canto e Melo, igualmente, meio lírico. Além de seu ofício, permanecia entre o soneto e os discursos.

O Sr. Deoclides de Carvalho, funcionário dedicado e exemplar da Estrada de Ferro, do mesmo modo se dividia entre os salões e a praça pública, nessa cidade. Até mesmo o Sr. Avelino de Andrade, que hoje dá nome a uma das cadeiras de nossa Arcádia de Letras, já por aqui figurava como professor e advogado respeitável, jornalista e poeta, com inúmeras obras impressas.

Fêz três discursos importantes, durante os seus três casamentos, com três irmãs, com as quais ia-se ligando, à proporção que iam morrendo. Sôzinho, consorciou-se com uma família inteira da Velha Iguaçu. Foram-se, e êle permaneceu em sua obra, que a Arcádia, provavelmente em tempo oportuno, ainda mostrará. E entre outras coisas, que a oratória não morreu nem é arte decadente. Existe ainda muita gente viva, por aqui, amantes da arte de Vieira.

Em noite próxima, será reunido tudo o que se puder, sob o título acima, com as galas que convêm, abertos seus salões, lustres acesos e seleta assistência, para a entrega dos diplomas da Academia de Oratória, idéia original, como disse atrás, de Luciano Pinto.

\*

\*

\*

Mas nem tudo na A.I.L. é Poesia e Oratória.

Vejamos, mais adiante, que também há Teatro. Nela, já fiz representar "O Iguaçuano", de minha autoria.

Antes, porém, contemos como na Arcádia pode ingressar um de seus membros.

Começemos pelo jovem Arcade José Fróis Machado, relatando sua história tão curta quão interessante, ligada ao seu ingresso no sodalício. Merece contada, porque é parecida com a daquele sujeito inteligente, mas que tinha receio de ser julgado feio, pela amada. É segredo de irmão.

Para início de conversa, esclareceu que principiou a comunicar-se com ela através de artigos semanais, fazendo do "Lavoura" o seu "Correio" amoroso... Depois, falou-lhe pessoalmente.

Houve no início longa e febril troca de idéias entre êle e ela; a Arcádia. E, embora sendo vários os assuntos trocados, compreenderam-se. Amaram-se. A mulher, no caso, ficou deslumbrada pela fulgurância de seus argumentos, o que fêz com que, de logo, marcasse um encontro pessoal, através de emissário.

Êle então pensou, pensou. Negaceou a princípio. Lançou mão de desculpas azuis, encontros marcados em certos bosques iguaçuanos, onde havia duendes ou lêmures com os quais teria de lutar antes, com capa e espada. Chegara até a suplicar-lhe perdão, porque os idílios tangíveis desta espécie só em ocasiões muito oportunas — tudo para ocorrer certinho, dentro dos planos de encantá-la cada vez mais.

Realmente — revelou-nos ainda — precisava dar tempo ao tempo, embora sofrendo demasiadamente com a ausência.

Mas, e se se apaixonara igualmente por ela? Que fazer?

Desta sorte, lançando mão de seus próprios recursos, sem comunicar-se diretamente, resolveu delicadamente enviar-lhe uma rosa por semana. Bela e viçosa. E nisto, pacientemente, levou meses inteiros, preferindo, aliás, o mesmo mensageiro. Tudo anonimamente, como seria imprescindível, calculadamente indispensável.

Ela, sendo mulher, certamente não se agüentaria: tudo faria para descobri-lo e até mesmo localizar o incorrigível



romântico, fornecedor das imarcescíveis pétalas de beleza quase eterna e incomparável, dentro de tais motivações, tão soberbas quanto originais.

Dito e feito.

Em pouco, ela já não resistia. E iniciava investidas através de A, de B, de C (as iniciais existem) sobre o intermediário, que principia a ceder.

Desconfiado então, com medo de que toda a poesia criada se perdesse numa súbita confidência, resolveu ele próprio comparecer à casa da amada, com a entreaberta rosa entre os dedos.

Ajeitou-se, botou o melhor terno, caprichou no laço e foi-se com a perfumada flor, haste e tudo, bater à porta da pretendida, justamente à hora em que ela chegava de um deambulo investigatório. Era a "hora da rosa", chamemos assim.

— Mas só agora, José, que você me aparece? Ando já tão nervosa... São tantos a me quererem!

— Como você me descobriu? Já sabe quem sou?

— O Luiz tem muitos pontos fracos... Aliás, a turma toda da AIL... Todos já sabem... A, B, C, D, etc., até o Z do Zilmar...

— Será, então, que cheguei inoportunamente?

— Chegou sim, porque estamos a perder tempo. E comece a abraçá-lo e a envolvê-lo de mil carinhos.

— Entremos, é melhor... Tome a flor... Daqui em diante, virei mais vezes!

— Encantada! — E leva o presente aos lábios... Depois, o dono... Como nas fitas de cinema.

E transpuseram ambos, qual felizes noivos, os portais luzentes da Arcádia, para eles agora com a beleza dos altares floridos e o incenso da catedral sonhada pelo Battu, famoso bispo que por aqui passou...

Os demais tiveram ingresso mais ou menos idêntico, através de trabalhos poéticos, publicados pelas mesmas colunas do antigo semanário, jardim pontifical dos poetas e escritores iguaçuanos.

DEPOIS de tanto tempo de acolhida à Arcádia Iguaçuana de Letras era natural que, de tal escritório, onde se realizaram tantas reuniões memoráveis, surgissem contos e até lendas originais.

Situado em recanto aprazível de espaçoso jardim, coberto de pedrarias — as que constituem a riqueza e o orgulho dos Vigné, — durante cinco anos, pelo menos, deu guarida e enternecimento a quantos aspiram ao ideal sublime de servir à sua terra, quer conhecendo-a melhor, quer estudando-a.

Com a escada de cerâmica, pintada de branco, a começar junto ao tronco de imenso *flamboyant*, antes envolto por filodendros, tal escritório passou a constituir o local de encontro dos amantes de teatro, de história, literatura, cinema, música, pintura, de todas as formas superiores da Arte, enfim, em Nova Iguaçu.

Os livros, como era de se esperar, constituem o principal elemento daquela sala, distribuídos pelas paredes. Quase um milhar deles, entre autores nacionais e estrangeiros. Uma mesa escura, a um canto, exhibe tinteiro de metal, quebra-luzes, agendas, papéis de linho para a correspondência, duas gavetas largas, em cujo interior são colocados os documentos mais importantes, ligados às propriedades e contas bancárias de seu dono, um dos personagens desta história.

Para completar o recinto, deve-se esclarecer que o chão é coberto de grosso tapete cinza, para ensurdecer as passadas, e as portas e janelas vestidas de cortinas listradas, luxuosas, mas bem sóbrias.



Este ambiente silencioso e discretamente requintado, onde se reúne tanta gente, é que teria sido palco do que relataremos a seguir:

Contam que seu proprietário, de uma ocasião, em noite alta, presentes quase todos os árcades, resolvera oferecer a cada qual uma lembrança inesquecível dos agradáveis encontros, naquele local. Ao desejar, porém, que ela fôsse tão útil quanto imorredoura, cuidou de distribuir, em vez de presentes raros, perecíveis pela ação do tempo, algo que se revelasse expressivo, quiçá eterno. E lançou mão de inúmeras sementes que guardara numa bandeja, de longa data, entregando-as uma a uma, com a recomendação de que fôsse plantada no melhor e mais fértil recanto de suas residências, pois as razões principais daquele gesto só apareceriam tempos depois. Seriam a prova irrefragável de sua estima aos companheiros mais chegados da confraria.

Concluída a explicação, todos se retiraram. Cada qual se recolheu com a singela lembrança daquele ambiente livresco em que muito se falou dos enormes objetivos da Arcádia Iguaçuana de Letras. Sua ação no futuro.

Como não podia deixar de ser, pela estatura intelectual do ofertante, calcularam que o presente valeria muito, menos pelo aspecto exterior do que pela mensagem interior que haveria de conter. Qual seria? Era a interrogação que dominava a todos, embora, neste comenos, só coubesse a recomendação bem clara de que plantassem o mais breve possível.

\*  
\*   \*  
\*

E foi o que fizeram. Nas clareiras de cada um dos quintais a semente foi depositada com carinho e umedecida. E coberta de seixos.

Cada dia que passava, mais os árcades ansiavam por vê-la. Quando surgiria a comunicação fraterna? A tarde? Pela manhã? Em noites de orvalho, com luar, considerando

os dons poéticos do autor? Ou pela madrugada, estimulada pela neblina que a tudo envolve?

O fato, porém, só muito tempo depois, com a fronde já espessa, das pontas tênues dos galhos é que começou a surgir a pevidezinha ensejada, dentro da qual se encontrava a essência filosófica do vate do escritório. Numa folha de celuloose enrolada, qual milagre da natureza, dezesseis itens se continham, em caracteres miudos, mas em comunicação elevada. De seus contactos diários com grandes autores, sobretudo com Fulton Sheen, que lera na véspera, resultaram aqueles 16 mandamentos que fêz semear para o engrandecimento geral. Eis como se revelariam em grandes conselhos aos queridos árcades:

1 — “Prove um livro ou revista antes de ler, pois podem ser amargos ou mesmo podres. O espírito é mais importante que o estômago. Assim como alguns alimentos só servem para a lata de lixo, também muita leitura não é adequada ao espírito.

2 — Um espírito que não se aperfeiçoa através da leitura não permanece o mesmo — torna-se mais obtuso. Os muros brancos não ficam alvos tôda a vida; os músculos que não se exercitam se atrofiam, e o espírito que não absorve alimento mental pode morrer de fome.

3 — Extremo oposto é dirigir todo o estudo numa direção. A superespecialização — disse Darwin — arruinou seu espírito, pois devido a ela, perdeu êle todo o gosto pela música, pela poesia e pelas artes. Muitas teses nas universidades são sobre temas tão especializados que não beneficiam nem o estudante, nem a universidade nem o público em geral.

4 — Limitar a leitura ao jornal e aos magazines populares é cair na uniformidade e no marasmo do formigueiro. Quando todo o mundo sabe a mesma coisa, ninguém sabe nada.

5 — A melhor hora de estudar depende da constituição de cada um. Uns nascem galos e fazem melhor seu trabalho



pela manhã; outros são corujas e têm melhor atividade intelectual à noite.

6 — O comportamento pode condicionar o conhecimento. Um estudante que não vive uma vida sadia, fechará a cara a toda leitura que chame às contas sua bancarrota moral. Um ladrão de banco não tolera um holofote sobre ele enquanto dinamita o cofre; nem sequer um homem mau a luz da verdade brilhando sobre suas más ações.

7 — Assim como o alimento é mastigado, a leitura também deve ser. Do mesmo modo que na boca há sucos digestivos, o espírito tem sucos mentais para transformar a leitura em saber. Do mesmo modo que a madeira deve ser cortada antes de ser queimada, a leitura deve ser meditada para adquirir seu pleno sabor.

8 — Os olhos não vêem sempre; de vez em quando piscam ou entram em cegueira momentânea. Assim o espírito tem de afastar-se do que está estudando, a fim de refletir sobre o conhecimento, e dê-se modo compreendê-lo melhor quando voltar ao livro.

9 — Não mantenha sempre um espírito aberto, que é ler tudo sem tomar decisões. Um espírito aberto, que nunca decide sobre o que é verdadeiro, pode virar apenas uma cabeça aberta e vazia. A boca aberta que nunca se fecha sobre o alimento, morre de fome.

10 — Se o livro é seu, leia-o com um lápis; marque as passagens importantes para uma segunda ou terceira leitura. Se não é seu, esqueça a sugestão. Isso não servirá a Anatole France, que disse que os únicos livros que tinha em sua biblioteca eram os emprestados por seus amigos.

11 — O Livro do Mês não é necessariamente digno de leitura. Se nunca ler "As vidas de Plutarco", é como se esse livro acabasse de sair do prelo. Emerson aconselhou que nunca se lesse um livro a não ser depois de um ano de publicação. O que é a última moda, não é necessariamente o melhor. Que aconteceu com os vestidos da moda saco?

12 — Ler somente romances ou ver na televisão exclusivamente dramas e "westerns", excita as emoções por objetos puramente fictícios e irreais. Mais tarde, quando as emoções devem ser despertadas por um motivo verdadeiro, descobrir-se-á que elas estão exaustas. O mundo moderno perdeu, assim, o poder da indignação moral.

13 — Fariam bem os estudantes em lembrar que não vale a pena seguir algumas classes nos colégios. Entre elas principalmente há aquelas em que os professores ditam suas notas; e também a classe em que as estatísticas são dadas somente para aquele ano. Um bom livro vale mais a pena do que alguns cursos.

14 — Não há atalhos para o conhecimento. Não existe caminho fácil para aprender uma língua estrangeira ou matemática. O gesto por tudo que é belo e nobre é o resultado da disciplina e trabalho árduo.

15 — Um homem pode ser muito inteligente, saber muito, publicar muito, assombrar os professores e ser um demônio. O conhecimento por si mesmo não é sanidade. A bondade está na vontade e não no intelecto.

16 — Reze antes de estudar, pois embora o conhecimento venha dos livros, a sabedoria provém de Deus".

Dada a rapidez com que tantas verdades se espalharam, sobretudo pelo jornal da localidade, muitos principiaram a se interessar pelo evento.

Por isso, grande foi o número dos que vieram a afluir àquele escritório, a fim de colher outras benesses.

Quem sabe se novas mensagens não poderiam advir de mais sementes?

Pois o dono daquela sala passou a constituir o centro de inúmeras atenções. Inclusive de criaturas da mais variada formação, umas de bom aspecto exterior, mas sem bom conteúdo; outras, inteligentes, mas sem leitura; outras, com muito conhecimento, mas pouco caráter; outras ainda,



legítimos vilões, tanto por dentro como por fora — todos ensejando participar da Arcádia, das reuniões, do grupo, enfim, que, da noite para o dia, passou a despertar o entusiasmo de muitos e a inveja de poucos.

O escritório, ultimamente, até, já andava fechado. Seu dono necessitou de mudar-se para um “atelier” nos fundos, onde atendia aos mais chegados. Teve de esconder as 9 sementes que sobraram, das onze que distribuira, entre os presentes, naquela noite. A Arcádia sempre possuíra vinte, entre os seus.

Mesmo assim, não pôde evitar o assédio de um dêles, do mais insistente, invejoso, cheio de influência, o qual, aproveitando-se de um descuido, certa feita, durante um telefonema, retirara não uma semente, mas duas, na esperança vã de superar a todos, pelo excesso.

Depois de ocultá-las no bôlso, hábilmente, despede-se satisfeito, antevendo o êxito que alcançaria mais adiante.

\*  
\*   \*  
\*

Passado algum tempo, desenvolvem-se os ramos dessas sementes, colhidas sub-repticiamente.

Abre-as feliz. E emociona-se com o esperado: Numa delas, a mensagem era a mesma. Guarda-a em suas verdades, quase eternas. Na outra, entretanto, a inscrição era diferente: “Êstes itens ainda podem ser melhorados se retirar do livro de seu amigo, à página 43, “O Cavalo Branco” de neve. E continua: “Com êle, muito branco, muito leve, galope sôbre o mar. Pois nesse belo cavalo de prata pode caminhar pela serra, pela mata, pelo mundo do luar. Ao fim dêste, atingirá a meta, isto é, o mundo do sonho e da poesia, nunca dantes alcançados”.

Ora, isso pouco lhe custaria. Principalmente para quem já subtraira os grãos, no escritório. E meteu mãos à obra.

Depois de retornar àquele local para êle já tão alto quanto uma torre entre as nuvens, quais os castelos medievais, principiou a penetrar aquêlo orbe fabuloso, imaginário, montado no “Cavalo Branco”, agora cedido, para alcançar o ponto mais alto de seus ambicionados ideais, em que êle sômente existiria.

Leva alguns dias.

Os caminhos, agora eram resplandescentes, de puro jade. Os palácios inteiramente de ouro e pedras preciosas, tudo a brilhar extraordinariamente à sua volta em atmosfera enevoadada pelo sonho, em meio a jardins maravilhosos, multicoloridos, onde cada flor se constituía em novos motivos de encantamento, onde jamais cada um dos árcades pensara em chegar. A sua presença ali já o colocava adiante de todos quantos conhecera antes. A imaginação terrena jamais teria recursos para descrever aquêlo mundo misterioso, cujos palácios possuíam livros superiores às “histórias das mil e uma noites”. Até mesmo o escritório de seu amigo se tornava, à vista de tudo, apagado e tristonho.

Mas todos precisavam ver até onde chegara sua habilidade. Haveriam de extasiar-se sabendo que tudo lhe ficara a pertencer, por ter sido o primeiro a desbravar região tão sublime, onde novos vocábulos teriam até de ser criados, para definir o eloqüente! O luminoso! O inacreditável!

E seus conhecidos o entenderiam? Acreditariam no mais impressionante dos relatos? Conseguiria êle provocar a mesma inveja, quando soube da distribuição da lembrança na modesta sala onde se reunia a Arcádia Iguaçuana de Letras, com quase todos os seus membros?

Era preciso ver.

Preparou-se então para o regresso no mesmo animal que, antes, lhe cedera o bardo. Procurou a estrada prateada, que lhe indicaria o caminho certo da volta. Mas como? Se já havia chegado ao ponto máximo, ao cume de seus devaneios vaidosos, egoísticos e invejosos? Como voltar? Se a



Lua, assim como a Terra, é igualmente redonda? E uma vez nela, só poderia rodar? Ou entrar em órbita?

Por isso, lá teve que permanecer para sempre, montado naquele corcel branco, que muitos dizem pertencer a São Jorge, mas que, em verdade, é do autor daquela poesia samotraciana, o dono do escritório, cuja semente êle subtraíra. Conheçamo-lo biograficamente, a seguir.

## O dono do corcel branco...

*Como foi recebido o Arcade Altair Pimenta de Moraes, na festiva noite de 30 de agosto de 1958.*

**O** TER sido eu escolhido, por deferência honrosa, para festejar o Arcade Pimenta de Moraes na nobre casa em que os homens devem ter os mesmos gostos e tendências da Távola Redonda, transformou-me num personagem com a responsabilidade de reviver outra história, de estudar e acolher outro poeta.

Porque elogiar alguém dessa estirpe, cujo patrono é outro bardo, o não menos ilustre iguaçuano Francisco Luiz Soares de Sousa e Melo, a cortejar as musas em dois idiomas, igualmente nascido neste Município, pelos idos do século passado, sobre constituir motivo de júbilo, demanda observação, estudo e análise.

Aceitei o encargo, sentindo o peso que me iria aos ombros. Mas o fiz satisfeito, porque, sendo êle um modernista, aqui nascido e radicado, teria a feliz oportunidade, como descendente desta terra, de lhe agradecer e louvar, assim pelos feitos como pelo estro, tantos foram os que a iludiram com apoucado amor!

Poeta modernista e clássico ao mesmo tempo, porém tipicamente iguaçuano, compôs inúmeras estrofes que constituem verdadeiros madrigais à amada terra, doces epitalâmios às pessoas queridas.

E quem não se comove com tanta ternura à gleba natal, onde despontam e crescem os próprios filhos? Onde as ruas, jardins residenciais, céus, riachos e montanhas ganham re-



lêvo através de inspiração sincera, elevada, alegre ou comovida?

Que grande satisfação no encontrar tão altas referências às mangueiras que tanto conheci, aos laranjais que tanto amei, ao terno recanto que tantas vezes visitei:

*"Oh, venha casa, bêrço meu!  
Casa branca,  
nobre e franca,  
és aquela que Deus me deu!"*

Encanta-me isso. E tudo isso encontrei em quase todos os versos, ricos de referências ao próprio solo, às jabuticabeiras cheirosas e bem copadas, aos pomares sem fim, só por aqui encontrados, — como se fôra essa a vegetação do Olimpo, estendido ao longo dêste rincão. Porque, de quantos versos li sobre Nova Iguaçu, foram realmente os seus os únicos em que algo satisfiz realmente ao meu coração:

*"Tudo é meu...  
Êste solo rico onde nasci,  
de terras negras e encarnadas,  
Êste solo é meu e por êle sofri!  
Meu é êste bosque de mangueiras copadas,  
em cujas sombras das ramadas  
pela primeira vez eu te vi;  
e êste azul que me cobre,  
êste oceano vasto e nobre  
de brancas ondas macias  
que ao sôpro das ventanias  
se tornam loucas, fatais.  
Minhas, aquelas serras que tocam o céu;  
as florinhas dos laranjais  
que as noivas trazem no véu.  
Meu é êste ar embalsamado de abril  
que me entontece;*

*êste sol, a chuva fértil,  
a brisa que entenece,  
as borboletas douradas,  
que passaram pelo jardim.*

*.....  
Tudo, tudo é meu! Até esta amargura  
que me invade e me tortura...  
Até isto é meu, é bem meu e não tem fim!*

Conforme se sente, a parte mais bela, diremos mesmo telúrica, aqui se encontra a confirmar a opinião segundo a qual as obras mais puras e humanas trazem a marca mais viva da terra natal, que é sempre uma imagem da pátria.

Charles Maurras chegou a afirmar que aquilo que chamamos ático, mais se universalizou à proporção que se tornou mais severamente ateniense. Daí acreditar na imensa duração de tais versos, com tanta riqueza de vida interior, com tão nítida compreensão humana das coisas oriundas dêste torrão tão evocativo! E só dêle!

Seu livro, sem dúvida alguma, espelha coisas iguaçuanas: sua mansão hoje côr-de-rosa, seus livros queridos, seus jardins ensombrados e acolhedores, o regato límpido que corre a beijar as flôres, o céu que nêle se reflete, sempre tão azul e encantador, fazem com que tôdas as páginas constituam sagrado depoimento de amizade, sobretudo aos parentes, que o cercam, naquele tom de reduzir o ambiente a um mínimo da matéria e côr, sem desprezar o lirismo bairrista, na sua melhor, mais legítima e espontânea manifestação, corroborado, inclusive, pela dedicatória: Ao meu caríssimo Deoclécio, que mereceria muito de mim pelo que tem feito, por minha amada Iguaçu!

Tomemos ao acaso estoutro verso:

*Tudo me foi roubado,  
Só deixaram (nem sei por que deixaram),  
a imagem daquilo que eu amei.*



*...Se queres entrar, Amigo, a porta está aberta,  
nunca mais a fechei.  
Entra. Já não tenho segredos escondidos...  
Vê, nada ficou... Apenas a imagem diluída  
— quase a apagar-se — daquilo que amei,  
Apenas o desejo inútil de reavivá-la,  
A pouca esperança de retê-la um pouco mais...  
...Se queres entrar, Amigo, a porta está aberta...  
Outra coisa não tenho para oferecer-te,  
mas, se queres, leva contigo a imagem diluída  
— quase a pagar-se — daquilo que eu amei.*

Neste, sinto que o autor satisfaz exigências muito mais sérias da poesia moderna, que não é só côr, mas verdade humana, pensamento, imagem, ternura, num momento em que tudo tende para a síntese de valores, até há pouco mal aproveitados. Talvez por isso é que tivesse Raimundo Correia escrito esta carta ao amigo que lhe enviara uns versos regionais: "Como invejo isso — o modernismo — eu, devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam "parnasiana" cujos produtos, aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas de decadência... Eu sou talvez uma das vítimas dêsse mal que vai grassando entre nós. É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de reconstrução".

Era bem profético o tom de Raimundo. E, aqui em Nova Iguaçu, Pimenta de Moraes parece havê-lo compreendido, inclusive ao produzir obra de tão alta sensibilidade.

Aliás, essas são as melhores maneiras de que o poeta dispõe para ser melhor ouvido: cantar do ponto mais alto, supremo, até onde pode chegar o seu estro, em função da beleza e perfeição. Porque, conforme se verifica, ele não se limita a ser apenas um bardo, mas pensador também; um artista compenetrado de todos os valores que soube

criar para a sua arte, que nem todos poderão compreender, sobretudo se no leitor houver falta de agudeza.

Muita gente, é natural, há-de preferir o lugar-comum. E muitos poetas chegam a dissolver certos valores, por julgá-los inúteis. Ele, não: mostra que pode ser moderno, guardando o sentido da disciplina e do gosto.

No intelectualismo de nossos dias, nada melhor do que um passeio às fontes puras e tradicionais do sentimento, como ele o demonstra.

\*  
\*   \*  
\*

Mas se, no dizer de certos críticos, muito melhores são os versos de metro e rima, então surge a deliciosa cadência:

*Cavalo branco de neve  
Que eu vejo sempre chegar,  
Muito branco, muito leve,  
Galopando sôbre o mar.*

*Cavalo branco encantado  
Donde vens, para aonde vais?  
Quem levas em ti, montado,  
Para longe dos mortais?*

*Belo cavalo de prata,  
Também quero galopar,  
Pela serra, pela mata,  
Pelo mundo do luar...*

Sem dúvida, ele satisfaz a todo gênero do leitor. Nas suas quadras de prata, cheias de luz, enamorado da Lua, alegra o leitor mais objetivo, contenta os espíritos mais exigentes da medida e da cadência, de par com a inspiração, nesta, agora tão delicada, que me faz lembrar as mais belas poesias chinesas, sobretudo a referente a certo Mandarin



que, num dia, no seu pagode de quatro pontas, desejou, não o mundo do luar, montado num cavalo branco, mas o de uma colorida borboleta. E de tal maneira se comportou na sua sensibilidade, a aspirar o perfume das flôres, no trabalho de seguir o último raio de sol, nos seus volteios de sonho, que, ao despertar, se sentiu transportado ao mundo maravilhoso da Poesia, permanecendo meio na dúvida, sem saber se vivia a realidade de um Mandarim, que sonhara ser borboleta, ou se já era a borboleta sonhando ser Mandarim.

Neste paralelo que teço, apenas para confronto, a sensibilidade de Altair Pimenta não se revela menor que a dêesses orientais, cuja poesia também é extraída dos clarões do plenilúnio, das gôtas de orvalho, das pétalas de rosa, da natureza multicolor e encantadora, como demonstrações do retorno do homem às mais belas fontes de inspiração, conforme já acentuou Lin Yutang.

Além do mais, no livro há apuro de linguagem e revisão, a começar pelo cuidadoso prefácio, de autoria de um de seus melhores e mais reconhecidos amigos, árcade, também. E isso o identifica sobremaneira. Não se lhe nota, nas menores coisas, o sinal do artifício, senão a alma inconfundível do artista, do esteta que é, cheio de bom gosto. Tudo quanto lhe sai da pena apresenta agradável surpresa. Não se lhe descobrem os eternos substantivos eternamente grudados aos adjetivos fatais. As suas rimas toantes são de muita beleza, e faz de cada uma delas uma flor espiritual a serviço da expressão, que muito cultiva.

Pode ser que alguma coisa não se explique claramente num ou noutro passo. Mas que importa? Os pássaros também não se explicam quando cantam. Todos gostamos é do gorjeio. Da maviosidade.

\*  
\*   \*  
\*

É inegavelmente belo o canto que se sente em sua obra. Embora seja ele também um cronista, e dos mais finos e

maliciosos, o conhecido e decantado André Pièrre, umas vezes; outras, o Antônio Terra, íntimo da gente antiga, causado de tanto burburinho social, num meio ainda em crescimento, como poeta é que tem recebido sua maior consagração.

Nem deve haver maior glória do que essa de fazer versos. Ele que o diga.

Desde os tempos de Homero, até Dante ou Camões, para citarmos um de nossa língua; de Shakespeare a Vitor Hugo, que muito modelou, tantos dos nossos, inclusive Castro Alves, — todos estão nimbados de luzes fulgurantes e eternas. E que glórias maiores que as de Gonçalves Dias, com o seu indianismo; que a do jovialíssimo Casimiro de Abreu, a cantar a sua terra, a fim de torná-la rainha?

Os poetas, mui justamente, sempre mereceram o respeito e carinho consagratório, o que é justo, compreensível, natural.

A Poesia sempre pregou bons costumes. Quando não os feitos patrióticos, como aconteceu ao tempo de Homero, despertava sentimentos de amor e fraternidade. Haja vista a obra-prima "Navio Negreiro", que chegou a ser musicada e cantada por ocasião da vitóiosa campanha abolicionista. Das maiores, outrossim, foi a influência de Bilac nos sentimentos nacionalistas, graças aos seus hinos de amor à pátria e à bandeira.

Dai os governos auxiliarem os poetas ou glorificá-los no bronze. Ou, quando em vida, oferecer-lhes a intimidade, como relatou Pausânias, o primeiro estudioso da civilização mediterrânea.

Anacreonte, por exemplo, foi comensal de Policrates. Ésquilo e Simônides de Argo viviam sob o teto de Hieron, de Siracusa. Dionísio muito ajudou a Filoxera, de Citera. Alexandre Magno, filho de Felipe da Macedônia, chegou ao ponto, durante a guerra de Tebas, que chefio, de recomendar insistentemente aos seus soldados, que poupassem e, sobretudo, respeitassem a casa do poeta Píndaro.



E bom, portanto, que as autoridades, principalmente as da Municipalidade, reverenciem a obra dos poetas locais, dos que cantam a sua terra para lição, alegria, proveito e exemplo dos pósteros. Como é o caso de Altair Pimenta de Moraes e de tantos outros que fazem parte da ilustre confraria, cujas obras merecem preservadas. Para que suas Musas possam cada vez mais se cobrir de atavios, no cenário encantador da Velha Província.

Afinal, é mister se acentue, para que se reponham os valores em seus lugares, o poeta, de um modo geral, não é apenas um tecedor de rimas. É muito mais do que isso. Quando menos, representa um rapsodo local que, além de criador, revela-se profeta. A prova é que os antigos romanos usavam a palavra *vates* para designar tanto o poeta como o profeta. "O profeta — como adverte Carlyle — é o revelador daquilo que temos de fazer; o poeta, daquilo que devemos amar".

Parafraseando Lord Tennyson, nessa mesma ordem de idéias, poderíamos dizer que "o vate consegue mergulhar no futuro, inatingível ao comum dos espectadores, e contemplar a Visão Final, isto é, a maravilha que será a República Universal, quando os clarins de guerra não mais soarem e as bandeiras de combate forem enroladas no Parlamento das Nações".

Além do mais, ainda alcançam ser mestres. Talvez os maiores. Porque não somente vêem a luz, mas guiam nossos passos em direção a ela. São os embaixadores de Deus, na expressão de Vitor Hugo. São emissários da boa vontade, de olhos perscrutadores, vozes que cantam e corações sempre esperançosos.

Não foi à toa que Byron, sem jamais ter revelado emoção diante dos vivos, 500 anos após à morte de Dante Alighieri, ao visitar seu túmulo, se ajoelhou e chorou no reconhecimento de sua grandeza.

\*  
\*   \*

Creio ser bastante agradável para os iguaçuanos verificar que tão insigne conterrâneo, de tão preciosos talentos e austeridade, originário de uma das mais ilustres e tradicionais famílias locais, haja escolhido para patrono de sua cadeira outro descendente de grande estirpe: Francisco Luiz Soares de Sousa e Melo.

Em nosso sentir, são duas almas que correm paralelas em épocas diferentes. Ambos poetas. Ambos advogados. Ambos herdeiros de glebas iguaçuanas. Ambos amantes de Portugal, por onde andaram, admiraram e colheram gerânios. Ambos amantes de Paris, onde deambularam à larga, a ponto de a considerarem uma das mais acolhedoras e generosas cidades do mundo.

Uma capital onde, no dizer de Pimenta de Moraes, tôdas as pedras, das mais nobres às mais humildes, mantêm uma perpétua confidência, um testemunho de arte e de beleza inigualáveis. Onde a elegância e o prazer estão ligados a uma História de dois mil anos, inundados de luz, sem esforço nenhum para manter sua reputação.

E basta ouvirmos de um a descrição da cidade para ajuizarmos quanto o outro dela se enamorou, campeões que sempre foram do bom gosto, visto como, para ambos, ela não poderia passar despercebida, como grande centro de prazer e elegância, onde as ruas e os grandes teatros, a cada passo, sobrevivem os temas que evocam o gênio de seus filhos, sobretudo nos quadros de Toulouse-Lautrec e Renoir. Sim, porque Pimenta de Moraes, também como pintor diletante, em suas manifestações, não poderia deixar de fixar os melhores ângulos de uma cidade de onde trouxe, tirado do Museu do Louvre, a Vitória de Samotrácia, que empresta título à sua maior e mais requintada obra.

Essa foi a capital que idolatraram e onde, se as terras o permitirem, Pimenta de Moraes, permanecerá um ano em vilegiatura. Foi o que me afirmou, sem antever os prejuízos que advirão para a Arcádia Iguaçuana de Letras, a que tem emprestado, desde o seu aparecimento, os melhores e mais



destacados serviços, a mais espontânea, sincera e devotada colaboração.

Sem dúvida, poderemos afirmar que a Arcádia custou, mas lhe chegou ao coração. A ela passou a dedicar grande parte de seu precioso tempo, inclusive escrevendo artigos e delineando conferências, a benefício não só da instituição, mas da cultura local.

Em compensação, nunca mais teve descanso, assim pelas urgentes providências como pelos telefonemas e cartas, das quais guardamos, com enternecido carinho, mais de dez exemplares, a despeito da curta distância entre nós. São correspondências cheias de zelo, aliciadoras de amizade, plenas de recomendações e de cuidados — e que fizeram d'ele um presidente em potencial, mesmo quando não o era de fato, com seu escritório cheio de livros e de árcades, ávidos da orientação amiga, de seu cavalheirismo, de sua finura, de seu intelectualismo, enfim.

De tal maneira se houve, pela índole, de tal modo a preparou e dispôs amigos, que dificilmente, cremos, conseguirá dela sair, mesmo para ir a Versalhes, como pretende, rever os feitos de Luiz XIV, o "Rei-Sol" que construiu o grande palácio cheio daquele mobiliário de prata maciça, 42 candelabros, iluminando-o, a devorar pratos e mais pratos copiosos, excessivamente umedecidos, acompanhados de bons e capitosos vinhos.

Duvidamos, mesmo, que Pimenta de Morais lá retorne e reveja, durante um ano, como pretende, o Tôrre Eiffel, o Arco do Triunfo, o Pátio do Adeus, de Napoleão, os locais por onde andaram — ele e Francisco Luiz Soares, antes dêsse encontro elegante na Arcádia, frente àquela mesma Versalhes em cujos salões desfilaram cheias de garbo e donaire a Luise de la Vallère, a Madame de Montespan, a escrevinhadeira e culta Madame de Maintenon, amantes de Luiz XIV. As encantadoras Madame Pompadour, que delineou o Petit Trianon, modelo arquitetônico da Academia Brasileira de Letras e Madame du Barry, preferidas de Luiz XV.

Porque Pimenta de Morais, como estudioso que é de História e Museologia, quiçá não possa voltar à contemplação dos pertences de Maria Antonieta. A Arcádia não o deixará, de tal maneira nela se entrosou, revolveu, dirigiu, manipulou certas quízílias. Assim como amigos, também os fêz à grande, com todos trocando idéias e respeitando a maioria, na altura que convém a um cenáculo como o nosso.

Embora saiba dividir as horas, assim para gerir negócios como para produzir intelectualmente, sempre encontrou oportunidade para a tarefa de alcandorar a Arcádia.

Até seus parentes chegaram, de uma feita, a ser envolvidos pelo seu entusiasmo, naquele ano em que a confortável e acolhedora residência do pranteado irmão Dr. Ataíde Pimenta de Morais foi tomada, numa noite festiva, pelos recitativos da imensa Margarida Lopes de Almeida, pelos acordes da pianista iguaçuana Sônia Marila Argenta e por êste autor de agora, no transcurso de mais um aniversário de fundação, ante auditório atento, dos mais seletos e elegantes.

Pode ser que êle volte ao Velho Mundo. Que, por um ano deixe esta terra a que tem oferecido muito de seu labor e de sua capacidade, tal qual seu patrono, para recrear-se, descansar, cultivar-se, acumular conhecimentos.

Todavia, ninguém crê. Porque Pimenta de Morais, em certos respeitos se diferencia d'ele. Além de haver começado sua vida onde termina a outra, o meio em que vive é muito mais culto e não o insula intelectualmente.

Muito ao contrário, o aproxima e o atrai, como acontece numa noite como a de hoje, 30 de agosto, em que completa mais um ano de vida; em que, inclusive, poderia dirigir-se a Petrópolis onde dispõe de confortável mansão, em clima ameno e saudável, e, lá, comemorar tranqüilamente a efeméride, em companhia dos seus, deixando distante esta deliciosa canícula iguaçuana, para sentir a inefável brisa da serra, há muito refúgio de reis e embaixadores, cujas tradições, tanto o empolgam.



Outrossim, poderia fugir ao rebuliço intelectual que a Arcádia promove constantemente, e colocar-se ao lado dos que, com os próprios recursos, procuram a distração que alegre e remoja, que aproxima e vivifica.

Entretanto, êle aqui se mantém. E até, quando distante, procura aqui chegar pelo coração e pelo espírito, conforme damos testemunho, através desta missiva, oriunda de Petrópolis, no dia 10 de fevereiro dêste ano, em que dizia: "Estive segunda-feira em Nova Iguaçu. Não tendo podido encontrá-lo, escrevo-lhe daqui desta serra amável, mal refeito ainda dos aborrecimentos que me causaram aquêles artigos contra a Arcádia.

Não sei, exatamente, o que pensar daquilo. Afinal, o que pretendem êles? Não acredito possam realizar mais do que nós, sobretudo numa cidade secularmente desinteressada por tudo que se refere a movimentos culturais. Pretender que apareça, assim, sem mais nem menos, um gênio? Tolice. Talvez já o tivéssemos se os nossos antecessores cuidassem da criação de ambiente propício, como o nosso.

Não se pode contestar o valor e o direito da crítica. Contudo, poderia ter havido mais reverência, um pouco mais de elegância naquelas linhas.

Você não deve dar importância à crítica anônima. Creia-me, estou inteiramente a seu lado. Nem um só momento poderia agradar-me comentários públicos tão injustos aos meus pares. Se bem que tenhamos divergido algumas vezes, nem por isso me levaria a endossar tanta maldade. Acredite, agora, que seus verdadeiros amigos estão na Arcádia. Cordialmente. *Altair.*"

O fato de muito haver andado e aprendido por estas terras, desde o curso primário com o Prof. Lauro Schramm, impregnou sua alma de tais ocorrências, que se tornou regionalista, desejoso do progresso e grandeza iguaçuanos. Para onde quer que vá, todos aquêles que o embolgaram pela sua inteligência, ou os que, por o serem menos, procuraram a amizade pela excessiva constância, pelas confi-

dências ou pela pregação virtuosista, — todos haverão de lhe acudir à mente, intimando-o a voltar, a produzir pela terra, ainda possuidora de claros que êle, como filho dileto e requestado, poderá preencher e corrigir.

Demais disso, haverão de atuar outros motivos bem fortes, quais, por exemplo, a memória de seu pai, que tanto contribuiu para o seu bem-estar; o desvêlo e o rigor de caráter de sua mãe, que lhe influiu na formação; o carinho e a pura e elevada amizade de seu irmão mais velho, que até há pouco nos acompanhou com interêsse, — tudo atuará decisivamente em seu ser, retendo-o ao próprio solo. Se dêle se retirar, terá de ser por instantes, tal a impregnação sentimental, onde cabe, inclusive, a singularidade de seu casamento, feito ex-abrupto, quase a jato, em 30 dias, consumido por devoradora e louca paixão.

Epoca em que possuía muitas terras, mas pouco dinheiro no bôlso, e teve de arranjar emprêgo no Ministério da Fazenda para saldar seus compromissos com cupido e com as festas do himeneu.

Mas de tudo se saiu bem e galhardamente, como vemos, do que conservará, certamente, além do respeito à memória, lembranças felizes e por vezes risonhas de tais passagens, tipicamente juvenis, de que resultou uma filha querida, formosa e prendada, todo o seu enternecimento.

Além da Arcádia, é claro, como no meu caso.

Ao trasladar sua vida para o livro, a fim de compreendê-lo e senti-lo, como convém aos leitores, tenho de recuar ainda mais:

Nasceu como tôda criança, gordinha, pesando três quilos e quinhentas gramas, já com a cabeça grande. Foi chorão antes de mamar. Molhou muita fralda, o que muito ocupava sua tia Marieta, que o manteve sob cuidados até quase aos treze anos. Irmãos, os teve seis, sendo êle o



quinto, pela ordem em que nasceram: Alaide, Ataide, Ari, Aidée, — agora é que ele surge; depois Adair, falecido cedo, e Adiléia.

Criança de muito bom gênio, sossegada, adorava em primeiro lugar a tia Marieta, de olhar puro e santificado, a mesma que, ao seu nascimento, se desdobraria em desvelos e solicitude; quem, mais tarde, lhe providenciaria as primeiras e as últimas refeições do dia; quem lhe substituiria as roupas, tendo sempre o cuidado de lhe não vestir o suéter verde, de jérsei, que detestava, como, de resto, toda e qualquer vestimenta que lhe espetasse o corpo. Bastante faceiro, apreciava o apuro, as roupinhas bonitas, bem passadas. Gostava de tocar piano na mesa com os dedos infantis e até no colo das pessoas, o que fez com que todos pensassem num futuro pianista, de raça. Mas não prosseguiu nesses hábitos. Muito embora, mais tarde, no internato, viesse a aprender música, tudo não passou de duas valsas que compôs e até hoje as executa de ouvido, com relativo desembaraço.

Sempre caseiro, ainda de calças curtas, era obrigado o distrair-se a si mesmo, pelas poucas companhias, inventando umas coisas e outras com seus brinquedos, que foram muitos. Quando os quebrava, por qualquer excesso, revelava certa mania: guardava-os como relíquias, para que ninguém os visse ou soubesse. E até hoje mantém tal feição, zeloso de suas coisas, até com os quadros que pinta, guardando-os ou emoldurando-os. Só que, quando menino, relativamente aos desenhos noturnos, não se deitava sem antes rasgar os papéis. O aprendizado, talvez, o enervasse demasiado. Hoje, no que toca à pintura ou desenho, conserva o que faz.

Muito prêso ao lar, entregue a um sistema rigorosíssimo de educação, quase não saía. Ainda é meio assim. Mesmo quando adolescente, vez por outra é que ia à rua, acompanhado de uma preta chamada Isabel que, inclusive, o conduzia à escola diariamente; pelo que recebia, con-

forme a distância, pedradas até o deixar em paz. Já havia nêle, nessa altura, uma ânsia de libertar-se da aia, de quem se vingava de maneira agressiva, do que restam vestígios, ainda hoje, quando lhe tentam cercar o caminho das livres idéias. Embora não pareça, para os que o conhecemos, sabemos ser ele bastante cavaquista. Pimenta às vezes arde.

Hoje, ele fala e gesticula mais. Naquele tempo, falava menos. Agia mais. A sociedade em que sempre viveu e a que dá muita importância, trabalhou-lhe as maneiras.

Entanto, somente em 1933 é que consegue, aos treze anos, sua carta de alforria. É quando se matricula no Instituto Lafaiete, depois de exames feitos no Colégio Pedro II. Ai, completaria todo o curso secundário, inclusive o complementar que, mais adiante, lhe credenciaria o vestibular de Direito em que se bacharelou.

Foi no período ginasiano que principou sua vida literária. Com vários amigos fundou diversos jornais e revistas em que colaborava, ao mesmo tempo que iniciava a quadra de peralvilho em potencial, a praticar as mais absurdas traquinadas, a ponto de quase atear fogo ao internato. O versajador de hoje parecia atravessar uma fase de combustão, indo ao excesso naquilo que lhe proibiam. Com seus colegas, hoje amigos diletos, perpetrava todos os malabarismos possíveis e impossíveis, indo da alfinetada aos apelidos jocosos e ao trote, numa inquietude de espírito, semelhantemente à daquele que, nos dias quentes de verão, acumulava montões de cobertores, grossos e felpudos, sobre o corpo suado do colega dorminhoco...

Em 1933, exatamente no dia 25 de agosto, escreve sua primeira produção: "As Duas Rosas", nascidas no jardim de um castelo medieval. Ao tecer a crônica, a primeira talvez de sua vida, distante estava de imaginar o que atuaria nos arcanos de seu subconsciente. A história, inegavelmente singela, contava o feito de duas rosas, uma branca e outra vermelha, que se conheceram. Porém, jamais se encontrariam, como naquela história do "Mak-tub". O enredo outra coisa



não era senão a influência de certo capítulo de compêndio universal, segundo o qual a Inglaterra do século XV guerreara durante trinta anos consecutivos, numa luta que começara em 1455 e só terminaria em 1485, e se intitulava a guerra das Duas Rosas. Era a rivalidade entre a casa de Lancaster, cujas armas exibiam uma rosa encarnada, contra a casa de York, que reivindicava seus maiores direitos à coroa, e apresentava em suas armas uma rosa branca... Essas, jamais se uniriam...

Conforme se vê, Pimenta de Morais saiu-se bem e pro-saricamente na estréia, talvez influenciado pelo seu temperamento, àquele tempo meio de nobre, a tomar partidos. O assunto, fatalmente, teria de impressioná-lo.

Mais tarde, ainda no jornal do mesmo Instituto, por volta de 1937, discorre sobre Maria Antonieta, cujos aposentos e pertences ele poderia pessoalmente conhecer na França, anos depois. A aristocracia, graças à iniciativa de Stefan Zweig, despertara-lhe um quê de curiosidade.

E prossegue. Ora, na "Gazeta de Notícias", com "A festa lá no céu", em 5 de novembro de 1944. Em "Brasil-Portugal" encontra-se "O batalhão de minha terra", "A canção do lavrador", "Baladas", além de outros versos.

Anos depois, em 1953, reunindo os trabalhos de vulto, é que imprimiria a obra poética de maior fôlego, enfeixada num invólucro que, àquele tempo, constituiu atestado de timidez. Hoje, seria livro de verdade, volumoso, com lombada e tudo...

Cursos intensivos fê-los alguns, como o de Museologista, em 1943. O da Faculdade de Filosofia, como ouvinte, ocorreu mais adiante, assim como o de "Artes em Geral", ministrado pelo conhecido escritor e homem de letras, Celso Kelly.

O roteiro da cultura sempre o interessou particularmente, como o demonstra a própria Arcádia a que veio a pertencer, dando muito de si, como acabou de provar através do minucioso estudo deste...

Seus sonhos, procurou e ainda procura realizá-los. Razão por que acredito na sua ação construtiva em benefício da Arcádia, a que procura servir mais e mais, inclusive estudando e labutando. De quando em quando haverá de referir-se ao fato de quase ter concluído o curso na Universidade de Coimbra, antiga promessa de seu pai, só não o tendo frequentado em virtude da guerra de 1939...

Mas o Destino sabe por que não o fez. Provavelmente a Arcádia Iguaçuana de Letras já o aguardava entre os seus, como a um camponês que cultiva a terra para alcançar, ao depois, a gratidão dos que lhe saboreiam os frutos. O que talvez não ocorresse, transformando-se em europeu, por mimetismo, como acabou seu patrono iguaçuano, Francisco Luiz Soares de Sousa e Melo.

Entre o céu e a terra há muita coisa que a nossa vã filosofia ignora, já o afirmara certa e poeticamente Shakespeare no seu mais famoso poema, confirmando o que acentuamos atrás. E Pimenta de Morais — "estava escrito" — deveria fazer parte integrante desse complexo mecanismo litero-social, que tanto interesse tem despertado, e para cuja destinação contribuem iguaçuanos entendidos de filosofia, história local, política, artes, legislatura, medicina, religião, e em que ele teria de colaborar com outro contingente em que vai muito de sua educação social, de seu "savoir-vivre", de sua "finesse", diplomacia, enfim.

De alguma sorte, sempre se nos afigurou ele como um pedaço do Itamarati, principalmente pelas boas maneiras, sem dúvida indispensável a uma instituição como a Arcádia, cujas solenidades envolvem uma série de rigores e indiscutíveis protocolos, inclusive os jantares a que se obrigam pormenores, como, por exemplo: lista de convidados especiais, os da cabeceira, a variedade de pratos, de vinhos, sobretudo dos que acompanham o peixe e a carne, as baixelas que convêm, além de outras subtilezas em que se revela exímio e profundo conhecedor.



Embora sejamos todos simples, e ele mesmo em nossa roda, esse mundo em que vivemos impõe formalidades, necessárias à coexistência pacífica, para a continuidade da obra que deverá ser duradoura — particular em que a Arcádia se encontra bem servida e orientada, graças à sua nobre e exigente formação, tão saudável quanto austera, algumas vezes.

Prosseguindo, resta-nos indagar se havia razões para escolher, como escolheu, o título "Vitória de Samotrácia" para a sua maior coletânea poética, cheia de viço e dos encantamentos da florada inicial. Ele que freqüentara belíssimos recantos, que divisara o horizonte inspirador que separa céu e mar, que conhecera montanhas, sobretudo as de sua terra, que vislumbrara tesouros naturais e espirituais de toda ordem, que atravessara as encantadoras aléias dos mais famosos jardins daqui e dalém-mar, não nos permitiu compreender, a princípio, o porquê desse nome extraído da estátua que velejara na proa de uma nau em pleno século III e que fôra encontrada na ilha de Samotrácia, no Mediterrâneo. Escultura antiquíssima, considerada por muitos verdadeira obra de arte clássica, embora acéfala e mutilada nas extremidades, ficaria muito bem à frente do Museu do Louvre, onde se encontra, no alto da escadaria principal, e onde, à noite, fortemente iluminada, adquire raro esplendor.

O que nos leva a imaginar tenha ele se empolgado pela beleza do Louvre, sobrelevando-a a tudo mais que vira. Aliás, o Louvre — é ele mesmo quem nô-lo descreve à margem do Sena — não é propriamente um museu, mas um sonho dos reis que o erigiram, como Francisco I, Henrique IV, Luiz XIV e, finalmente, Napoleão Bonaparte, embora sua fundação date de 1202, com Felipe Augusto. Em seus salões deparam-se os mais famosos quadros de Rafael, Leonardo da Vinci, Rubens, Rembrandt, Ucello, Roberto van der Weyden. Além de ser o maior, é o mais completo e moderno do universo. Em sua galeria de Apolon, há grandes

atrativos como, por exemplo, o maior diamante do mundo, o "Regent", assim como as mais belas jóias dos reis da França, de Carlos V até Napoleão.

Somente tais peças já impressionariam um observador agudo de sua estirpe, a assistir, com os próprios olhos, tudo aquilo que os professores do Lafaiete lhe ensinaram ao longo do curso de História Universal.

Porém, havia mais. Inclusive as esculturas notáveis, provenientes do Palácio de Nínive, do império assírio, destruído no ano 625 antes de Cristo, por Nabopalassar, rebelde da Babilônia, e Ciaxares, rei de Média, no antigo Irã, hoje fonte do petróleo que faz as guerras. O cônsul Botta, em 1842, além de encontrar o palácio real da grande cidade asiática, cujas paredes apresentam os vestígios do incêndio lançado por Sáracos, conservou as inscrições reveladoras dos feitos do Rei Sargão, transportando para o Louvre todas as peças de valor. Até uma reprodução da célebre pedra de Rosêta, lá se depara, por meio da qual Champolion descobriu o segredo dos hieróglifos, pela tradução grega encontrada, logo abaixo.

Tudo teria de atraí-lo e emocioná-lo.

E quem trás de longe tão funda impressão, sobretudo de amor e de carinho de um povo que soube acumular tantas tradições gloriosas, algumas significativas e indeléveis — dificilmente escolheria outro batismo para esse outro filho espiritual, que é o livro, igualmente tecido de ungida ternura e inapagável recordação de todos os seus.

"Vitória de Samotrácia", para Pimenta de Morais, tem aquele mesmo sentido que levou os franceses a preferi-la no pórtico de sua maior obra, na qual os maiores sábios e especialistas lhes dedicaram a vida. Quanto àquela modestia de ser ela acéfala e desmembrada, o que o levava a escolhê-la, para título, é bom fingir que acreditamos.

Porque, queira ele ou não, seu livro contém pés e cabeça. Principalmente cabeça, de onde provém a inspiração.



Ou será que os franceses também a escolheram por ser assim decapitada?

Não. O motivo deve ser de natureza artística. E aproveitamo-lo sem delongas.

\*  
\*  
\*

Agora, só nos resta almejar, ao ensejo de sua posse, na cadeira n.º 3, que se opere, ao influxo da Arcádia Iguaçuana de Letras, neste Município, o mesmo movimento renascentista verificado na França, ao tempo de seu patrono, Francisco Luiz Soares de Sousa e Melo. Que Nova Iguaçu, nesta segunda metade no século XX encontre em seus filhos o mesmo entusiasmo verificado na França na segunda metade do século XIX, quando lá se fixou o patrono da cadeira tão brilhantemente ocupada. Caráterizou aquele período um dos mais prósperos da história do mundo, principalmente da França, para a qual tudo convergia, quando lá não nascia. Constituiu um século em que houve grande desenvolvimento da imprensa, com aumento bem acentuado do gosto pela leitura. Foi uma fase em que se organizaram bibliotecas públicas circulantes. Surgiram nos jornais os capítulos dos romances dos maiores escritores da época; fundaram revistas e aumentaram as editôras, fazendo muitos enriquecerem à custa de suas atividades intelectuais e de suas penas. O próprio Francisco Luiz Soares acabou por se integrar em tal movimento, escrevendo também suas obras, editadas por Guillard Aillaud & Cia.

Por toda parte fundaram-se escolas. Criaram-se laboratórios. Procurou-se vulgarizar o conhecimento e difundir pelo povos os resultados das investigações dos sábios.

E a conclusão é que, além desse progresso literário, a cuja frente se encontravam os vultos inconfundíveis de Vitor Hugo, Balzac, Daudet, Flaubert e muitos outros, paralelamente, principiaram a surgir ocorrências científicas do mais alto valor, como, por exemplo, as experiências de Ampère

que levaram à descoberta da indução magnética. Outros países decididos a copiar essa França tão sábia e inteligente, principiaram a apresentar, através das experiências de Galvani e Volta, as pilhas em colunas. Samuel Morse inventa um aparelho telegráfico. Bell, distante, aproveitando o mesmo princípio, divulga o telefone. Edison inventa a lâmpada e o fonógrafo. A fotografia, bastante aperfeiçoada, começa a ser empregada em Astronomia. Outras experiências prepararam o campo para a invenção da telegrafia sem fio, com Marconi, na Itália longínqua. Consegue-se produzir o ar líquido. Em 1896 Roentgen descobre os Raios X.

Bunsen, do famoso bico, dos principiantes de Química, descobre a Análise Espectral. Berthelot obtém a primeira síntese. Começa a surgir a teoria atômica, com base científica, concretizando os sonhos de Demócrito, da antiga Grécia...

Pasteur, com seus estudos, eleva a ciência francesa, criando nas teorias de imunidade e na Microbiologia, uma revolução. Cuvier cria a Anatomia Comparada. Bichat lança as bases da Fisiologia, que é erguida à dignidade da ciência, por Claude Bernard. Pasteur, finalmente, descobre as injeções contra a raiva e opera na Biologia e na Medicina, profunda transformação.

O vapor, cuja força observada por Papin, tem grande aplicação nas máquinas, na navegação e no caminho de ferro. Ninguém detém o progresso, nessa altura. A França, que começara literariamente, ganha distâncias incomensuráveis em meio às sinfonias de Gounod e de outros, seus admiradores de fora, como Schubert, Mendelsohn, Schumann, Wagner, cujos acordes passam a inundar os salões de Paris. O ser humano desenvolve-se espiritualmente. Eleva-se. Vibra ante o Belo e a Arte, que chegam às culminâncias.

No mesmo passo, e relativamente rápido, é o progresso que almejo para os iguaçuanos, no transcurso da efeméride de hoje. Que todos prossigamos nessa tarefa de pelear pelo bem do próximo, sobretudo promovendo aulas e con-



ferências, como a Arcádia tem ensejado. Sòmente assim teremos contribuído para a eternidade da instituição que começou tão modestamente em dias que longe vão, mas que poderá chegar a magníficos resultados, com grandes renascimentos nessa época do átomo, em que tudo corre a jato, principalmente os condutores dos novos satélites.

Sr. Dr. Altair Pimenta de Moraes:

Acabo de cumprir o que vos prometi, quando nos soubestes distinguir, preparando-vos a posse nesse 30 de agosto de 1958, em que completais mais uma data natalícia. Saúdo-vos e à família, desejando prodigalidade e, ainda, a mesma tranqüilidade de espírito com que vi transcorrer o meu 25 de julho, cercado do gentil carinho de meus familiares.

Vosso patrono, nascido na antiga e poética Vila de Iguaçu, na noite de hoje, deve ter encontrado a objetivação de todos os seus sonhos — quando em vida, — de todos os seus anelos, sobretudo por ter recebido a consagração e o elogio do mais indicado para fazê-lo, do árcade à altura do feito, quer pelas suas maneiras, quer pelo seu cavalheirismo, quer pelo seu talento. Como árvores frondosas, cresceram ambos pela força ingênita da própria estirpe, com os destinos paralelos. E, hoje, finalmente, se encontraram.

Para imortalizá-los, tantos a vós quanto vosso patrono, basta cada uma das obras realizadas ou cada um dos ramos de atividades a que vos dedicastes, como cultores do idioma, como poetas, cronistas, advogados, herdeiros igualmente de grandes e imorredouras tradições.

Para mim, os destinos fizeram-vos êmulos como se as estrelas houvessem, no misterioso céu dos horóscopos, tomado a mesma posição ao registrar vossos nascimentos. Sob qualquer ângulo que vos analisemos, revelaram-se altos exemplos de dignidade humana. Honram e elevam a terra em que nasceram.

A Arcádia Iguaçuana de Letras, meu amigo, de batentes tão austeros, cultos e grandiosos, hoje é vossa. Como

na história do Rei Artur da Távola Redonda, a que aludi no começo dêste, agora, aqui, sois o primeiro.

\*  
\*   \*  
\*

*A segunda amizade que realço nesta obra, fêz-se há muitos anos e cimentou-se igualmente no recesso de um escritório.*

*Não tão engalanado, luxuoso, como o primeiro, cheio de quebra-luzes e objetos antigos, agendas e papéis de linho para a correspondência diária. Porém, numa saleta modesta, com a figura emoldurada de seus donos, em caricatura antiga, — saleta, nada obstante, rica de lendas iguais às que vão em algumas destas páginas, desdobramento das colunas em que eu semanalmente colaborava: do tradicional e respeitável "Correio da Lavoura", — nome que passa e repassa aqui inúmeras vezes, por inquestionável gratidão, e que foi fundado pelo já veterano jornalista Silvino de Azevedo, em 22 de março de 1917.*

*Luzeiro em que também pontificaram muitos de nossos poetas e escritores do passado, — até hoje ainda é o jornal da mocidade, procurado em tôdas as bancas, nas manhãs de domingo, sem uma única interrupção sequer, desde que veio a lume, há quarenta e seis anos!*

*Procurando sempre distinguir os bons exemplos e as boas obras, principiou com os trabalhos de Pedro Pujol a sua tarefa de valorizar a colaboração amiga.*

*Só que Pujol, não satisfeito sòmente com as publicações semanais, fêz questão de imprimir em volume, na própria oficina do jornal, sua primeira obra poética.*

*Já lá se vão tantos anos!*

*Assim é que se conta a história de "Archivo de um bohemio", editada nesta cidade, pelos idos de 1922! No que os dias atuais demonstram certo retrocesso, em relação àquela época. Salve a Maxambomba dos primevos avitos!*



Hoje, quando se quer lançar uma obra, como a presente, no ano da graça de 1963, têm-se que procurar uma editora no Estado da Guanabara! Em Nova Iguaçu não há! Há, sim, pequenas tipografias para programas de cinema! E cartões-de-visita!

Reconheçamos, iguaçuanos, a triste realidade de tal fato! Nem a Municipalidade, que poderia incentivar a cultura, quer divulgando obras locais e históricas, de seu patrimônio, quer mesmo imprimindo seus documentos oficiais, para baraleá-los, a par de outros lucros, da encomenda particular, cuida de uma gráfica!

Não há uma só iniciativa em tal sentido, — o que sugiro o faça a egrégia Câmara de Vereadores, para que ao menos se possa ler e guardar o que nela se diz e produz, como nos grandes centros!

Até agora, desde que foi fundada, só se lhe conhece o resumo, o verniz; e muito mal, — pouco ou nada restando daqueles que realmente se houveram com os olhos e coração voltados para o futuro!

Que há anotado de substancial e profundo das grandes solenidades por ela promovidas? Qual o maior de nossos antepassados conduzidos à curul legislativa?

Como se registrará, no porvir, a palavra improvisada ou o pensamento dos que nela compareceram, prestigiaram e laboraram para o seu engrandecimento?

Como se dará a César o que é dele, fazendo justiça aos que possuem merecimento nesta terra?

Vive, assim, a nossa Casa Legislativa o mesmo drama de indigência verbal, impressa, da mesma maneira, injustificável e angustiosa, por que passa o nosso principal sodalício das letras, ciência e história locais — a Arcádia Iguaçuana!

E, se não houver providências:

Suas palavras — levá-las-ão os ventos!

Seus pensamentos — perder-se-ão no tempo!

Seus esforços de ontem — entrarão em pura perda!

Mas, e se ontem não era bem assim?

E se hoje guardo e manuseio com carinho e como reliquia livros de ontem, impressos em Nova Iguaçu, — é porque algo está a necessitar de estudos e novas soluções. É de mister que todos atentem para a nova existência de pequenos e cômodos gravadores de som, que permitem a reprodução dactilográfica e conseqüentemente tipográfica de todos os eventos.

E dispensam a atuação caríssima dos taquígrafos!

Nem mesmo aquelas revistas mensais ("A Crítica", de Avelino de Azeredo), e publicações outras comemorativas (guardo umas, da Municipalidade, ao tempo do Dr. Arruda Negreiros) tão do gosto de nossos administradores e publicistas de antanho, se vêem hoje em dia.

Pela qualidade e quantidade do material atualmente oferecido ao povo, onde quer que se vá, sente-se e palpa-se a diminuição de valores e responsabilidade, tanto material quanto humano!

É o registro que deixo aqui, a título de colaboração e ensejando a oportunidade desta homenagem ao hebdomário que há nove lustros, exatamente...

Vem publicando...

Ensinando...

Amendo e cultivando...

Fazendo evoluir, enfim, o pensamento do povo iguaçuano.



Depois de Pedro Pujol, seguiu-se uma "salange artística e literária" da qual se destacou, como figura exponencial, o inolvidável poeta Jarbas Cordeiro, inteligência lúcida e impar de minha juventude estudantil, cuja obra — "Serpente de Sons" — testemunhei pessoalmente, razão por que lhe empresto o relêvo merecido neste volume que êle enfeixará em biografia, envolvida pelo meu coração.

"Nova Iguaçu poética e seu último boêmio", foi o título que escolhi para reverenciar a sua atuação entre nós, ao final.

Jarbas Cordeiro, também com Luiz de Azeredo, cuja vida vai contada, adiante, teceram muita coisa, sutil, naquela saleta modesta que traz a figura emoldurada de seus donos, — saleta que, como acentuei no início, se tornou cheia de histórias, iguais a tantas que vão no início dêste.

Contemos, então, a primeira delas: a lenda gráfica do Luiz de Azeredo, pela ordem, sempre a percorrer os caminhos da Iguaçu de ontem, desbravados por seu pai, os quais todos os idealistas como êle procuraram atapetá-los de ouro e pedras preciosas, deixando a atmosfera enevoadada de sonhos, em meio a jardins maravilhosos, para orgulho e satisfação de todos os que caminhamos atrás, na mesma trilha.

## A lenda gráfica...

JÁ nesta altura, temos dúvida quanto ao merecimento da incumbência grave e afanosa que nos conferiram, qual a de recebê-lo e elogiá-lo nesta página de comemoração centenária, em que toma posse da cadeira de que é patrono seu ilustre pai, o inolvidável jornalista Silvino Hipólito de Azeredo.

Permitam-nos assim dizer porque, iluminando o espaldar n.º 5, não se destaca apenas uma vida exemplar, pura e radiosa, senão ainda outras mais, tal a do ilustre filho de que nos ocuparemos, seu incansável continuador, a atividade permanente que vai na oficina instalada ao tempo do patrono ainda estuante de vida, onde milita regular número de magníficos auxiliares, todos amigos e admiradores incondicionais de sua figura: oficina que foi o celeiro, o império, o retiro de paz e de trabalho, seu horto de oliveiras algumas vezes; finalmente, a figura de sua esposa, sem cuja dedicação e ternura talvez não se tivesse completado a grande obra, o sonho de idealista, a culminação de seus anelos: O "Correio da Lavoura", como êle mesmo asseverou: "Órgão independente fundado a 22 de março de 1917" — jornal a que deu muito de sua inteligência e esforço, do coração afetuoso e sensível, a que dedicou tanto de sua vida, e que hoje, para satisfação de todos nós, deita raízes nesta cidade, fazendo, aqui e ali, repontar as pétalas multiformes de seus disputados exemplares, qual em brotação contínua, ininterrupta, dominical.



Esta, meus senhores, é a nossa responsabilidade aqui, ao ensejo da presente manifestação, repositório das melhores e mais puras tradições. Porque o ilustre árcaico, Sr. Luiz de Azeredo, além de legatário legítimo da obra de seu patrono, é também possuidor de apreciável acervo pessoal, de grande soma de serviços prestados a este Município, serviços a que ninguém pode permanecer indiferente.

Como lutador impertérito, de bravos tempos, a pelear continuamente, podemos compará-lo àqueles guerreiros celtas, de outras terras, que, tanto nos dias fastos como nefastos, atroavam as buzinas para conchamar assim civis como soldados para a defesa da Pátria ou para a partilha alegre e triunfal de simples caça. O objetivo daqueles instrumentos, como faz dominicalmente o "Correio da Lavoura", era o de reunir os presentes em torno ao acontecimento mais relevante. Musicalizavam as ocorrências para que se tornassem conhecidos os feitos dos heróis, as munificências dos gênios, as excelências da terra farta, encantadora e amável. Tais grupos, impregnados de poesia, caracterizavam a "memória" daquele povo destemido e realizador, tal como em outro estilo, mais sóbrio e menos bombástico, nos junta à sua fôlha o Sr. Luiz de Azeredo, exemplar céltico entre nós, a ilustrar, a desenvolver, a cantar a própria gleba, a extrair dela a recordação que conduz de habitante a habitante, com a mesma unção com que se passa a chama de um cirio a outro cirio.

E outra não tem sido a sua missão. Trabalhosa e nobre, sobretudo trabalhosa, principalmente para os que ousam estudá-la.

Desde sua infância que tem sido exclusivamente homem de imprensa. Antes de tudo, e em tudo, jornalista que, mais tarde, ao perder a companhia do pai, viria a substituí-lo sem deslustrá-lo: bem ao revés, passaria a imprimir, graças ao seu espírito de estudioso e perseverante, um cunho

verdadeiramente pessoal à divulgação da grande obra, como se, logo ao nascer, numa atitude premonitória, houvesse o Sr. Silvino de Azeredo feito a musa trêfega da imprensa dançar à volta de seu berço, para, aos depois, encaixar-lhe no cérebro, como se faz num componedor, as primeiras letras do alfabeto profissional, tais os que Guttenberg modelara em madeira e acabaram por completar a glória do mundo. Finalmente, para arrematar, fez penetrar-lhe nos ouvidos o barulho continuo das máquinas, que dêles não mais haveria de sair, como também não saem das conchas o revolver soturno e cantante do mar...

Só assim se compreende a tendência indiscutível do bom amigo que teve por "jardim de infância", pode dizer-se, uma redação, na qual cresceu, estudou, labutou, emancipou-se, sempre a encher laudas e mais laudas de papel, para o público ler com avidez quase provinciana no domingo seguinte, graças ao pensamento sincero que sempre o dominou, de possuir uma existência construtiva, elevada, em meio à tinta preta de impressão, preso àquela máquina francesa, dez palmos de comprimento, fabricada por Pierron e Lemaitre, a qual, pelas proporções de seu volante, mais parece um moinho fecundo a fabricar o pão espiritual para os iguaquanos.

O genitor, de formação honrada, com a intuição dos que acompanham a tendência das gerações, como já fizera antes, vislumbrara em Luiz a força ingênita de sua vocação.

E hoje, que tanto tempo é passado, no exercício do mesmo mister, há 22 anos, no duro ofício de escrever, vem procurando dia a dia ampliar seus horizontes, com a firmeza e decisão que todos conhecemos, para que, num futuro cada vez mais remoto, possa tornar-se um dos paradigmas do jornalista fluminense, um comentarista sereno e equilibrado dos nossos problemas e soluções, sobretudo dos mais importantes, ligados às melhores e mais dignificantes iniciativas.



De início, verdade seja dita, nós sempre o ignoramos como polemista, por onde começam todos, em origem de carreira. O literato em atividade, a princípio, é sempre incendiário e demolidor. O exórdio profissional são as instituições culturais e as pessoas que dela fazem parte, escolhidas como alvos. Depois, o tempo lhe trabalha as arestas e acaba sempre, ao contrário, um bombeiro, um pacifista notório. Que tudo, neste mundo, é questão de ensinar e aprender.

Luiz de Azeredo, desde o início, e ainda tendo um jornal à disposição para fazer dêle o que entendesse, em todo o tempo, sempre foi um doutrinador, embora conheçamos seu gabarito de veemência quando incompreendido ou acutilado. Mas o lado mau, deselegante, seu jornal nunca refletiu. Prefere a omissão, como aconteceu ao tempo em que, prestando serviço à Câmara Municipal, como chefe de secretaria, foi exonerado quase sem aviso-prévio.

Inúmeras vezes, comentando o fato, vimos-lhe as veias avolumarem-se na fronte, prossequindo num cascadear de adjetivos seguidos de explosões tão contínuas e flamejantes, que o tempo até fechou. As nuvens baixaram, cerrou o azul do céu. Choveu, nesse dia. Relâmpagos e trovões estrugiam aqui e além em impregnação atmosférica tão forte, que chegamos a temer pela sorte do responsável pela injusta exoneração — êle que vinha dando tudo de si, com dedicação, com interesse. Quer isto dizer que não é êle assim tão “manso como as pombas”, quando atingido.

Distante, porém, dos entreveros oriundos da luta pela vida, mostra-se dócil, sonhador, generoso. E até bardo, algumas vezes. Exatamente como se revelara naquela época em que havia tempo para fazer poesia e jornalismo, em que profuso foi o número de acrósticos e quadras oferecidos, em sua maior parte às leitoras, às quais tinha sempre uma pontinha romântica a dedicar:

*Hoje, vou levando a vida,  
Sempre o amor a procurar,  
Mas não o encontro, querida,  
Sem a luz do teu olhar.*

*Ora aqui, ora acolá,  
Meu coração não descansa,  
Amor, por que não lhe dá,  
A alegria da esperança?*

*Amar — dizem — é sofrer,  
Dia e noite sem parar,  
Mas que delícia é sofrer,  
Assim, sem nunca acabar!...*

Nada obstante a facilidade para as rimas, o conhecimento da técnica do verso, do rigor das pausas, da contagem sonora das sílabas, sobretudo da metrificação alexandrina, com os respectivos hemistiquios, há vários anos que é somente noticiaria, tendo abandonado, inclusive, a poesia em prosa, que foi o seu forte lá pelos idos de 1935, quando fêz “Soluços dalma”, cuja reedição em órgãos do interior lhe deixou o coração em alvoroço. Como complemento, vale acentuarmos o traço de sensualidade que ia no rapazêlho de então, em cujas produções afluíam profusões de beijos, quando não de abraços bem viscosos, reveladores do desejo de se sentir bem junto às deusas locais.

A maior parte de tais composições saía-lhe da pena quando ainda aluno do Prof. Carlos Vale, na Rua Getúlio Vargas, 31, no coração da Avenida Gaspar. Apesar de nôvo, imberbe, já pertencia à Sociedade Tobias Barreto, discípulo aplicado que foi, o famoso n.º 6, merecedor das honras de inaugurar o primeiro jornal mural desta cidade, àquele mesmo ano, ocasião em que pronunciou o primeiro discurso de sua vida e alusivo ao feito, por incumbência do mestre. Época em que, colaborando no mesmo mural e a usar gra-



vuras recortadas, gostava de fazer humorismo entrelaçado com as farpas com que procurava profligar as injustiças do tempo. Era o autor do "Ras... fula", jocoso comentário sobre um fato belo-horizontino, segundo o qual foi dado, em Cartório, a um garoto branco, o nome de Selassié; e a um preto, o nome de Mussolini. O n.º 6, pela boca do Duce, irreverente, exclamou:

— "Contento-me com as cidades. Mas isso de darem a um abissínio meu nome, fico fulo". E continuando: "Sim porque o guri da côr de azeitona fôsse batizado, coitado do padrego! levaria o caneco! Coitada da batina, bateria na tina!"

De outra feita, retratando fato recente, comentadíssimo na sociedade, em que o pai de certa jovem, médico, entendido do esporte nipônico (chamado, hoje, jiu-jitsu), dera uma gravata no conquistador da filha, saiu-se com esta:

— *"Mas, doutor, que houve, heim?  
Nesta rua cheia de pó!  
O meu pequeno gogó,  
Padecendo como ninguém!"*

Ao concluir este movimentado currículo em que, qual esponja, muito assimilara, conheceu mais dois professores de inglês, para o desenvolvimento da conversação: o Sr. William Boardman, residente naquela cachoeira, que outrora fôra o orgulho dos iguaçuanos, exatamente no local em que havia belíssimas casas de sapê, bem decorativas, rodeadas de colméias, onde vendiam o famoso "Mel da serra", além de pequeninos, mas higiênicos quiosques para a criação de milhares de galináceos. O local era vizinho do chamado "Poço da Pia", onde quase diariamente mergulhávamos, sobretudo nos dias quentes, quando íamos em busca de refrigério na abundância e na cristalinidade daquelas águas... a que o Sr. Luiz de Azeredo também comparecia, mas para saciar a sede de inglês! Em leve parêntesis, podemos es-

clarecer que, inúmeras vezes, o vimos naquele percurso, longínquo, a passear, quase quatro quilômetros da cidade, em demanda daquela outra vertente, onde, de dezembro a fevereiro, período de férias, fazíamos a nossa estação...

Bons e inesquecíveis tempos!

O outro preceptor especializado no ensino de línguas foi o Sr. Braz Louro de Carvalho, que lhe dera umas tintas de inglês e francês, pastor da Igreja Presbiteriana, erguida onde hoje se encontra o majestoso edifício do Forum, ao lado do 209, em que morava a nossa família. Este curso encerrou-se de maneira singular:

— "Bem, agora não tenho mais o que lhe ensinar. Vai andando por aí, desembaraçando-se como puder, com um e com outro, até chegar onde deseja."

E assim foi fazendo o aluno. Em tudo o mais. De degrau em degrau, até atingir ao topo da escadaria e passar, de simples redator de legendas fotográficas e cronista, a diretor de jornal, graças à sua vigilância apurada, à sua permanente dedicação aos estudos, sempre tomado de amor a esta terra que, em boa hora, lhe ofereceu o berço numa tarde azul e feliz de Ave-Maria, exatamente às 18 horas do dia 17 de outubro do ano de 1911.

\*  
\*   \*  
\*

Em sua existência, cremos, splende a ação de alto destino, que o põe a servir o próprio rincão no que possui de mais transcendente e elevado, como testemunha pessoal e consciente de seu tempo, sendo justo referirmo-nos aqui, de alguma sorte, à preocupação do zelo e carinho à boa linguagem, à sua formação diligente e caprichosa, que termina por dar mais relêvo, influência e superioridade ao seu semanário, ameno jardim de adornos literários e encantadora espiritualidade, além de noticioso relativamente aos nossos principais acontecimentos.



As láureas que lhe cabem advêm assim da fibra que tem sabido manter.

Mesmo usando os mais variados pseudônimos, que vão: do *Dr. Coisinha*, a tecer madrigais à mocidade feminina, ao circunspecto *Arauto*, de observações agudas e oportunas, jamais deixou de impregnar seus escritos do bom gosto que caracterizou grande parte daqueles cuja leitura assimilou, como: Manuel Bernardes, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, até chegar aos nossos: Humberto de Campos, de sua absoluta preferência, Machado de Assis, Graça Aranha, Raul Pompéia, passando pelos estrangeiros: Tolstoi, Zweig, Vitor Hugo e dezenas de outros. A certa altura, veio a preferir obras como as de Daniel Defoe, de quem disse: "Escreveu centenas de livros. Um só nasceu vivo e vive ainda hoje e viverá sempre: Robinson Crusoe, porque foi tomada da boca de um marujo que naufragara e vivera sozinho numa ilha deserta. Do Abade Prevost deparamos estoutro opinião, gravada igualmente na última página de manuseadíssimo e velho dicionário de redação: "Também escreveu às dúzias, mas só a história de Manon Lescaut vive e viverá eternamente, porque só nela a vida estua e palpita como um coração ofegante".

Tais trechos caracterizam o julgamento indefectível de quem, através de tanta leitura, sedimentou conhecimentos e apurou tendências, aperfeiçoou o gosto, o critério artístico. Agiu, como quem advoga e arrazoa as causas do que lê — característico bem seu, não fôsse um jornalista a muitos respeitos próximo do advogado.

Aliás, todo jornalista, como êle, acaba se tornando advogado do povo, do mesmo modo que o bom advogado acaba sendo o jornalista da causa que defende. Em última análise, podemos acentuar que jornalistas e advogados escrevem diariamente, muitas páginas, sendo o advogado ideal o que procura completar-se com o jornalista.

No comentário político local, como no arrazoadado forense, desafogam-se as aptidões literárias que todos julgam

possuir. Circunstância que faz a Arcádia andar cheia de advogados, quase todos jornalistas ou colaboradores. Daí, também haver Camilo Castelo Branco afirmado esta outra verdade, que "cada homem contém em si uma porção de ocorrências que hão de sair, em prosa e verso, como sai o carnicão de um furúnculo". É o que explica o interesse geral e a necessidade da literatura, inclusive da parte dos médicos que, só tendo de escrever receituários, recomendações de regimes e pedidos de exames, deixam-se infalivelmente absorver por ela, onde também existe uma arte, atrás da qual todos correm, a mesma que dominou Rabelais, Thomas Dover (dos pós de Dover) e faz hoje Cronin, Somerset Maughan, Pio Baroja, que já absorveu Axel Munthe, Conan Doyle, também de centenário recente, Ronald Ross, todos de anel de esmeralda...

Contudo, de quantas profissões existem, a que mais se vale da literatura necessariamente, é o jornalismo, pelos compromissos com a grande e variada massa de leitores. E nêle, com residência fixa, Luiz de Azeredo se encontra. E bem instalado. Muito à vontade, a cuidar da própria terra, a zelar a língua, a apurar a forma, a trabalhar o estilo, polindo-o e repolindo-o, a produzir, enfim, segundo o conceito de velho professor, obra de são patriotismo, e alta apologética.

Em que pèse, porém, tal manifestação de pendor literário, as questões filológicas é que sempre o apaixonaram, sempre mereceram dêle carinho e atenções especiais, parecendo-nos constituir a Filologia o seu forte, senão mesmo a parte de suas exigências, principalmente no que diz respeito aos temas a que se dedicaram profundamente José de Sá Nunes, Said Ali, Stringari, Francisco Fernandes, Laudelino Freire, Cândido de Figueiredo, Rui Barbosa, todos alinhados e desempoados em sua caprichosa e bem selecionada estante, a fim de dar ou de tirar, semanalmente, a razão dos colaboradores, obrigados a passar pelo crivo de sua revisão. O que nos empresta a certeza de que, se alme-



jasse intensamente publicar livros sobre questões de seu gosto e preferência, ser-lhe-ia demasiado fácil, tanto mais que, além de tais conhecimentos, abordou estudando, numerosos problemas municipais, — hoje volumes encadernados com imenso carinho, a constituírem os números transatos de seu hebdomadário, valendo ressaltar a qualidade de síntese de todos os escritos de par com a honestidade dos conceitos emitidos.

Uma facêta interessante de seu espírito revela nunca haver reeditado seus trabalhos. A modéstia indiscutivelmente nesses e em outros respeitos sempre o circundou, assim como nunca fez do jornal veículo de autopropaganda ou autodefesa, como se diz na gíria jornalística, *picaretagem*, caracterizando-se, para satisfação de seus pais e familiares, um caso típico de profissional ilibado, verdadeiro modelo de inquestionável honradez, principalmente para quantos desejarem abraçar a bela carreira neste Município, sem dúvida ainda carente de matutinos, pela vasta extensão de seus limites.

O destino que se traçou, bem útil, está nesta altura a produzir os melhores e mais proveitosos frutos neste começo de outono, fase de reflexão, já com a neve a embranquecer-lhe as têmporas. Com efeito, nota-se quão tem sido feliz e galardoado por tais lisuras, embora só cuide, como tem cuidado, de ser apenas jornalista; a viver exclusivamente de tal patrimônio, entre o prelo e a estante de tipos, entre as provas tipográficas, a mesa de redação e a máquina de imprimir, permanentemente rodeado de originais, de provas, de recortes, de jornais velhos, daqui e alhures.

Mas tudo tem êle feito com aquêle arrebatamento que o leva a pressentir o menor desvio de papéis à sua volta.

Seu amor ao periódico é tão entranhado, tão manifesto, que somente um relato como aquêle que nos forneceu certo árcade poder-nos-á dar uma medida da extensão dêsse zelo bem raro e extremado. Passemos a êle:

Contou-nos o ilustre confrade que a ocorrência teve por palco certo estabelecimento central desta cidade — um açougue — onde vários exemplares do “Correio da Lavoura” se misturavam a outros jornais da Capital, adquiridos para embrulho.

O balcão cheio, o Sr. Luiz de Azeredo aguarda calmamente a vez. Outros lançam os pedidos, quando o açougueiro, sem reparar nos presentes a figura do nosso querido diretor — expressão familiar — começa a cortar os pesos encomendados. Costela para um. Patinho para outro. Chã-de-dentro para um terceiro, até que — zás — atira uma posta larga de alcatra sobre o “Correio da Lavoura”, tingindo-o de sangue.

O companheiro olha para o diretor. Transmuda-se-lhe a côr. Empalidece como se houvesse sido atingido em parte vital.

Visivelmente decepcionado, mal podendo esconder um sorriso amarelo que lhe chegara aos lábios, meio cansado ainda da impressão exclama:

— Quando digo que essa gente não reconhece o que é esforço...

E fingindo achar o estabelecimento à cunha:

— Vamos embora que o magarefe não serve!

E retirou-se acompanhado, atrás de gente mais solícita, compreensiva, principalmente em relação às coisas da terra, capaz de lhe servir o filé, sem lhe atingir as próprias carnes...

\*  
\*   \*  
\*

Quem quer que lhe acompanhe a obra, reconhece haver motivos para assim se manifestar, não só pelo valor da herança recebida, senão ainda por representar, no duro sacrifício das noites indormidas, em duas vezes por semana, um dos expoentes locais da palavra escrita, ao longo das encostas e planuras dêste longo Município, onde se ergue a Arcádia a que êle tanto serve quanto ilustra.



Indubitavelmente, a sua imprensa é pequena. São dez páginas apenas. Mas puxadas a dedo, linha por linha, de sol a sol, sem nunca haver falhado um só dia, nos 46 anos de existência. Isso já é glória, meus senhores.

Mas não se detém aí. Tem-nos comunicado com os povos mais distantes, difundindo e polarizando as artes, as indústrias locais; enfim, tôdas as nossas edificantes iniciativas. Sem tal imprensa nosso rincão permaneceria, para o restante do país, e para nós mesmos, inteiramente paralisado, estacionário, do mesmo modo que não se fariam presentes os séculos que se foram, através de reuniões como esta, o que permite, lado a lado com as gerações que nos precederam, colher sua experiência, ouvir seus gemidos e anseios mais justos, contemplar as mais patrióticas realizações, testemunhar os erros e acertos perpetrados no tempo e no espaço, bem como os mais admiráveis avanços alcançados. A sua escrita é que nos imprime os cabedais da sabedoria, os rasgos dos oradores, a harmonia dos poetas, a elevação dos nossos administradores, — enfim, a vida, a pregação, a doutrina dos maiores iguaçuanos, inclusive dos vinte patronos que dão nome às nossas cadeiras.

\*  
\*   \*  
\*

Porém, meus senhores, tudo isso seria nada. Muito do que já se contou não se registraria, não fora a solicitude, a colaboração eficiente, a ação altamente meritória daquele espírito digno de figurar nos hagiológicos, que tanto fez pelo seu marido, e que agora, sem jamais descansar, continua a realizar a benefício do filho, que enternecido depõe:

*“Minha mãezinha querida,  
Cheia de amor maternal,  
Tesouro é de minha vida,  
De riqueza sem igual.”*

De outro modo, é D. Avelina Azeredo quem relata a preocupação que lhe causa o filho reconhecido e amado, a quem responderia, se versejasse:

*“Mãe aflita, amiga e boa,  
Mãe que ri, chora e perdoa,  
No mesmo eterno estribilho:  
Mãe que por terra se arroja,  
Que de tudo se despoja,  
Sómente em bem de seu filho!”*

E é ela mesma quem continua:

“Luiz teve um comêço diferente do dos outros meninos. Pouco depois de chegarmos de Pati de Alferes, onde residíamos, êle nascia, sendo de seu feitio, desde cedo, mostrar-se caseiro, talvez devido à pouca liberdade que o pai lhe concedia. Criado quase sem comer, com essa pouca fome que até hoje o acompanha, qual sombra assustadora, considero quase milagre, permanecer êle ainda entre os vivos. Foi criança muito doente, principalmente do fígado, numa ocasião em que Nova Iguaçu não possuía médicos. O Dr. Marques Canário é que algumas vêzes o medicava, reconhecendo nêle organismo débil, a exigir cuidados. Foi uma infância triste. Quando adolescente é que principiou a gozar de mais saúde, oportunidade em que iniciou o primário com seu irmão Silvino de Azeredo Filho, na escola que funcionava no andar térreo do edifício da Prefeitura local; depois, aprendeu com D. Albertina Trigueiro Mendes, e, por fim, com D. Maria Paula de Avezedo Lopes, com quem concluiu o primário, depois de exame feito no Grupo Escolar dirigido por D. Venina Torres.

Por necessidade de trabalho, imposto pelo pai — continua a genitora — nunca pôde ingressar em grandes colégios, possuir professores de renome, como desejaria, talvez. Julgo, entretanto, que com o Professor Vale muito aproveitou, senão com quem mais aprendeu. O que sabe é sem dú-



vida por esforço próprio, pela sua inteligência natural, pois o surpreendo sempre a ler e a estudar.

Como mãe, o que nêle mais me agrada é o ser bom filho, bom irmão e bom amigo. Muito honesto em tudo, nada até hoje fez que o compromettesse. Conforme já acentuei, a única coisa de ruim nêle é o apetite, sendo preciso estarmos inventando umas coisas e outras para êle comer.

Dos dezesseis filhos que tive (salvo naturalmente os três que morreram), foi o único que resolveu permanecer no posto do pai. Sem dúvida que o aprecio como continuador de Silvino".

Nestas palavras ditadas pelo coração de mãe, sente-se a extensão de um sublime amor, do quanto se dedicou e do quanto ainda se desdobra, fibra por fibra, desde que perdeu o grande companheiro, que se não lhe prodigalizou uma vida de grandes riquezas materiais, ao certo legou-lhe imenso patrimônio espiritual, o infinito carinho que existe em tudo quanto a rodeia.

De si, em compensação, tem D. Avelina tudo dado sem nada pedir, até a renúncia de muitos de seus desejos para o desenvolvimento dos filhos. Silenciosamente, sobretudo em tempos que longe vão, faltou-se a si mesma para que nada faltasse ao seu marido e aos seus.

Comparação bem feliz ouvi de A. Pimenta de Moraes quando, a ela se referindo, recordou antiga história romana. A dos netos de Cipião, relativa aos irmãos Gracos, e de sua mãe Cornélia, quando esta, ao receber a visita de orgulhosa dama, que lhe exhibira as jóias, exigira as dela.

Cornélia, calmamente, depois de chamar os filhos, apresentou-os à dama emproada e fútil, fazendo Tibério e Caio Graco se aproximarem mais:

— Eis as minhas jóias!

E apontou-os com a mesma satisfação com que, anos depois, os via crescer cheios de honra e dignidade, verdadeiro orgulho do povo romano, tal como nesta altura de sua vida, D. Avelina de Azeredo vê os filhos, com aquela tranqüilidade

que é o constante lenitivo da vida, a ofertar-lhes o coração que é o altar em que se esbarram tôdas as dificuldades, logo transformadas em coragem, em perdão, em relêvo e soliditude. Sob a luz que ela irradia, é que seus descendentes produzem, o que faz com que o "Correio da Lavoura" seja o jornal que todos conhecemos, com aquêlê aspecto comedido, sociável, sereno.

Quem quer que tenha merecido a ventura de aqui residir, jamais teve seu aniversário olvidado pelos redatores. Nenhum universitário, ao término do curso superior, deixou de receber o elogio pelos estudos, de par com o justo incentivo que alenta o exercício da nova profissão. Nenhum enfêrmo, dos de maior gravidade, deixou de merecer os votos sinceros de restabelecimento, do mesmo modo que aos viajantes nunca foram omitidas as formulações de boas-vindas.

Porque no "Correio da Lavoura" os noticiários principiam no momento exato em que D. Avelina, de atenção expedita, indaga dos mais íntimos, almeja noticias confortadoras. E quando se iniciam as informações: vem um e esclarece uma coisa; corre o segundo e completa outra. E ao cabo de contas, fica a redação de posse da nota, sem impedir que os acontecimentos de maior vulto deixem de ganhar o necessário e merecido relêvo, ao lado da coluna social, a mais atenciosa e solícita de quantas temos visto em jornais fluminenses.

Esta é a parte da influência jornalística desta criatura excepcional que, como uma estrêla de primeira grandeza, mantém todo um mundo à sua volta, em gravitação espiritual, para que dela recebam as luzes e o calor das bênçãos que os elevam no infinito.

Influência duradoura e benfazeja que começou junto ao seu inesquecível espôso, hoje nome florido numa praça verdejante, ornada de caramanchões coloridos, e merecidamente revivido nas presentes manifestações, através de uma biografia primorosa, que se não constitui autêntico poema de



ternura filial, caracteriza-se pela fidelidade com que foram revelados os exemplos de uma vida modelar, repleta de ideais, de abnegação e de trabalho.

Convencidos estamos, entretanto, que sem a presença inspiradora, sem a colaboração efetiva de tão completa esposa e mãe, esta maravilhosa epopéia, que hoje nos comove, não teria alcançado sua meta luminosa, posto que, foi cuidando, como cuidou, do caráter do filho, assim como alentando o marido, nos momentos de fadiga e de descrença, que cultivou o solo sôbre o qual floriram os laranjais, sôbre o qual cresceu e se desenvolveu uma nova e maravilhosa civilização.

Não foi em vão, por conseguinte, que ela ofertou a ambos o profundo amor que lhe aflora da alma, com o resultado que todos sentimos, pois enquanto o continuador da obra, seu filho, na terra, busca a perfeição da vida, o outro, o pai e o espôso, pela crença na luz divina que ela soube propagar, alcança a bem-aventurança na eternidade!

\*  
\* \*

Pois entre essas três vidas, meus senhores, qual três rosas imarcescíveis, que nos fixaram as circunstâncias. Não só pela alta distinção conferida, honrosa, senão ainda pelas ligações pretéritas, entre nossa ruidosa infância e os locais onde é impresso o jornal, atual residência da tradicional família Azeredo.

Efetivamente, existem ali ocorrências a que teremos de referir-nos, entrelaçadas que se acham como aquelas mãos que unem os corações. E, como a saudade puxa saudade, eis-nos conduzido ao tempo em que a entrada do "Correio da Lavoura" — hoje florida alameda cheia de begônias, de espadas-de-são-jorge, de raras hortênsias esmaecidas, — era o longo quintal da casa em que morávamos, sem muros laterais, uma horta à direita, dirigida por meu pai e cuidada por Teotônio, um serviçal amigo e devotado. Nessa área é

que praticávamos o "gude", pulávamos a "carniça", onde armávamos o circo de bambu, com os cobertores vermelhos de lã, tirados às nossas camas. Havia então, a ensombrar-nos eficientemente, a copa dos abacateiros, cujos troncos constituíam outros tantos desafios à escalada difícil ao telhado. Representavam a atração e o refúgio da garotada local.

Particularizava tal cenário uma quadra feliz de nossas vidas porque, em meio às folganças consuetudinárias, havia somente a responsabilidade do horário escolar, durante o qual tudo se interrompia para aprendermos as primeiras letras, as mesmas que, anos depois viríamos a devolver àquele mesmo recanto, como se fazem às flôres que se cultivam ou às fôlhas que tendem a retornar ao solo, para que se reconstitua a seiva...

Assim fizemos tempos depois, para surgir, agradando o próprio jornal, "A Sombra dos Laranjais".

Vários anos vivêramos ali, com nossos pais e irmãos, em união feliz e despreocupada, tantos eram os que acorriam para conosco permanecer e sentir as delícias caseiras daquele recanto, porões escuros e misteriosos, cheios de gatos, o antigo 209, hoje 2.075 da Rua Bernardino Melo, onde as bananeiras eram viçosas e as pitangas, araçás e hortaliças despertavam a gulodice de muitos, e onde, nos festejos de Santo Antônio, iam cair as flechas de foguete, tanto as que partiam da igreja, quanto as que vinham do morro. Só que, à hora certa, tínhamos de vestir o uniforme carijó e ir em direção à 3.<sup>a</sup> Escola Mista de Nova Iguaçu, sob a direção de D. Carmem Torres Maldonado.

Nessa altura de nossas vidas tanto o "Correio da Lavoura" quanto a "Crítica", que viria depois, já faziam ante-ter o brilho intelectual de um futuro vate iguaçuano, bem como a força de seu estro. Meninos ainda, atrasados no vernáculo, nossa professôra, entretanto, já falava nesse jornal do Sr. Silvino de Azeredo, em cujas colunas, um irmão da colega Cibele — o poeta Jarbas Cordeiro — colaborava,



e seus versos e poemas já circulavam pela cidade, assim como no Rio faziam outros iguais a êle. Tal advertência impressionara-nos bastante, quiçá até hoje.

Embora tal época passasse um pouco distante de nós, garotos ainda, tais heróis, rapazotes meio maduros — representavam um período áureo de Nova Iguaçu, porque nêles todos viam os expoentes da literatura local, consagrados até na escola pela mestra, que os fixou definitivamente em nossa admiração e respeito.

O grau de fascinação que exerceram sobre os iguaçuanos foi tão grande que, de uma ocasião, ao ver passar Jarbas, com aquela magreza lírica e feliz, certa jovem não se conteve:

— Lá vai nosso grande poeta. Que lindo!

E embora não fôsse êle tão lindo assim, porque sua simpatia era mais espiritual, assinalava sua atuação um tempo verdadeiramente bom.

\*  
\* \*

Meus Senhores:

Não é demasiado o elogio que fazemos, tanto ao patrono e aos seus familiares pela obra realizada, como especialmente ao Sr. Luiz de Azeredo pela colaboração prestada, sobretudo à Arcádia Iguaçuana de Letras, que tem tido, nas páginas do "Correio da Lavoura", todo o apôio, entusiasmo e o incentivo de que necessita, incansável e sereno divulgador que tem sido.

Nesta altura, agrada-nos recordar sua invejável boa vontade, principalmente quando a Arcádia engatinhava, com os passos incertos, e êle a estimulá-la com as publicações dominicais, querendo fazer dela órgão inteiramente ligado às coisas iguaçuanas, com aquela pompa e o protocolo da Academia Brasileira de Letras, nosso modelo emérito, a mais alta, a mais representativa expressão da inteligência e da cultura brasileiras. Assim agindo, lembrava-nos a cada

instante que tal como na vida, todos começam com dificuldade, inclusive a própria Academia, a princípio sem teto, como um Diógenes, sem apôio financeiro, apenas com a boa vontade dos que a compunham. E à sombra de seus estímulos a Arcádia foi crescendo, estando agora em vésperas de completar mais um aniversário, com mais de setecentos mil cruzeiros em caixa, conseguidos do Govêrno Federal, graças à boa vontade e ao entusiasmo do atual presidente em exercício.

E relativamente à Academia vive a Arcádia seus tempos heróicos, sem jetons e sem honorários para os que nela atuam, todavia, com muito idealismo e seriedade, existindo até, como naquela, em seus primevos tempos, uns cétricos, outros crentes, ateus, conservadores, reacionários, circunspectos alguns, outros francamente boêmios de espírito. Mas todos esperançados, que a esperança é o supremo bem da vida.

E, se não fôra assim?

Quando a Academia surgiu, Machado de Assis, que tinha horror à política e só cuidava de literatura, sentava-se ao lado de José do Patrocínio, terrível abolicionista. O socialista Graça Aranha e o liberal Afonso Celso discutiam na intimidade. E Raimundo Correia, tão austero quanto tímido, sorria às novidades que lhe trazia o trocista Guimarães Passos. O rico Eduardo Prado e o pobre Aluisio Azevedo ombreavam-se contentes, a gozarem da mesma arte, de idênticas manifestações de inteligência e de espírito. Sem embargo das querelas e das zangas momentâneas, havia unidade de ação para que a instituição crescesse e se tornasse coisa monumental.

Assim aconteceu.

A Arcádia, em seus albores, também demarcada por destino feliz, vai vencendo uma a uma as dificuldades, não nos cabendo prever até onde chegará sua meta luminosa, visto como, entre os árcades, existe a mesma similitude de planos e ideais, o mesmo desejo de vê-la com a majestade



que constitui a glória de nossos maiores, conquistada através dos tempos.

E há de surgir, graças a espíritos propugnadores como o de Luiz de Azeredo, o dia em que ela se cobrirá de esplendor, engalanada de tesouros materiais e espirituais, com que premiará os que se dedicarem à vasta literatura que impregna a terra dos laranjais e de que o "Correio da Lavoura" é modelo indiscutível. Páginas a que nada tem faltado, nem mesmo as indispensáveis emanações de cultura, em muitas das quais se encontram até conselhos à educação e à saúde, à melhor maneira de cuidá-la, — o que de melhor se pode desejar a outrem.

Todavia, como envaidecidamente proclama D. Avelina Azeredo, no mais sincero e inconspicuo dos depoimentos, se na pessoa de Luiz de Azeredo as únicas coisas de ruim são o ter nascido miúdo e o não possuir apetite, então devemos bradar em alto e bom som, à sua frente se encontra o mundo para servi-lo, depois de curvar-se reverentemente por tão raros crisóis. Pois se até Voltaire, que nasceu de sete meses, enfraquecido a ponto de precisar de muitas palmadas para sobreviver, também miúdo e sem fome, durou 84 anos, que será do Sr. Luiz de Azeredo, que nasceu de nove... Isso, certamente, fará muitos desistirem, ao pensarem em sua vaga...

Como quer que seja, uma longa vida e venturosa, principalmente rica de vitórias alcançadas, é o que todos lhe desejamos, no ambiente sadio que escolheu para viver, onde esperamos nunca esmaecer a luz que envolve seu espírito generoso e bom.

\*  
\*   \*  
\*

Que no esplendor de seus sonhos, atormentados apenas pelo estilo de quem luta para alcançar a perfeição, encontre as flôres e a eterna alegria que possam recamar o assento onde se fixou para pelejar, na longa caminhada desta vida.

A Arcádia, tanto quanto possa, estará sempre solícita, disposta a acolhê-lo enternecidamente, como fazem nas estradas as velhas árvores, tanto mais velhas quanto mais amigas, em relação ao viandante ilustre, sob a luz inclemente do sol.

E uma vez sentado, como já se encontra, e merecidamente, no ambiente culto e austero da Arcádia Iguaçuana de Letras, só nos resta abraçá-lo e proclamar: seja bem-vindo nesta Casa, Sr. Luiz de Azeredo, que é tanto sua quanto nossa.



## Nova Iguaçu poética...

**Q**UANDO, para alegria interior, vejo tanto interesse numa atitude de saudade, para sentir as elucubrações de um ser que soube elevar e dignificar o torrão que, não sendo o dêle, amou com veras dalma, servindo que foi de tantas qualidades, — fico com a impressão de que na vida literária iguaçuana ainda há lugar para o exercício dos melhores sentimentos de cordialidade e compreensão, de admiração fiel e ternura humana.

O dia de hoje vem revelar exatamente isto: que neste rincão não existe lugar para sentimentos inferiores. Muito ao revés, o que há são estímulos grandiloquentes à polarização do bem, resultantes de altos sentimentos de compreensão e amizade. É o que também dêle diria o autor de "Serpente de Sons", objeto de nosso tema, — poeta que, se vivo continuasse, já seria cinquentão, nascido no dia 10 de setembro de 1909, — plenos daquela felicidade que a devoção literária lhe concedeu, inteiramente entregue ao desenvolvimento da obra que só não chegou a concluir porque foi roubado ao nosso convívio, levando consigo o segredo de seu tempo, o entusiasmo da atuação entre os iguaçuanos, a imensa sensibilidade de aedo, de ficcionista, o desembaraço do jornalista diletante, os eflúvios mágicos da paixão criadora, do ímpeto intelectual, da graça, ao desaparecer em pleno Natal, às seis da manhã, no Sanatório Rui Dória, em São José dos Campos, depois de vinte anos de intensa atividade, a benefício da cultura local.



E, se me vejo aqui com a feliz oportunidade de abrir o encadeado círculo de sua vida, devo ao fato um encontro fortuito de idéias, quando, admiradores seus, na Arcádia Iguaçuana de Letras, se detiveram na justa tarefa de reviver personagens de valor e influência indiscutível em nosso meio.

\*  
\*   \*  
\*

Assim, recebi tal encargo como quem toma às mãos a chave que reabre certas lembranças, semelhantemente àquela que tornou das profundezas do mar, depois de lançada às vagas e devolvida à praia, nas entranhas de um peixe.

Tal símbolo, tão significativo para os que tivemos a fortuna de privar de sua amável e útil companhia, traduz desejo quase unânime de nossa confraria, de relembrar sua passagem por Iguaçu; de reproduzir a imagem viva, fiel, de sua atuação. Só não sei se tôdas as circunstâncias haverão de favorecer-me no mister que aceitei, visto ser eu o menos indicado para tão altos vôos! Ele, tão cioso de suas ações, tão caprichoso e escorreito nos menores empreendimentos! E eu tão descuidado! Durante tantos anos distante da Sublime Arte a que com tanto gosto se entregava e que, no dizer de Platão é como ímã, que não só atrai, mas ainda comunica a virtude de atrair outros pedaços!

Dai não me sentir tão à altura de poder traduzir, como convém, mesmo ao de leve, alguns de seus desenganos, com a mesma elegância e altivez com que soube suportá-los — até permanecer inerte e frio como permaneceu para sempre, antes, tão magro, tão só, completamente exaurido e sem voz, depois de haver prodigalizado tanto! De tudo haver oferecido a seus amigos de Nova Iguaçu! Assim como não poderei aquilatar exatamente a dor da solidão final, ao sentir a aproximação da Eternidade, descrever com saudade sua última lágrima, filha do orvalho da manhã, quando percebeu

extinguir-se a respiração, instante de agonia, provocada por aquela madrugada paradoxalmente fria, de 23 para 24 de dezembro, quando se lhe enregelou o corpo já exangue, no leito alvo, sem uma palavra amiga, sem as carinhosas expressões de consôlo que valem muita vez como ingresso feliz aos que partem para o outro mundo!

\*  
\*   \*  
\*

Jarbas Cordeiro nasceu na cidade de Pedro Leopoldo, no interior de Minas Gerais, centro, hoje em dia, de caravanas espirituais, onde as obras do Além são compostas por um homem que lá tem atraído a atenção de muitos, maximamente pelo mistério fecundo de produzir tanto, não obstante sua vida modesta, de autodidata — o Chico Xavier.

Se isto é milagre da terra, e não do céu, Jarbas também foi herdeiro da mesma fôrça telúrica, exuberante que se revelou para a ex-fôlha local "A Crítica", publicada semanalmente, a que não faltou com seus versos durante anos e anos consecutivos.

Em tal época, enleado na saudade dos carinhos maternos, na justa ânsia de quem deseja manter viva a santa memória de sua genitora, D. Maria Salomé de Azevedo, morta prematuramente, compõe o "Poema de dor e de saudade":

*Ao badalar dos sinos de Finados,  
Ao festim da tristeza e da saudade;  
— É minha eterna dor essa ansiedade  
Que chora nestes dobres compassados...*

*Em cada canto há pranto e soledade!*

*As flôres são mais lindas nesse dia.  
No céu e em tórno a mim, em fundo de ouro,  
eu vejo a santa efígie, — o meu tesouro,  
envolto em manto azul, junto a Maria...  
E é triste, muito triste a realidade!*



*Mãe! Tu, ó santa mãe, luz de minha alma,  
— Aqui inspiração e relicário —  
recebe o culto meu na roxa palma  
inundada da lágrima amplidão  
— áurea flor que nasceu no altar sacrário  
que teu filho te ergueu no coração!*

*E, à sombra desta cruz, ao véu sidéreo, —  
— vestido de saudade e de amargura: —  
— Eu canto a minha dor no cemitério,  
Onde vive na paz da sepultura,  
a minha mãe,*

*— meu grande amor!  
— minha áurea dor!*

Seria o seu retorno à infância saudosa. Aos três anos, teve de passar para os cuidados da avó, desde cedo a grande amiga, D. Sara Nogueira Cordeiro de Sousa, criatura observadora e arguta, que vislumbrou de logo a excepcional vivacidade do menino. Estamos em 1912... Foi quem telefonou para o pai, Manoel Jacinto Cordeiro de Sousa, reclamando colégio para o garoto, podendo ser ali mesmo em Juparanã, onde morava com o neto. Foi ela como um Sol que, a golpes de luz, quisesse abrir a flor ainda tímida daquela inteligência. Prontamente atendida, satisfeita em seu desejo, começa a ajudá-lo, nas lições. Primeiro, repetindo-lhe empós as aulas, as primeiras letras; ao depois, contando-lhe as saborosas histórias de que jamais haveria êle de se esquecer, pelo desembaraço que lhe ganhara a memória.

Tanto assim que, aos dez anos, fêz-se aprovar, sem dificuldade, nos exames de admissão ao Colégio Pedro II, do Rio. Em 1919, seu pai, querendo uma vez mais servi-lo, muda-se para Austin, em nosso Município, em cuja estação ferroviária, como funcionário da Central do Brasil, principia a trabalhar. A avó, entretanto, lhe ficaria para sempre na retentiva, agradecido aos seus esforços, ao desejo de

encaminhá-lo, principalmente por lhe contar as histórias maravilhosas das quais só viria a falar publicamente, no dia 24 de dezembro de 1933:

— “Ah! As crianças!”

Quando eu era pequenino, tôdas as noites minha “vovó” contava histórias para eu ouvir!

Histórias de fadas, de casas mal-assombradas, da “gata borralheira”, do “chapéuzinho vermelho” e da “bela adormecida no bosque”...

Ah! Como eu gostava das histórias de “mestre coelho”!

Hoje, que já cresci, tenho tantas saudades de minha avózinha...

As crianças de hoje não ouvem mais histórias bonitas. Pudera, as vovós passaram com minha meninice!

Era tão boa a minha vovó que passou!”

E, sem dúvida, era excepcional tal vovó. Quem diria não ter sido ela a responsável pelo estro que o acompanhou a vida toda? Inspiração que ela mesma fecundou em época propícia, a ponto de torná-lo ainda hoje, depois de tantos anos, a figura querida e admirada, sobretudo no período de produção quase ininterrupta, em que se revelou sobejamente, no início do curso de Direito, — em que Nova Iguaçu se tornou parte integrante, a motivação da quase totalidade de seus sonetos? O que justifica, de alguma sorte, o haver êle se fixado no bronze de nosso reconhecimento, já pela grandeza de sua obra, já pela elevação de seus pensamentos, já, ainda, pelas suas boas intenções, de par com a superior qualidade de seus sentimentos, a emprestar a tudo quanto tocava, qual mágico compositor, a feição característica de sua época. Era realmente grande o “Mestre Coelho” que lhe ficara na alma!

Aliás, em tais respeitos, Nova Iguaçu não se pode queixar. Tem sido feliz com seus poetas. Com os que aqui se radicam, desde os tempos de Jarbas Cordeiro.

Ai estão vivinhos como prova: Zilmar de Paula Barros, o autor de “Painéis”; o newtoniano José Barsabás, de “Man-



sos como as Pombas"; o iguaçuano-pauxi Francisco Manuel Brandão, seu amigo desde o tempo do grêmio de Bangú, além de outros que, de tanto cantarem a nossa terra, nas débeis cordas da lira, já se julgam tão filhos dela quanto os que mais o sejam, como, por exemplo, o autor de "Vitória de Samotrácia". E hão de fazê-la rainha...

Retornando à figura de Jarbas, posso afirmar que quase tudo quanto a cidade possui, de mais relêvo, tais as montanhas verdejantes e bem alcantiladas, suas cachoeiras, o céu anil, laranjais floridos, as principescas jovens, a mocidade, enfim, estuante de vida e de sentir, — quase tudo, na devida oportunidade, foi por êle cantado em prosa e verso, sendo mesmo o primeiro da enorme fila de rapsodos, a despontar como a sua luz nos horizontes fecundos desta gleba, com a ânsia quase sagrada não só de espargir conhecimentos e filosofia, senão ainda felicidade e inspiração para os iguaçuanos.

\*  
\*   \*  
\*

Dai, a grande falta que nos faz. Ou melhor, a que sentimos dêle, amante que foi de quanto é nosso, desaparecido quase repentinamente como a preciosa gema que se desgarrou da peça estimativa, difícil como é encontrar-se os que vibram, como êle, tal qual sismógrafos, às coisas da Terra, os que cantam, como iluminados, as excelsas virtudes do amor, a doçura e o carinho que nela existem.

Aquêle "convite" dedicado à mocidade de Nova Iguaçu, em dois de novembro de 1930, é bem um traço disto tudo:

— *Canta, mocidade! Vibra, clama, psalma,  
e estertora-te, heróica, ao hino dum só grito!  
Quero ouvir-te, grandiosa, no eco de minh alma —  
— quero ver-te, maior, com os olhos do Infinito!*

*Se ao dorso a cruz te pesa: Arrasta-a, altiva e calma!  
O Calvário a teus pés... Um laurel de granito,  
há de fazer-te santa, entre aromas da palma  
que abraçaste no altar do carinho e do rito.*

*Caminha, folgazão! Jamais melancolia  
ao coração terás! És pobre... e o meu martírio —  
— Ordena-te o esplendor: Alegria! Alegria!*

*Que viva azul, na terra, o tempo da ilusão,  
que à beira d'água assiste à extrema-unção dum lírio,  
para a prece do lar, na voz do coração!...*

Era a sua lira tocada pelas sensíveis cordas do sentimento bairrista.

\*  
\*   \*  
\*

E não sei que outro galardão maior para a "Falange Artística e Literária" àquele tempo, ou para a Arcádia Iguaçuana de Letras, de nossos dias, que o de poder contar, entre os seus, com autênticos "príncipes" como Jarbas, inteiramente amadurecido em seu estilo poético, indiscutivelmente simbolista, à maneira de muitos que leu e assimilou, com os porões da alma inteiramente abertos à espera de provisão.

Mas bem hajam os fatores que nêle atuaram e de que resultou a formação de uma poesia sã, em que mostra tão visível seu perfil de eterno apaixonado, tanto do solo, quanto das amadas que possuiu

*Voltei para você, com essa alegria pura  
que é o meu maior amor, há muito incompreendido!  
Pois que em você, menina, eu via a criatura  
eleita para mim, por graça de Cupido!*



*E, sabendo você? em tudo a formosura,  
o sentimento, o riso e o ritmo querido:  
Fiz de teus olhos negros — minha iluminura  
o clamo — vencedor; sorrindo, adormecido!*

*Mas se eu voltei, vestido de esperança,  
com o meu sonho e o meu verso, ornando o seu caminho  
"para a marcha nupcial" do nosso amor de criança! —*

*É porque sei só meu, seu cândido carinho  
e eu seja de você, talvez, viva lembrança  
dêste amor que é você: meu ídolo de arminho!*

\*  
\*   \*  
\*

Que coração, sobretudo feminino, não se sensibilizaria com o acento de tão delicados versos?

Deve ser, de outra sorte, o que explica o êxito obtido ao seu tempo, embora sempre com aquela magreza lírica que todos conhecemos, a acompanhar as borboletas azuis de seus sonhos, a vê-las subir os primeiros raios de sol, a contemplar as pétalas macias e aveludadas das rosas vermelhas de seu jardim poético, numa época em que somente êle — e só êle — possuía o sêgrêdo da flauta mágica, de que falavam nossos mais antigos caçadores, feita do célebre bambu deitado à margem de nossa mais bela cascata, sôbre cujo verniz atuaram a água e os mais quentes raios de sol, se infiltraram o clarão e a umidade de nosso mais belo e prateado luar!

E dono de instrumento mágico de tantos dons, teria fatalmente de impressionar nossa gente — que somente ouvira, mas nunca vira a ação misteriosa e tão próxima, cheia de fantasia, dos lêmures ou duentes locais, até então ocultos.

Jarbas movimentou a todos.

\*  
\*   \*  
\*

Nessa evocação que teço, vai muito de minha admiração sincera e pessoal, além de profundo reconhecimento à extrema solicitude de Jarbas.

Nunca se fizera de rogado às menores solicitações que lhe eu dirigia, inclusive de matérias relativas ao curso ginasial. E era eu um menino!

Haja vista aquela noite, exatamente no E. C. Iguaçu, quando ainda usava o uniforme caqui dos tempos de estudante. Havia saído à rua inúmeras vezes à sua procura, no intervalo de várias partidas de um campeonato interno de pingue-pongue. Já desesperançado, eis que êle aparece. Vem ao meu encontro, talvez por já haver sabido de algo.

Revelara-lhe a dificuldade ante a incumbência que me dera o diretor do Ginásio Arte e Instrução, no sentido de apresentar monografia do poeta de Rio Claro, Fagundes Varela.

Meus livros eram omissos, e o que continha a antologia de Fausto Barreto era por demais resumido. Foi o que lhe expliquei.

Sem se fazer demorar, depois de alisar o finíssimo bigode, muito em voga e naquele gesto muito seu, conduz-me a um canto onde havia uma mesa vazia de xadrez.

Com o papel e lápis que já trazia, começou-me a ditar o que êle já sabia, episódios inteiramente inéditos da vida do bardo fluminense, o qual, por ter perdido mulher e filho, adquire o hábito da solidão e da caçada, nos invios sertões de nosso Estado. Numa das vezes, na prática do esporte cinagético, casualmente, acerta o pé, como acontecera igualmente a Castro Alves.

O poeta sofre. Entrementes, minha monografia vai aumentando. Cresce. Ao mesmo tempo que, paralelamente, a admiração pelo Jarbas, que se valia exclusivamente da culta memória. A certa altura, conta que Fagundes Varela redigia "corrente calamo" — quer dizer ao correr da pena, — expressão que usei, ao dia seguinte, umas dez vezes ou mais, junto aos colegas, o que devia tê-los caceteado bastante.



Hoje, que algum tempo medeia, após aquela noite memorável, lembra-me êle o que é ser erudito, pessoa de muito saber. Se o autor de "Vozes da América", de "Anchieta" e de "Diário de um Lázaro", revelou-se bardo inspirado, a escrever quase de improviso, sem tempo de corrigir seus escritos, o amigo que reunia fragmentos de sua grande vida, também não o era menos, a juntar tão importantes dados, reproduzidos sem revisão. Concluo, esclarecendo, que o êxito por mim alcançado, na manhã seguinte, foi tão grande, que o próprio professor, conhecedor de minhas limitações, chegara a desconfiar da paternidade da obra. Êle mesmo não ousara ensinar tanto, com tanta minúcia. Pena é que eu, aluno negligente de literatura, não houvesse guardado a obra-prima de Jarbas, indubitavelmente muito acima da craveira ou do estalão comum.

\*  
\*   \*  
\*

E não somente era assim. Atencioso, sempre magnânimo, mesmo em questões de dinheiro. O que era seu distribuía com a mesma fartura dos versos e rimas, o que talvez viesse a prejudicá-lo mais adiante, quando precisava de ameaçar, para cuidar-se, enfrentar as imensas despesas da grave doença que o atingira. A riqueza, que tanta soberba e fatuidade cria, algumas vezes se torna bem necessária, como no caso especialíssimo de Jarbas, que mereceria correr mundo, ao encontro dos melhores especialistas ou dos mais recomendados climas europeus, recuperar-se na Suíça, no colosso das montanhas ricas de paisagens e de oxigênio, onde tantos, no início, se restabeleceram. A única vez que o vi enfermo, já quase sem fala, criou-me pânico sua atitude entre calmo e indiferente, a fazer curativos que cada vez mais lhe agravavam, conforme êle próprio o confessara.

A tristeza que se me apossou, ao me revelarem o mal, êle ainda por aqui, como incrível teimoso, era o prenúncio de que, tempos depois, morreria do mesmo bacilo que viti-

mara a Castro Alves, Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, inclusive os que lhe ditaram as linhas mestras de seu estilo, o catarinense Cruz e Sousa. Mas isso veremos adiante.

\*  
\*   \*  
\*

Quando menino ainda, concluiu o primário no Curso Barão de Juparanã, aos nove anos, preparando-se para os alôres de suas primeiras florações, era bem resistente. As mudanças de localidade e de clima nunca lhe afetaram a saúde, aparentemente boa. Tanto que os primeiros cursos êle os fez com relativa facilidade, sem faltar às aulas. Até mesmo com rapidez.

De Juparanã, o pai, funcionário da Central do Brasil, Agente — de segunda, — vem para Austin. Aí, se prepararia Jarbas para o admissão ao Colégio Pedro II, onde concluiria o curso com brilhantismo, tendo por colegas: Faim Pedro, médico na Capital; Alim Pedro, ex-Prefeito do Distrito Federal; o Brigadeiro Nero Moura, além de outras figuras conhecidas e de projeção na ciência, na política, no exército, nas letras e nas artes.

Em 1924, concluído o ginasial, prepara-se para o vestibular de Medicina, na Praia Vermelha, o que consegue em março do ano seguinte, 1925, quando se classifica no 152.º lugar. Surge-lhe um óbice: como naquele ano há somente 100 vagas, corre o risco de perdê-lo. Começam a surgir os sinais de decepção, o medo da luta inglória, quando o diretor da Faculdade, professor Abreu Fialho, traz-lhe grande alento. Ao atender a um apêlo do Ministro da Justiça de então, Anibal Monteiro Machado, dessa família de escritores, aumenta o número de vagas, de 100 para 200, o que vem proporcionar alegria ao coração de Jarbas, sobretudo ao de seu pai, que tanto pelejara em favor do filho. Assim, é matriculado no 1.º ano médico.

O Sr. Manoel Jacinto Cordeiro de Souza, que nessa ocasião se encontrava em Santa Cruz, promovido que fora a



Subchefe de Estação, muda-se para Nova Iguaçu, casado em segundas núpcias com a Sra. Noêmia Chaves Cordeiro. Primeiro, fixa-se na Avenida Gaspar.

Primeiranista de Medicina, o coração do pai já o via triunfar pleno de êxito. Sim, Jarbas não falhara em nada. Ademais fôra decisiva a influência de Eurico Costa no espírito do filho. O de que precisava agora era dinheiro para os livros; para as viagens e gentileza aos amigos. É quando lhe consegue o primeiro emprêgo. Na Contadoria Ferroviária, na Rua Uruguaiana, com ordens superiores de sair para as aulas na Faculdade. Ficara restando, unicamente, encurtar-lhe as distâncias. A Faculdade ficava longe. Demais disso, ainda teria de trabalhar, inclusive à noite, nos livros de Contabilidade da Central.

É quando resolve mudar-se de Nova Iguaçu. Para a Rua Marechal Bittencourt, 125. Ficaria mais próximo.

Aí, Jarbas permanece algum tempo. Ele mesmo o conta, mais tarde, em seu livro, através da serpente.

Embora a residir nas proximidades do Rio, é mais que conhecido e estimado em Nova Iguaçu. Requistadíssimo para as festas, reuniões familiares, políticas e até mesmo para atuar no Fôro, torna-se qual pássaro magnetizado na bôca do enorme ofídio que Aires Rôzo desenhara. Jamais daqui se afastaria. Os artifícios da deusa Temis, a mais recente namorada, em cujos braços sopesaria a vocação, as tendências ligadas aos ideais da vida, cego também de amor, três anos depois, como apaixonado por quanto esta terra lhe oferecera, ainda com um Juiz amigo para consorciá-lo definitivamente, vira-se para o genitor e exclama:

— Papai, vou abandonar a Medicina. Não guardo vocação para ela.

— Então, meu filho, diz o Sr. Cordeiro entre emocionado e comovido, quer você virar caranguejo, aquêle crustáceo que anda para trás?

— Não, meu pai. Mas gostaria de estudar Direito, de ser advogado. Descobri que é a minha vocação.

O Sr. Cordeiro silencia. O que se passou depois, em seu íntimo, só êle mesmo o poderia dizer. Jarbas lhe parecera irredutível.

\*  
\*   \*  
\*

E do que foram todos aquêles sacrifícios, assim dêle a pugnar tenazmente pela vaga do filho na Faculdade de Medicina, como o do próprio filho, a pelejar e a estudar para classificar-se honrosamente, vem a restar apenas um sonêto. "A Caveira", do esqueleto que o impressionara no anfiteatro de Anatomia:

*"Êste riso, caveira, assim demais rasgado,  
encanta o teu sofrer e clama essa agonia  
que outrora te arrancou, com salmos de noivado,  
de tanta luz e amor, em plena fantasia!*

*Onde, pois, o esplendor dos olhos doutro dia?  
Onde a graça facial no lábio carminado?  
— Tudo passou, caveira, embora essa alegria,  
ainda viva na bôca em riso desolado!*

*Como te foi cruel o tempo em que a sepultura,  
Anos atrás, num trôno azul, bordado a rosa,  
falava à mocidade: "É linda a criatura!"*

*Mas hoje, o próprio pó te chora, olhando o nada...  
Foste mulher, tão divina e formosa —  
e agora é surda e cega à própria gargalhada!...*

\*  
\*   \*  
\*

Sem dúvida que para seu pai fôra cruel tal atitude. Profunda a decepção.

Entretanto, para o próprio Jarbas, nada se revelara pior do que o cheiro de formol, a mesma substância que, mais



tarde, viria a lhe faltar às veias, para que seu corpo rígido e frio pudesse chegar até nós. Até aí, na morte, quando tudo se mostra indiferente, mudo e quedo, atuou a adversidade, impedindo-lhe o retorno à terra amiga, ao convívio dos seus! O mesmo crepe que demarcou o fim de seu curso médico, parecia cobrir-lhe a alma, quando escreveu a 6 de novembro de 1932:

*Pensava não passar além de meus quinze anos  
e vinte e um já fiz eu nas dores dêste mundo!...*

*Só lamento, afinal, ser mau e tão profundo  
o abismo donde vim para os festins arcanos  
do nada que hei de ser. Do nada vagabundo,  
onde irão gargalhar meus belos desenganos!*

*...Mas pouco importa a mim se, acaso, nesse dia,  
— que eu devera, liberto, partir pela vida,  
não visse o grande sol no céu que se me abria...*

*A vida? é o grande mal!... É o mal de uma doença!  
A natureza, a dor — da dor desiludida  
e minha asa é um caixão carregando a descrença!"*

Durante algum tempo mais, até fins de 1932, andou êle assim, macambúzio, desanimado, acompanhado de imagens sinistras, contrariado em seus ideais, quiçá pela censura sofrida, decorrente do corte que determinara na carreira tão bem escolhida e iniciada.

\*  
\*   \*  
\*

Somente em 1933, entanto, é que se reabilitaria, experimentaria novas alegrias oriundas da esperança que desponta. Cheguei a ser testemunha do gosto e da dedicação com que se entregaria ao novo vestibular, agora para a Fa-

culdade de Direito. Durante noites e noites seguintes, passadas em claro, eu o vi em companhia de Paulo Machado meu irmão, a preparar-se para os exames que não tardariam, na varanda de nossa ampla residência na Rua Getúlio Vargas, hoje Colégio, tanto ali se falou em aulas, em provas, em exames orais, com a nossa mãe a acordar cedo, mesmo nas manhãs de inverno, a preparar o café que antecedia a caminhada, caderno e livros sobraçados.

Jarbas, familiarizando-se com as matérias da nova carreira, ao dia seguinte, com o raiar do sol, é que entrava um pouco, para sentar-se à mesa, a nosso lado. Servia-se com aparente cerimônia: o café, um pouco de pão com manteiga. Em seguida, um dedinho de prosa, e ia-se.

\*  
\*   \*  
\*

D. Amélia Augusta de Aguiar acostumara-se aos seus horários. É que não desconhecia os esforços dêsse rapaz franzino, esperançado, rico de ideais, bem como do seu talento, através das produções que lhe exhibia, em primeira mão, ao levantar-se. Exatamente como aquela vóvozinha, de que nos deu conta na história do "mestre coelho". D. Amélia reconhecia-lhe o valor, dedicando-lhe grande estima. Tanto que sua casa, para Jarbas, constituía o melhor refúgio para quantas contrariedades o atingissem. Chegara a ser a segunda pessoa, depois da saudosa mãe, demonstrando-lhe não só absoluta confiança, senão ainda máximo carinho e proteção, revelados principalmente no dia em que, para espanto de alguns e "arrepio" de muitos, recebera êle ordem de prisão. Viera uma escolta especialmente para prendê-lo, nesta cidade. Tornara-se insubmisso. Descuidara-se dos compromissos militares na devida ocasião.

\*  
\*   \*  
\*



E quando se obriga a valer-se do pai, novamente.

Ao procurá-lo, explica o fato ocasionado pela extinção do Tiro de Guerra, no Pedro II. Em dificuldade permanentemente, absorvido por inúmeras tarefas, deixara esgotar o prazo. E o resto estava parecendo ficar-lhe demasiado embaraçoso.

— Meu filho, daremos um jeito!

E, realmente, ao Sr. Cordeiro não foi difícil conseguir-lhe um certificado de 3.<sup>a</sup> Categoria, prestigiado que andava na agência de nossa principal ferrovia, a Estrada de Ferro Central do Brasil, ao tempo em que se podia contar realmente com ela, para os transportes, sem os perigos de hoje.

\*  
\*   \*  
\*

Lógicamente, teria o pai de conhecer os pormenores da situação de Jarbas, até a normalização de sua vida, no Exército.

Só não poderia avaliar como um Juiz de Direito, como foi o Dr. Tobias Dantas Cavalcanti, conseguira fazê-lo trocar de profissão. Desistir da Medicina para estudar Direito, com argumentos tão rápidos! Retornaremos aos começos de 1928:

Andava o estudante a freqüentar o curso médico regularmente, quando, certo dia, o Dr. Tobias, em exercício na Comarca, o Promotor doente, depois de colher informações aqui e acolá, sobre quem poderia ajudar o Ministério Público, numa acusação, manda chamar a Jarbas, em D. Amélia.

— Mas, senhor Juiz, sou estudante de Medicina!

— Não tem importância. O caso aqui é de talento!

E convenceu--o.

Chegada a hora, preparado o ambiente, silencioso o réu, atentos os jurados, lidas as provas, o Juiz dá a palavra à acusação. Jarbas empolga-se. As leituras da véspera, sobre matéria de Direito, estavam-lhe servindo.

A seguir, fala a defesa. Rebate a acusação. Opina o Conselho de Sentença.

O resultado final é que o réu é condenado à pena máxima.

— Não lhe disse que o caso era de talento? Depois de tão brilhante acusação a que nem faltaram conhecimentos de Direito Criminal, — redargui o Juiz — resta-me cumprimentá-lo e dizer-lhe que estou convencido de que sua verdadeira vocação é para advogado. Deixe a Medicina. Está a perder tempo.

E, entusiasmado, nomeia-o promotor *ad hoc*. Jarbas sorri, pela vitória.

\*  
\*   \*  
\*

De outra ocasião, quando os crimes perpetrados em Itaguaí eram aqui julgados, determinara-lhe o Juiz outra oportunidade. Sendo o réu marinheiro de menoridade, designa-o Curador. Surge o julgamento. E nada obstante o esforço da acusação, que lhe contraria a tese, por ilegítima, o réu é absolvido por unanimidade!

— O próprio Juiz duvida que o Conselho haja assim deliberado. Volta com uma indagação. É confirmada a absolvição unânime. Lavra então o Alvará de Soltura, não sem antes chamar a atenção do Curador, para essa nova habilidade.

Jarbas sorri novamente, mas, agora, como quem concorda com o Juiz, quanto à verdadeira vocação.

Seria esta vitória, na barra dos tribunais, o ponto final de sua carreira médica. Não sabia o Dr. Juiz que, presidindo aquela sessão, estava a colaborar para dois destinos: o do réu e seu patrono, ambos desejosos de sair dali libertos, em busca de grandes e alentadores ideais. De caminhos absolutamente novos.

Todavia, apesar de seus esforços, sempre a estudar e a trabalhar, a pouca sorte continua a persegui-lo. Jarbas pa-



rece personagem de um tema central. Inegavelmente, suas atividades, onde quer que as exercessem, lhe davam brilho, por demasiado caprichoso, pelo fulgor que seu intelecto merecia, mas o proveito econômico que auferia era verdadeiramente paradoxal, desalentadoramente irrisório. Nunca que obtinha o suficiente para as despesas, visto como andava algumas vezes em dificuldades. Norival Chaves cedia-lhe até o que quer que pedisse. Cristolino Chaves lhe emprestava gravatas e quejandos materiais de elegância, trazidos da Argentina. Nico, com quem dormia, no mesmo quarto, outros pertences. Vez por outra, havia um sururu, "isto é meu, não pode ser! É nôvo. Ainda não usei!" — Mas tudo depois serenava com a intervenção de D. Amélia, de par com o temperamento alegre e afável do próprio Jarbas, que terminava por levar tudo na pândega, culminando o entrevêlo com piadas, brincadeiras, etc.. Como nas repúblicas de estudantes.

\*  
\*  
\*   \*  
\*

Só não compreendo como um gênio assim pudesse ser tão atingido pelos maus fados. Inacreditável. Nunca vi Jarbas aborrecido. Mal-humorado. Revelar-se grosseiro.

Entretanto, como Inspetor Escolar, em substituição ao Professor Pariz, é exonerado da Prefeitura, ao tempo do Dr. Ricardo Xavier da Silveira. Obtém ganho de causa no Tribunal da Relação, em Niterói, mas não é reintegrado. Nem indenizado.

Escrivão *ad hoc*, no Cartório de José Bulhões, em substituição a Juvenal Pereira dos Santos, perde o lugar. Passando a Escrevente, no mesmo Cartório, deixa o ofício. Ao depois, chega a ingressar em firmas particulares, para serviço de contabilidade, como fazia na antiga Ferrovia. Não prossegue. Ouvi de uma ocasião queixar-se de que lhe pagavam pouco, pelo muito que exigiam. Talvez por isso, meio desiludido, viesse a buscar no baralho, no reino das

damas e valetes, nôvo mundo de esperanças, que tristezas não pagam dívidas, já cantavam ao seu tempo.

Em pouco, com as vigílias consecutivas em rodas de pôquer, principia a enfraquecer o já debilitado organismo. As noites em claro, descuidado da alimentação, a trocar as fichas pela refeição, começam a surgir as canseiras de quem luta apaixonadamente por uma só coisa: a sorte, o dinheiro que rola de um lado a outro, mas que nunca lhe chega bem, inteiramente fácil. Prosseguindo, primeiro despontam, osudadas, as maçãs do rosto; já o incomoda uma tosse. Depois, uma febre vespertina. Suores. Fadiga fácil. Em vez de tratar-se, continua a jogar.

Mais tarde, ao deglutir, passa a sentir fortes dores. Procura um clínico local. Os curativos lhe irritam mais a garganta, ocasião em que D. Amélia, mais uma vez preocupada, lhe aconselha especialista. Já era tarde. A tuberculose da laringe se havia instalado definitivamente, roubando-lhe a voz, a mesma que em outras épocas tanto lhe servira, quer no Tribunal do Júri, quer nas excursões do glorioso E. C. Iguaçu, entidade que representava com orgulho e satisfação.

Todos já anteviam seu fim. Lamentavam às escondidas, pensando que tudo êle ignorasse. Entre uma e outra esperança, lembraram S. José dos Campos, de bom clima. Ele concordou, para não incomodar ninguém, porém deixando antes êste bilhete, para surpresa geral, como a revelar a consciência de seu estado:

"D. Amélia: Muito obrigado por tudo quanto fêz por mim. A senhora foi uma grande mãe. Sei que não volto mais. Obrigado. Adeus. a) Jarbas."

\*  
\*   \*

Até sua última esperança, a política, militante que fôra em várias greis partidárias, se desvaneceu. Apesar dos sustos que tomara, por haver-se envolvido com o grupo que



organizara o movimento de 14 de dezembro, quando teve de esconder-se no Rio, refugiando-se no Bar Adolfo, hoje Bar Luis, nada lhe valeu. Os empregos que lhe foram antes oferecidos, como o da Recebedoria do Estado, êle mesmo os recusara, pelo poucos vencimentos. Demais, já estavam ocupados por Felipe de Lucca e Paulo Werneck. O seu único caminho, a esta altura, infelizmente, era o do Sanatório Rui Dória.

\*  
\*   \*  
\*

Como anteriormente confessara, a sua maior alegria na vida, fôra a de poder contemplar, em casa, os seus livros, na pequena estante de pobre! Concluira, tristemente, que o valor do trabalho, em geral, só se compreende ou se mede pelos resultados imediatos, em pecúnia.

Nova Iguaçu pouco lhe oferecida, nesses respeitos.

\*  
\*   \*  
\*

Sim, seus livros! Apesar de escassos, na estante de pobre, — conforme declarara — merecem citados, pela influência que exerceram em sua alma de poeta. Lê-se à página 28 de "Serpente de Sons", a relação: A Bíblia, a Imitação, Machado de Assis, Vitor Hugo, Freud, Eça, Byron, Le Dantec, Edgar Quinet, Ingenieros, Stuart Mill, Comte, Zola, Castro Alves, Lima Barreto, Dostoiewski, Balzac, Flaubert, Bossuet, além de muitos outros. Não obstante os muitos, dois, principalmente, exerceram influência capital em sua formação: Cruz e Sousa e Alfonsus de Guimarães, filiados à corrente literária a que êle, Jarbas, veio a pertencer: a dos simbolistas.

Pena é que não houvesse o amigo se impressionado com os versos de Luiz Delfino dos Santos, catarinense que viveu longa vida de médico até aos 76 anos, enriquecido na

profissão, falecido em 1910 e que até o fim nunca esquecerá que Apolo era a um tempo o deus da Medicina e da Poesia. Sem dúvida, Jarbas se sentia mal a fazer versos, como futuro médico. Daí o haver dito a seu pai encontrar-se longe da vocação. Ledo engano. Embora a sua atuação junto à Falange Artística e outras iniciativas, inclusive produzindo mais e melhor, após o ano de 33, em que ingressou na Faculdade de Direito, venha a confirmar tal suspeita, poderia experimentar as letras e a clínica, como lhe aconselhara o pai, e como fizera o próprio Luiz Delfino, tão simbolista quanto êle, só que inclinado, um pouco, para o parnasianismo. Unicamente numa coisa haveria de ser diferente: É que Luiz Delfino só teria seus livros publicados após a morte, posto que, está-se a ver, não tinha a sede da glória rápida, meteórica, de quem se encontrava em luta contra o meio, sovina para êle. Luiz Delfino possuía vida calma e controlada, talvez a razão de ser de todos os seus triunfos. E Jarbas, com número tão grande de amigos e admiradores, inclusive políticos que viam nêle bom orador, temperamento influenciável, começava a buscar sentido na opinião segundo a qual como advogado é que poderia dar expansão ao seu gosto literário, à sua cultura, ao seu bem-estar.

E Afrânio Peixoto? que foi professor de Medicina e literatura, historiador, romancista, filólogo, folclorista, um mundo de coisas tão diversas? Não ficou rico?

E Aluísio de Castro, recentemente falecido, que além de médico era escritor, poeta, músico, compositor, professor, além de ter inúmeras atividades, do mesmo modo que Miguel Couto, Jorge de Lima e tantos e tantos, inclusive o sábio Osvaldo Cruz, autor de inúmeros poemas, só não tomando posse na Academia de Letras, cadeira de Raimundo Correia, por haver falecido? Não deixaram herança, também?

Pena é que Jarbas não houvesse pensado assim. Porque poeta realmente êle o foi. E bom poeta. Amadurecido dentro da escola em que se firmou.



Simbolista na verdadeira acepção, não deixa dúvida quanto à influência que sobre ele exerceu o principal criador desta escola entre nós, iniciada em fins do século passado e começos dêste, na Europa. Cotejemos os versos de ambos e vejamos como são parecidos na forma, segundo a explicação de Andrade Murici em "Panorama do movimento simbolista brasileiro".

E quando parece mais clara a influência de Cruz e Sousa na formação estilística de Jarbas. Sendo provável até que, de sua estante, seja o autor mais compulsado, o mais anotado senão o mais absorvido, pois de outra maneira não se compreenderia em ambos a nostalgia do escurecer, da Ave-Maria, a melodia em surdina, a inclinação pelo sonho estático, a preferência de ambos para o agasalho do coração e para o espírito, que muita vez escondiam para dar lugar a uma linguagem difícil, as mais das vezes incompreensível.

\*  
\*   \*  
\*

E havia razão para imitá-lo?

Cruz e Sousa, segundo a opinião de muitos, inclusive de Agripino Grieco, o maior de nossos críticos literários, foi o mais instintivo e mais espontâneo dos poetas brasileiros, embora lendo pouco. Como um plagiador das coisas divinas, tinha em casa um dicionário e sua alma, seus principais artesanatos poéticos. Já hoje, entretanto, ninguém nega o pão da glória a este pobre Lázaro do festim literário, presidido por Bilac. E tanto quanto o valor de sua obra, o que nos seduz em Cruz e Sousa é o caráter de independência de sua vida. Aquêles que o viram sofrer e morrer no vilipêndio e na dificuldade, — inclusive Nestor Vitor, Carlos Dias Fernandes, Gonçalo Jácome — bem sabem que ele viveu segregado do mundo, a viver como os cristãos, no fundo das catacumbas. Depois de perder a esposa enlouquecida e quatro filhos tuberculosos, quase seguidamente, deve ter con-

versado com o Senhor, pelo milagre da purificação da alma, através da misericórdia divina.

Com Jarbas, sem poder penetrar nos desvãos de seu espírito, muita decepção e amargura devem de ter ocorrido, para que ele fizesse sua Musa cantar igualmente, no mesmo estilo, e dizer que "sua vida foi um mal. E o mal uma doença, a sua asa é um caixão carregado de descrença"...

\*  
\*   \*  
\*

O simbolismo, forma de expressão humana, não é apenas reflexo poético. Envolve a poesia, conduzindo-a para a lógica, colocando-a entre a verdade do naturalismo e as impossibilidades do parnasianismo, segundo alguns.

No simbolismo, não há metáforas claras. Nem em um, nem em outro. Usam-se apenas as lembranças vagas e misteriosas, o que conduziu muitos à extravagância, que só notamos, aliás, na prosa jarbiana. Muitíssimo pouco nos versos. Nesses, percebe-se a necessidade de esconder dentro da alma alguns dos segredos da própria alma, embora os sonetos hajam que obedecer, quanto à métrica, à mais rigorosa técnica parnasiana.

Vejam em alguns versos que trago de Cruz e Sousa e comparem principalmente as metáforas:

*"Infinitos espíritos dispersos,  
Inefáveis, edênicos, aéreos,  
Fecundai o mistério dêsses versos,  
Com a chama ideal de todos os mistérios..."*

*"Tudo! Vivo nervoso e quente e forte,  
Nos turbilhões quiméricos dos sonhos,  
Passe cantando, ante o perfil em sonho  
E o tropel cabalístico da Morte..."*



Em "Últimos Sonetos", do mesmo autor, sente-se que nêles bem poderia haver a assinatura de Jarbas, pela perfeita identidade entre ambos.

*Quem anda pelas lágrimas perdido,  
Sonâmbulo de trágicos flagelos,  
É quem deixou para sempre esquecido  
O mundo e os fúteis ouropéis mais belos!*

*É quem ficou do mundo redimido,  
Expurgado dos vícios mais singelos  
E disse a tudo o adeus indefinido  
E desprende-se dos carnaís anelos!*

*É quem entrou por tôdas as batalhas  
As mãos e os pés e o flanco ensangüentando,  
Amortalhado em tôdas as mortalhas.*

*Quem florestas e mares foi rasgando  
E entre raios, pedradas e metralhas,  
Ficou gemendo, mas ficou sonhando.*

Neste, o que diferencia um pouco a ambos é apenas a fluente continuidade, raramente encontrada em Jarbas, poeta mais castigado.

Em "Assim seja", de Jarbas:

*Fecha os olhos e morre calmamente!  
Morre sereno do Dever cumprido!  
Nem o mais leve, nem um só gemido  
Traia sequer o teu sentir latente.*

*Morre com a alma leal, clarividente,  
Da crença errando no vergel florido  
E o pensamento pelos céus brandido  
Como um gládio soberbo e refulgente.*

*Vai abrindo sacrário por sacrário  
Do teu Sonho no templo imaginário,  
Na hora glacial de negra Morte imensa...*

*Morre com teu Dever! Na alta confiança  
De quem triunfou e sabe que descansa,  
Desdenhando de tôda a Recompensa!*

Aí temos a poesia simbolista elevada ao mais alto teor filosófico, emocionante pela imagem e pelo pensamento, alçando-a ao maior dos sentimentos humanos, — a humildade — como procurou fazer entre nós, o autor de "Serpente de Sons".

Poderia eu, de outro modo, citar versos iguais de Alfonsus de Guimarães, Mario Pederneiras e até mesmo de Afrânio Peixoto — simbolista até certa altura de sua vida literária. Existem trabalhos a respeito, de Nestor Vitor.

Entretanto, não farei. Creio que o arrolado é mais que suficiente para o paralelo, a fim de que me possa aparecer tempo para dizer mais. Jarbas, embora mudando o ritmo, a cadência, a inspiração enfim, estava sempre em comunhão íntima de alma com a vida, indo às vezes à amada; outras vezes, à mocidade iguaçuana; outras, ainda, à caveira ou à angústia de ser torturado pelos grandes ideais, a marchar pelos caminhos inumeráveis da abstração.

Nem por isso, entretanto, deixou de fazer poesia ou de ser bom poeta, no melhor sentido, jungido que permaneceu aos princípios da corrente poética a que se ligou, por afinidade. Porque nela deve ter encontrado consôlo; nela deve ter buscado, com suas cordas sensíveis, a substância de seus sentimentos, a palavra que ensejou dizer, no tumulto de suas emoções, ricas e variadas.

\*  
\*   \*  
\*



Claro está que a Nova Iguaçu dêsse tempo, bem poética, com seu último boêmio, não poderia ser o centro industrial de hoje, variado e opulento, com as chaminés fumegantes, onde tudo se fabrica, desde os aços finos, às máquinas de terraplanagem, material plástico, máquinas de costura, produtos alimentícios, farmacêuticos, etc. Os criadores de tal indústria nem de longe poderiam sonhar com tal período em que tudo era mais simples, rústico mesmo, embora mais atraente, encantador. Tanto mais agradável quanto mais os pensamentos se voltam para as ocorrências preteritas, quanto mais me inclino para a Iguaçu de ontem, das noites alegres, ruidosas, bem felizes.

E como tudo anda diferente!

A Praça Ministro Seabra, da Liberdade, 14 de Dezembro ou que outro nome tenha, outrora mais bonita, não se resumia nas filas de paralelepípedos, no monumento que lá se ergue. Nela havia frondosos oitizeiros, dezenas de árvores copadas que a ensombravam em plena canícula, além das imponentes palmeiras imperiais que emprestavam ao local o aspecto majestático de que hoje não há nem vestígios. O chão, de saibro finíssimo, refulgente, nas noites de luar a constituir fundo claro, mais realçava os perfis notívagos dos jovens de então, Avelino de Azeredo, João de Almeida Barbosa, Mario de Andrade Jambo, Armando Sales Teixeira, Asdrubal Braga, Aires Roza, Alceu Bittencourt, Otacilio Amorim, Oberland Farrula, Caiuby Jambo, Luiz de Carvalho, Antonio Papaleu, Rosalvo Cintra Vidal, Ataíde Pimenta e outros, integrantes dessa última "memória" impressa em Nilópolis, nos Irmãos Berkowitz, e editada em 1935.

Já um pouco antes, dois lustros mais ou menos, Carmine Verderosa resolvera construir nosso primeiro Cine-Teatro Verde, com linhas modernas, mais espaçoso, aparelho de projeção Krupp, da melhor qualidade. Ao lado do título, uma rosa em relêvo, vermelha, que completaria o verde, como nas cartas enigmáticas. A tela enorme, elevatória,

além de ótimo pano de boca, em veludo verde, tinha ao lado as máscaras simbolizantes do teatro antigo, quando os intérpretes as afivelavam nos rostos e representavam somente a gesticular.

No pavimento superior, a que se ia pela escada à direita, é que se instalou, pela vez primeira, vindo da Rua Capitão Chaves, o E. C. Iguaçu. E em quantas, aí, Jarbas palmeou o lenço perfumado, para não tocar, com seus dedos sensuais, as costas virginais das damas? Quantas vezes, aí foram exibidos até tango, pela rapaziada alegre?

Em tal quadra, tudo nessa Praça se fazia notado. Possuiu seu coreto permanente para as retretas, audição popular de banda musical, muito comum aos domingos. Além dêsse, em períodos carnavalescos, faziam erguer outros, junto aos quais as famílias permaneciam sentadas nas cadeiras que conduziam até lá, não só para assistir aos desfiles, senão ainda as "batalhas de confete" em que suas filhas tomavam parte, marcando igualmente o ritmo de nossos sambas.

Três dias após, era impressionante a aluvião de serpentinhas e confetes, à sombra dos oitizeiros e "olhos de boi" que contornavam a Praça. Fui testemunha de um Carnaval em que a quantidade de resíduos foi tal, que me espantei. Passei a arrastá-los com a pequena botina, como somente conseguiria fazer, muitos anos depois, num dia de chuva e lama em que água e terra invadiram a farmácia e a residência do Sr. José Lopes de Castro.

O fim do reinado de Momo determinava ali, reinício de encontros entre os namorados. Quem quer que desejasse saber como progrediam os namoros, era só dar até lá um pulinho, depois das 19 horas. Lá encontraria os pares sentados naqueles bancos de ferro, resistentes, com duas tábuas bem lisas para o assento e uma para o encosto; os espaços, muitos aproveitariam para, furtivamente, dar massagens nos braços gordinhos e macios das garotas.



Depois que estas se retiravam, por volta das nove, apareciam os boêmios para as madrugadas, com violão ou sem êle. O bate-papo também era gostoso, para rememorar festas, simples reuniões, partidas desportivas, política, ocorrências pessoais, um sem-número de fatos. Ou para se rirem com o Jonjoca, que já vem atravessando gerações.

Aos domingos, entretanto, Nova Iguaçu transmudava-se. Quem nos conta é o próprio Jarbas, em seu livro, no capítulo I, página 1:

"12 horas.

Meio-dia de cidade do interior; Nova Iguaçu realiza a "urbs" no sentido romano do termo: é a cidade dentro da roça.

No Bar Brasil, Avelino me entregou "A Crítica" — jornalzinho da mocidade iguaçuana — cuja leitura iniciei quando da passagem de Mariazinha, pelo passeio fronteiro do bar.

Com certeza, pelo artístico "breviário" que conduzia: a nossa Mariazinha, viera de assistir à missa das onze.

Fantasia de motivos orientais, ao vê-la, naquela hora: acreditei-me estar diante da mais formosa silhueta japonesa, como um sonho de lago azul encantado, que alguém se lembrasse de encerrar num casulo de crepe-cetim cor-de-rosa!"

E, mais adiante (página 23): "Na Rua Marechal Floriano há poeira e calor. Transeuntes retardados entram no açougue *União* a ver se ainda conseguirão um retalho de "alcatra" para o "beef" do ajantarado; enquanto moçóilas há que se vão, contentes, com suas braças de murchas hortaliças".

"Na Feira, vazia, trepida o caminhão do Dino pondo em polvorosa o enxame de môscas que o persegue, esfaimadamente, com orfeônicos zumbidos: hora da Limpeza Pública...

Não é que o Avelino continua varando ruas no firme propósito de completar a distribuição de "A Crítica", entre os seus inúmeros assinantes?

Um dos raros idealistas da imprensa, o Avelino".

E, a seguir, fala de uma festa maravilhosa no "Packing House", de Manuel de Andrade. Festa que lhe ficou na retina, para sempre.

Sem dúvida que os pontos de reunião, àquele tempo, eram apenas dois os principais: o Bar Brasil, de Pascoal Testa e o Bar Elite, do Sr. Agostinho de Carvalho, lugares que tanto Jarbas como seus amigos honravam com suas presenças, posto que dali é que saíam os temas para as composições poéticas como o soneto "Mariposa", composto na mesa que perto se encontra, além de outros reunidos em "Serpente de Sons", cujo pórtico se abre assim: "sonhos azuis... quimeras douradas... constelações de esperanças... ritmos encantados... asas à iluminura... matizes paradisiacos... idade de olímpicas grandezas... céu... terra... mar... beleza... e imensidade..."

Os bares Elite e Brasil, àquela época, em Nova Iguaçu, eram uma espécie de Confeitaria Colombo, no Rio, — onde igualmente se congregava a mocidade boêmia da época, constituída de Olavo dos Guimarães Bilac, Paula Ney, que também viria a trocar a Medicina pela Poesia, Emilio de Menezes, Pardal Mallet e outros, improvisadores de versos para as disputadíssimas balas de estalo.

Se aqui, em Nova Iguaçu, da parte de muitos, houvesse a compreensão e a elasticidade de espírito atual, nesse período áureo da Poesia, ter-se-ia verificado, embora em edição menor, a mesma ocorrência literária do Rio de Janeiro. Pois é de movimentos assim que partem os influxos de estímulo para as legítimas vocações. Sente-se, pelas descrições de Jarbas, que havia nêle e nos amigos certa avidez literária, desejo de análise e especulação filosófica nas palestras entretidas, de par com a vida boêmia, solta, numa cidade que começava a dormir às vinte horas.

"Vivemos às últimas horas de uma segunda-feira" — diz à pág. 55.



"O Restaurante Brasil, vazio. Hora de perfeito recolhimento. Cadeiras empilhadas, mesas desatoalhadas... baldes... e escôvas... vai-se proceder à limpeza.

Enquanto namora o cálice de "aperitivo" que o Betinho lhe servira, pede a palavra o Dr. Rosalvo:

"Tua mocidade, Wilton Jorge, longe de viver a sua hora, vibra pelo caminho árido da Política, no qual os cardos da perícia se açulam, na emboscada e na postergação das liberdades — a ferro e sangue conquistadas, contra tua voz de *niño* idealista.

"Sou pela liberdade, na ordem, porque a violência é inimiga da verdade — segundo a doutrina sublime do formidável Rui Barbosa; daí, minha estranheza!"

"O ligeiro esplendor de Nova Iguaçu nasceu das insônias de seus momentos de periclitacão, na luta que ela vem sustentando contra os poderosos reis da aldeia; carradas de razão deve ter, quando olho a alheamento da mocidade pela "hora local", como uma espécie de ingratidão consciente, tanto mais agravada esta, quanto mais nos detivermos a considerá-la".

E outras opiniões vai tecendo, o autor, na reprodução das "memórias" de tal tempo, grande pela sua atuação, a encher a vida de todos os locais com sua inspiração, publicada dominicalmente em "A Crítica", do Avelino, e, ao depois, em livro.

E quem melhor do que ele próprio para relatar tanta coisa, sobretudo o espetáculo e plataforma local, ao tempo em que a nossa única condução para o Rio era o trem? No qual, à hora do embarque, todos procuravam se identificar ou tomar conhecimento dos que se dirigiam à Capital? Ocasão em que a maioria se esmerava, as senhoras se empoavam exageradamente, usavam todos os seus adereços, chapéus, luvas e quanta coisa havia, visto como a viagem era realmente longa, tranqüila, pontual, mesmo com aquela quantidade de resíduos de carvão a ameaçar a alvura dos trajos...

Deixo que ele relate melhor: "São 9 horas e 23 minutos. O combôio não tarda a largar, desenfreado, com destino à Capital da República. Sou dos passageiros de última hora.

A estação de Nova Iguaçu, movimentada, oferece-nos detalhes novos em seu panorama.

Está aberto o sinal para partir!

O sol, dentro do carro, fastasmagoriza auras e acácias sobre nossas cabeças.

Viagem alegre: anedotas sobre a Guerra Civil, lembradas pelo Dudú; um "palminho de cara" interessante e mais as conquistas de Mario Jambo — o irresistível galã das Gretas Garbos e Marlenes, que costumam de embarcar em Mesquita, Nilópolis e em Anchieta..."

\*  
\*   \*  
\*

A casa em que o poeta residia, aqui, com os irmãos Chaves, "pelo muito que haveria de lhes hipotecar, ainda, em gratidão", — diz na obra — era uma mansão alegre, cheia de gente, rodeada de belíssimas e virentes fruteiras, sempre carregadas. Era um chalé claro, num solo escuro e fértil, que hoje tomou o número 1.448, na Rua Marechal Floriano. A irmandade, ali, já era grande. Mas haveria lugar para mais um, de quem D. Amélia Augusta de Aguiar, a dona da casa, tanto viria a gostar. Jarbas encontrava mais motivos para nela ficar, do que na Rua Marechal Bittencourt, 125, Distrito Federal, onde seu pai se fixara, para seus estudos:

"Muita vez — confessa à pág. 29 — desviado do lar paterno porque tanto exigia meu idealismo, tarde da noite, às dez horas, cansado de viagens maçantes à Capital, — desço, novamente, no combôio que parte para Nova Iguaçu às 23 horas, 16 minutos, movido dêsse amor sugestivo".

"Aqui, fico-me, castigado fisicamente, abatido, sonolento, — hora e meia, diante de ti minha estante de acadêmico



pobre, a olhar meus livros; depois, não sei por que? — adormeço, satisfeito, como se tal contemplação houvera realizado meu sonho gigante de felicidade!...”

“Não sou o empedernido de coração, de quem falam por aí...”

\*  
\*   \*  
\*

Nesta mansão amiga consegue transformar os moradores em irmãos. Tanto que a dor da separação, que a doença acabara de impôr, inexoravelmente, com tôda a sua crueza, levava rapazes ao desespero. Após o bilhete à D. Amélia, em despedida eterna, comovedora, conduz um a um às economias, a buscar os recursos para o enfêrmo que jamais voltaria. E oferecem-lhe desprendidamente a importância de oito mil cruzeiros, bastante dinheiro àquela época. Porque, o que desejavam, antes, era o seu restabelecimento. Que nada igualmente lhe faltasse, já que a chama, o círio de sua vida estava a extinguir-se.

À mente sensível de todos, começava a acudir a lembrança do bom e magnânimo amigo que êle fôra, o inconfundível estudante, sempre gentil e esperançado, caprichoso e educado. As brigas que tiveram, eram nada ante a certeza daquela dura e demorada separação. Que pena! não poderem mais ceder aquelas gravatas do Tatú, os pregadores que Cristolino trouxera da Argentina, em última moda, enfim, as peças tôdas com que, não raras vezes se enfeitava êle para aparecer elegante às amadas iguaçuanas, às primeiras horas da noite! Que tristeza vir êle a faltar para sempre, às consoadas alegres, às vésperas do Natal, à base de rabanadas gostosíssimas, saladas de frutas e vinhos capitosos, finos, juntamente com seus amigos!

E agora, após tanta luta, restariam sòmente seus livros e o gorrinho de meia que lhe fixava o penteado liso, brilhoso, além de suas histórias que ainda cortam o Município, ligadas aos melhores anos de sua vida!

\*  
\*   \*  
\*

Acordar tarde — que bom! — era um de seus hábitos que permãecera até o fim, perfeitamente tolerado e compreendido por D. Amélia, que via aquêlê rapaz permanentemente em vigília. Acostumara Nico a ler e dormir com a luz acesa. Claro está que umas vêzes era porque se recolhia tarde. Mas, pelo muito que fazia, a vida modesta que levava, — que custava a ela permitir-lhe tal prazer!

O café, servia-o quase que invariavelmente à 1,30 da tarde, pacientemente preparado, com carinho e gôsto, depois de avaliar-lhe a temperatura, a quantidade de açúcar, tal como o poeta gostava. Ao mesmo tempo que lhe entregava a xicara, recebia versos para ler. Era a primeira, antes do jornal, a ler qualquer publicação. O que Jarbas escrevia de véspera guardava no bôlso do pijama, até o dia seguinte, quando a ela exhibia, para ouvir-lhe a opinião e manter uma palestra, qualquer que fôsse.

Assim, D. Amélia era a primeira de suas leitoras. E admiradoras. A criatura que, graças à sua grande bondade, permitiu-lhe permanecesse em Nova Iguaçu até o tempo que bem desejasse. Porque pressentia o valor daquêlê rapaz, pobre, é verdade, mas de uma pobreza rica, como a que levou Omar Khayyam ao reino da glória, na poesia universal.

Omar Khayyam também nada tinha, senão os mesmos sonhos de poesia e saber. Aluno que era de famoso professor, combinou com seus colegas Nizam al Mulk e Hassan ben Sabbah, êstes desejosos de riquezas materiais, que, dos três, quem primeiro enriquecesse, ajudaria os demais. Aceitam. E, apesar de morarem juntos, cada qual, depois, segue trilhas diferentes. Nizam, torna-se grão-vizir do sultão. Hassan, ajudado por Nizam, enriquece igualmente.

Quanto a Omar Khayyam, porém, a quem o Destino concedera apenas os dons da Poesia, e sòmente da Poesia, so-



licitara aos dois afortunados, exclusivamente os meios de escrever e estudar.

E os três morrem, anos depois.

Nizam e Hassan falecem ricos. Porém, brigaram por causa da fortuna.

Quanto a Omar, que morreu pobre, deixou um dos maiores tesouros da literatura universal, os *Rubaiyat*, verdadeiro poema de glorificação ao amor, à canção, ao vinho, à vida, enfim.

Traduzido, ao depois, por Eduardo Fitzgérald, veio a tornar-se uma das maiores jóias da literatura inglesa. Eternizou-se, com os sonhos iguais aos de Jarbas...

\*  
\*   \*  
\*

Naquele ano de 1933, depois do desvio de 180°, relativamente à carreira inicial, nota-se profunda alteração em suas atitudes. Jarbas parecia haver-se encontrado a si mesmo, não se sabe bem se por sugestão. Já falava que, em breve, a justiça se faria ao "moleque", como diziam por aí. (pág. 59).

E funda a "Falange Artística e Literária", de êxito retumbante, naquêle mesmo ano de aprovação no vestibular de Direito. "A Crítica", de Avelino de Azeredo, de opinião acatadíssima, em seu noticiário de 14 de agosto, chega a considerar o evento como verdadeiro triunfo para a união da família iguaçuana, acrescentando, ainda, em sua primeira página, com grande relêvo: "O E. C. Iguaçu disse, em alto e bom som, de quanto é capaz, impondo-se dêste modo como dos primeiros clubes do Estado do Rio. A Nova Iguaçu, decantado por suas assombrosas possibilidades, também possui um espírito à altura da época em que vivemos. A cidade dos pomos de ouro não podia fugir à sua predestinação gloriosa. Assim, por ocasião da festa inaugural da "Falange", vimo-la tôda encantamento e esplendor, comprimir-se no majestoso salão do E. C. Iguaçu para seu deslumbra-

mento espiritual. Sua representação nessa noite proclamou o suave enlêvo de seu sorriso e a graça bendita de seu gôsto artístico.

Dos números do programa, ressaltar-se o melhor equivalente a exaltar-se a todos: Herculano de Matos, Sebastião de Arruda Negreiros, prefeito municipal, Laura de Assis, Léia Pinto Machado, Jacira e Joventino Borges, Aixa Soares, Ruth Matos, Maria de Lourdes Almeida, Manoel Brandão, Anita Alarcão, Os Thersos, Paula Chaves, Berilo Neves, Nelson Magalhães, Dr. João de Almeida, Gastão Costa, Asdrubal Braga, Orestes Correia, Antônio Magalhães, todos enfim, ótimos. A visita de Gilka Machado, Eros Volúcia, Benjamim Costallat, Carlos Maul, Gil Santiago, Gastão Lamounier, Sarmanho Arrais, por si sós, valem como uma vitória. João Guimarães, nesse dia, realizou o milagre da fascinação".

Nesta altura, Jarbas, bêm mais alegre da vida e confiante em si e no futuro, começa a agir masi firme e despreocupadamente. A produzir mais. A ser mais procurado, outra vez, não obstante sua permanente solicitude. É quando principia a receber nova influência de maior número de amigos, inclusive de estudantes de Direito, que passam a surgir em muito maior número: Rosalvo Cintra Vidal, Wilton Garcia Ramos, João de Almeida Barbosa, Ataíde Pimenta de Moraes, seguidos de Paulo Machado, Astor Tavares Allemand, além de outros que faziam parte de sua imensa lista de amizades.

\*  
\*   \*  
\*

Êsses e outros mais é que lhe faziam companhia naquelas noites inesquecíveis da juventude, principalmente à casa do Sr. Vicente Giffoni, na Rua São Manoel, onde se realizaria grande baile. Jarbas, ao sentir-se estudante novamente, calouro feliz, identificado com o curso, arrasta seus amigos para lá. Iria ser inesquecível, como o foi realmente. Pois o êxito alcançado resultou tão retumbante, tão aplau-



dida foi à sua palavra à família, que os anfitriões, agradecidos, insistiram para que todos voltassem em data próxima.

\*  
\*   \*

Na Praça da Bandeira, tempos depois, marcaria outro tento na residência de um coronel do Exército, seu admirador. Em meio a cadetes e oficiais, após entusiástica oração ao aniversariante, em resposta, ouviu-o dizer, com emoção, "que os amigos de Jarbas Cordeiro, de Nova Iguaçu, seriam sempre bem-vindos à sua casa!" Ao depois, foram todos disputados pelas garotas mais belas da festa, juntamente com a oficialidade!

\*  
\*   \*

E assim como aos bailes, comparecia às excursões do E. C. Iguaçu, que sempre representava.

Em Resende, marcaria o maior tento de sua vida, como orador oficial. Tiveram de buscar um deputado da localidade para responder a êle. À noite, chegou a ser visto entre as môças, a distribuir autógrafos, como qualquer artista célebre de cinema ou de teatro, encantadas que ficaram com o programa que elaborou.

Logo após o brilhante discurso, promoveu hora de arte tão requintada, escolheu produções tão boas, que as jovens não se contiveram em suas manifestações, abraçando-o efusivamente...

\*  
\*   \*

Em Paraíba do Sul, outra localidade a que o Combinado "Trem Azul", do E. C. Iguaçu, muito ia, revelou-se, além de bom representante, magnífico estrategista. Como o escalão

se mostrasse demasiado fraco, com elementos que nem eram do 2.º quadro, pois que lá haviam ido unicamente para namorar, Lilico, Papaleu, Jarbas, Ari Barbosa e Nilo Belém, lançou mão de recurso inteligente. Tendo de aproveitar a todos, exclamou:

— Olhem que o pessoal mais fundo não pode bater bola antes da partida! Senão, de início, irão conhecer os pontos fracos do nosso time!

E por isso ou por aquilo, o "Trem Azul" venceu. Jarbas, também.

\*  
\*   \*

De volta a Nova Iguaçu, tempos depois, se mostrava numa roda com Ari Barbosa, Mario Jambo, Rosalvo Vidal, Oberland Farrula, quando lhe falaram de grande baile na Posse, com orquestra e tudo.

Oberland, que estava com o automóvel, não criou problema. Antes, resolveu-o. Conduziu a turma até lá. Muito conhecidos, ingressaram todos, como sempre.

Mario Jambo, àquela altura, gostava de chope. Mas não daria para êle, a noite inteirinha.

Resultado, manhã cedo, sol meio alto, de volta, reclama o estômago vazio.

— Com tanto pão fresquinho nas janelas? — mostra o Jarbas.

Mario, inteligente, compreendeu-o num relance. Porém, quando empunhava o primeiro, eis que o proprietário aparece!

E êle, expedito:

— Padeiro!

\*  
\*   \*



Estoutra passagem ocorreu na residência de solteiro de Luiz de Carvalho, na Rua Iguaçu.

Dia de seu aniversário, 17 de agosto de 1934, D. Adelaide, sua mãe, resolvera promover grande almoço.

— Ó Luiz, não se esqueça de convidar o Dr. Jarbas!

Não sabia a senhora que ele, entre outros títulos, defendia o de "grande garfo". Adorava galinha, que denominava — "a penosa".

Preparada a mesa, lugares ocupados, começa D. Adelaide a servir. Primeiro, Jarbas: galinha ao molho pardo e fritas; depois, farófia. A seguir, outros quitutes, e outros. Volta a senhora novamente:

— Aceita mais, Dr. Jarbas.

— Sim, senhora! Está muito bem preparada a penosa. Corre a mesa.

Retorna a ele, que novamente aceita. Completa a volta:

— D. Adelaide, a senhora é perfeita...

Findo o almoço, D. Adelaide só lhe diz isto:

— O senhor tão magrinho, hein?

— É um caso sério a gente ter o estômago deslocado...

E a gargalhada prolongou-se até o final da sobremesa...

\*  
\*  
\*

Permanentemente rodeado de seus amigos, pouco descansava.

De rodas como esta, partia em demanda de outras, às vezes, tarde da noite, inclusive na Rua Marechal Floriano, onde residia o Sr. Magalhães, em horas de serenata. Como não possuísse voz, para encantar, convidava o Ladislau Santana, genro de D. Sebastiana, também exímio tocador de violão, com todos se prolongando até madrugada alta, a ouvir "Mimi", "Íntima Lágrima" e "Nênias", de sua preferência...

\*  
\*  
\*

Na noite de 6 de janeiro de 1939, comemorativa da formatura de três iguaçuanos ilustres, Paulo Machado, Astor Tavares Allemand (advogados) e Alfredo Soares (médico), fôra ele escolhido para orador, no bar, promovido a restaurante, situado na rua Getúlio Vargas, em frente à igreja de S. Jorge, de hoje. Àquêle tempo só havia o vestígio da praça que lá se encontra.

Sob o prato de cada um dos convidados, eis o acróstico que ele preparou:

#### AO PAULO, ASTOR E ALFREDO

*Pedagogo, ex-menino e "tão gordinho",  
Acabas de encontrar, no livro austero,  
Um láureo e derradeiro "capelinho";  
Luta por ele e sê, mesmo velhinho:  
O Paulo ativo e bom, nobre e sincero!*

*Alguém te conheceu, nos tempos de menino,  
"Soldado de papel", prendendo o gurizada...  
Tens, no dedo, um rubi: enfrenta a caminhada;  
Olha o incerto amanhã e mostra-te à vontade,  
Reto, no teu dever, mas, certo, na amizade!*

*Antigo caçador de rôlas inocentes,  
Levava, a tira-colo, um saco de balinhas,  
Fabricadas, talvez, com massas excelentes;  
Reverso da medalha: — Um dia de esplendores...  
E, agora, o nosso Alfredo — amigo dos doentes,  
Doutor, em medicina, anima os sofredores,  
Opéra corações e cura criancinhas!*

O mais interessante, nessa noite, foi a improvisação que fez, ligada ao esquecimento do cozinheiro, por haver deixado milho no papo da galinha! Ele que gostava tanto de um "papo"!...

Pelo visto, o jantar foi bem informal...



Este foi o boêmio, o noctívago que nos reuniu, nestas páginas, depois de tanto haver amado a nossa terra, de muito haver procurado fazer por ela, assim no setor cultural como até mesmo no político.

Entretanto, a política muito pouco lhe serviu, como já vimos. Melhor será dizer: nem esta lhe melhorou a vida, não obstante os sustos, ao envolver-se no movimento que naquela noite de 14 de dezembro o fez chegar tão tarde, espantado, depois de várias ligações telefônicas, a fim de saber do desfecho, visto como o Exército interviera, vindo em caminhões com metralhadoras...

Como ele mesmo o dissera, a sua única alegria na vida, foi poder contemplar seus livros na estante de pobre! Sim, os livros, os únicos companheiros proporcionadores de seus mais felizes instantes.

Leitores: Histórias como esta, singela mas expressiva em seu conteúdo, na sua grande significação, sobretudo para os presentes, não pertencem apenas ao passado. Elas se repetem em todas as épocas, de quando em quando, para apresentar seus poetas, como Jarbas, seus santos e benfeitores, seus heróis do trabalho, da inteligência e da justiça.

Ao encerrar este ciclo a que se ligou Jarbas Cordeiro, quero mais uma vez acentuar que será sempre lembrado, sobretudo pelos que viemos a conhecê-lo ao longo de sua caminhada nesta cidade, onde tangeu a lira com todas as veras e seu sentimento de amor, com todo o seu forte estro, enfim. As velas que o iluminam hoje brotam da luz de nossos olhos, de nossa crença no que tão bem soube ser, com o caráter de independência que procurou imprimir ao seu espírito.

Embora de nós separado, arrastado para as profundezas da terra, que o abraça, como bom homem que foi, amigo de seus amigos, incompreendido em alguns lances, retornou por instantes à nossa companhia, graças ao esforço de companheiros, sobretudo da Arcádia Iguaçuana de Letras.

Como um naufrago que desceu ao pélagos, envolvido pelo turbilhão da vida, há de retornar mais radioso e en-

solarado, como a própria natureza o trabalhara, cheio de luz e de talento. Não poderá continuar onde somente a noite atua, sem a companhia dos que sempre gostaram de ouvi-lo, nesta terra, — como ele o disse — de olímpicas grandezas... Porque se sua figura foi-se definitivamente, permaneceu intacta a sua essência, através de suas obras que Nova Iguaçu guardará de maneira indelével, como primeiro presente de joalheiro fino e produtivo, que ela conheceu tão de perto pela primeira vez. Seus versos se juntarão ao nosso patrimônio e, a partir dessa data, ele será mais nosso do que o era antes, do mesmo modo que se torna mar a água que regressa ao oceano, lançada pelo rio. Porque foi em Nova Iguaçu que teve seus primeiros sonhos, que teceu seus primeiros madrigais, com tudo o que o estro lhe ofereceu, até o fim. Este solo, que lhe forneceu tanta inspiração e até mesmo a substância de seu próprio desgaste, precisa agora, arrependido, prosternar-se ante fabulosa sensibilidade de esteta, cobri-lo de flôres, as mesmas que brotam aqui em florações magníficas e que tantas vezes cantou em sublimes oblações às suas amadas.

Durante vinte anos não fez outra coisa senão intervir em nossalma, revelando aos corações iguaçuanos o outro lado da vida, onde moram os sonhos e a poesia que eleva, que aproxima os homens dos deuses.

Pena é que houvesse partido tão cedo, em plena mocidade, aos trinta e cinco anos, quando todos começam a se preparar para os grandes percursos.

Esse, o motivo da grande dor, talvez o único. Porque, no mais, imprimiu a certeza de que possuiu um espírito evoluído, superior, trabalhado pelo sofrimento e pelo conformismo, sem uma palavra mais dura, sem uma mágoa, sequer.

E assim que vejo essa alma que me serviu um dia, tocada de extrema solicitude, conduzindo-me, em uma noite de pingue-pongue, ao mundo misterioso das artes.



Ao retornar, aqui, ao ponto de partida, trazendo à mão a chave simbólica de seu funeral, desejo agora fechar o círculo de sua vida, mas, antes, espargindo, com a oportunidade que esta inesquecível hora me oferece, os sons melódiosos de sua "Elégia Final", composta numa manhã de 19 de agosto de 1932, mas como se a houvesse preparado para os que o sentem aqui, por o haverem conhecido e estimado:

*Relicário de amor, nos meigos corações,  
de flôres divinas de seu lindo festim.  
Foram todos vocês, enfim, recordações,  
do dia mais feliz e eterno para mim!*

*Pedacinhos do céu, de minhas orações,  
vivia de você, meu láureo querubim!  
E agora, tristeza azul das solidões,  
parace uma mortalha a luz de meu jardim!*

*Aqui, tudo mudou! Da ingratidão que cobre  
a mentira no amor sorrindo, rosicler,  
jamais eu guardarei lembrança ou côr, sequer!*

*A esta que morreu que é rica e não mulher,  
neste sonho final dum coração que é nobre:  
— Levem vocês, portanto, o meu coração de pobre!*

F I M



Composto e impresso nas oficinas da  
CIA. BRASILEIRA DE ARTES GRA-  
FICAS, à Rua Riachuelo, 128 - Rio (GB).

.....

clécio de traçar paralelo muito expressivo entre os seus versos e os de Cruz e Sousa, de Luiz Delfino e de outros poetas que o teriara influenciado, fazendo reviver por outro lado a Nova Iguaçu antiga não só nas várias passagens da existência atribulada do intelectual boêmio, como nas transcrições curiosas sobre a nossa cidade de há 20 anos.

Em seguida à conferência, a Prof.<sup>a</sup> Elizabeth Perrone declamou com muito sentimento quatro poesias de Jarbas, muitíssimo aplaudidas, como sói acontecer com as composições interpretadas pela consagrada integrante do Teatro Experimental Itália Fausta, sem favor um dos mais notáveis valores artísticos de Nova Iguaçu.

Fêz-se ouvir no final, em agradecimento, o pai do poeta, o qual se mostrara visivelmente comovido não apenas no decorrer da palestra como durante os números de declamação. Em poucas e nervosas palavras o Sr. Manoel Jacinto Cordeiro de Sousa relembrou o amor do filho pelo E. C. Iguaçu e por Nova Iguaçu em geral, para declarar-se perfeitamente sensibilizado pela homenagem, sem dúvida justíssima, àquêle que pode ser considerado lidimo expoente de uma época de nossa evolução cultural.

CIAL BRITO

.....



## PRESTIGIEMOS O TEATRO. IGUAÇUANO

O teatro — quando é bom — sobrepára muito acima do bem e do mal, acima do crédito e da promissória como uma realidade muito mais objetiva e útil do que certos grupos sociais elegantes, sofisticados, que nada fazem pelos outros, agindo em círculos pretensamente fechados...

O TEIF, TEI, LL e outros grupos mais, abertos, são um convívio como já se viu a Pirandello, Shaw, Sófocles, Pedro Bloch e outros mais.

Nova Iguaçu precisa de teatros e companhias teatrais, pois é no palco que a cultura do mundo se expõe. A vista de todos, a literatura, enfim, pode ser vista e ouvida.

Muito mais fácil do que ler um livro é assistir a uma peça, pelo que é verdadeiro afirmar-se que a simpatia pelos grandes autores começa no teatro. Há que mostrar a vida, antes de reduzi-la a romances folhudos.

Entre nós, sobretudo iguaçuanos, ainda tateantes na arte representativa, hemos que tocá-la e apalpá-la bastante. Pela incultura de muitos, embora na primeira plana da sociedade, e sobretudo pela preguiça intelectual da maioria, tornamo-nos uns Tomás da icéia: gostamos de ver para crer.

Isto pode parecer um absurdo. Mas é a mais palpável das realidades. O iguaçuano, de si, não é muito crédulo.

Agora, entretanto, que o movimento teatral começa a evoluir verdadeira e intensamente entre nós, já podemos amar Elisa — aquela mulher que Shaw trouxe da sargeta para a sua peça Pigmalião, — sentir e conhecer a história de Galatéia.

E muita coisa mais há.

Um teatro que funciona, enfim, é sempre uma esperança a mais. É como uma pálpebra que se abre à vida dos olhos de cada um de nós. — D.

Assembléia Legislativa, Niterói, 22 de novembro de 1960.

Ofício A/56.

Senhor Deoclécio Dias Machado Filho:

Tenho o prazer de levar ao conhecimento de Vossa Senhoria que esta Assembléia, em sessão em 16 do corrente, inteirou-se da seguinte MOÇÃO:

"Ao ensejo da apresentação, na Arcádia Iguaçuana de Letras, da peça teatral "O IGUAÇUANO" no dia 12 do corrente, manifestamos os nossos encômios e aplausos ao seu brilhante autor, Dr. DEOCLECIO DIAS MACHADO FILHO, bem como ao seu Diretor Teatral, de Música e ao seu elenco, pela magnífica apresentação de tão notável peça, cujo nome "O IGUAÇUANO" — traduz o seu enredo. SALA DAS SESSÕES, 16 de novembro de 1960. aa) ARY SCHIAVO, Luiz Guimarães, Gouvêa de Abreu, Walter Orlandini, João Silveira, Rubens Ferraz, Miguel Couto Neto, José Haddad e Geraldo Di Biase."

Valho-me do ensejo para apresentar a Vossa Senhoria protestos de elevada estima e consideração. — OSCAR FONSECA, 1.º Secretário.

Câmara Municipal de Nova Iguaçu, 17 de novembro de 1960.

Ofício n.º 227/60-P

Ilustríssimo Senhor:

E-me grato comunicar-lhe ter sido aprovado neste Legislativo Municipal um requerimento de autoria do Vereador Jorge Ayres de Lima e outros, solicitando a inserção em ata de um voto de congratulações a V.S. pela autoria da peça teatral "O IGUAÇUANO", recentemente representada na Arcádia Iguaçuana de Letras, e que retrata a vida de um dos mais ilustres homens de nossa Terra — Rangel Pestana.

Juntando aos demais os meus mais sinceros aplausos, aproveito para apresentar-lhe meus protestos de estima e consideração.

DR. WALTER FARIA PACHECO, Presidente.